

Valdeci da Silva Cunha

Oswald de Andrade: da “deglutição antropofágica” à “revolução comunista” (1923-1937)

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

2012

Valdeci da Silva Cunha

Oswald de Andrade: da “deglutição antropofágica” à “revolução comunista” (1923-1937)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Dra. Kátia Gerab Baggio

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

2012



Dissertação defendida pelo aluno **Valdeci da Silva Cunha** em **02** de **março** de **2012** e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. **Kátia Gerab Baggio** – Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. **Rodrigo Patto Sá Motta**
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. **Jorge Luiz Ferreira**
Universidade Federal Fluminense

907.2 Cunha, Valdeci da Silva
C972o Oswald de Andrade [manuscrito] da “deglutição antropofágica” à
2012 “revolução comunista” (1923-1937) / Valdeci da Silva Cunha. -2012.

156 f.

Orientadora: Kátia Gerab Baggio

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências.

1. Andrade, Oswald de, 1890-1954. 2. História – Teses 3.
Antropofagia – Teses. 4. Identidade social – Teses 5. Intelectuais –
Teses. 6. Comunismo e intelectuais – Teses. I. Baggio, Kátia Gerab. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia. III.
Título.

Mas que se deve fazer então? Abandonar o trabalho humano porque as suas fontes estão envenenadas? Nunca! Bastaria organizar uma sociedade onde cada um pudesse seguir a sua própria vocação, onde cada um tivesse a liberdade de se orientar, se educar e escolher. O trabalho assim exercido deixaria de ser uma condenação e um cansaço. Para que cada um se encontrasse no dever e se sentisse feliz cumprindo a tarefa social que elegera. Nas sociedades algemadas isso é impossível porque não há saúde para todos, quanto mais educação para todos. O que há é fome e desgraça para a maioria.

(Oswald de Andrade, “O sentido do interior”)

Somente num campo se pode falar de autêntico internacionalismo de esquerda dos intelectuais: e é significativo que tenha sido o da literatura e da arte. A relação delas com a política de esquerda não se devia tanto à reflexão teórica quanto à inserção apaixonada, mas às lutas daquele período, dos que as praticavam ou cultivavam. Entre a arte e a esquerda se haviam construído fortes laços no curso da Primeira Guerra Mundial.

(Eric Hobsbawm, “Os intelectuais e o anti-fascismo”)

*Dedico este trabalho à minha mãe,
À minha irmã Valnice Nascimento,
Ao meu sobrinho Lucas Nascimento,
Aos amig@s.*

Agradecimentos

À minha orientadora Kátia Gerab Baggio, pelo carinho e paciência, principalmente nos momentos finais desse trabalho;

Aos professores Rodrigo Patto Sá Motta e Adriane Vidal Costa, pelas orientações valiosas, no momento da qualificação;

À professora Carla Maria Junho Anastasia, por proporcionar o início dessa caminhada, durante o curso de Graduação em História;

Aos amigos do projeto *Coleção Brasileira – escritos e leituras da nação (1931-1941)*;

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, apoiaram, ajudaram, atrapalharam... enfim, que fizeram parte dessa experiência, que resultou nesse trabalho.

Resumo

Este trabalho propôs-se a estudar a trajetória política e intelectual de Oswald de Andrade, principalmente no período de sua “virada ideológica”, entre os anos 20 e 30, quando o escritor fez a escolha pela militância comunista. Foram analisadas fontes de natureza diversa, que compreenderam, entre outras, manifestos, artigos jornalísticos, entrevistas, relatos autobiográficos e trechos da produção literária de Oswald, a fim de entendermos o seu processo de formação intelectual, em meio às lutas políticas e sociais que caracterizaram o período. Ao usarmos os conceitos de cultura política e de intelectual, a pesquisa constatou a funcionalidade e os limites de seus usos para a análise das ações e das representações políticas de Oswald. Ao analisarmos o percurso de um intelectual comunista, mas não distante da Antropofagia, tentamos reconstruir as polêmicas em que se envolveu, principalmente em relação à ortodoxia do Partido Comunista Brasileiro, incompatível com a sua tentativa de manter sua independência como militante. Entre as propostas de revolução social e o entusiasmo contínuo em relação a criação de uma arte e literatura “brasileiras”, Oswald de Andrade destacou-se como um intelectual, desde os anos 20, atento ao crescimento de um pensamento autoritário no Brasil, e defensor de posições antifascistas.

Palavras-chave

Oswald de Andrade, Antropofagia, intelectual comunista, cultura política comunista, identidade nacional, história dos intelectuais

Abstract

This paper intended to study the political and ideological trajectory of Oswald de Andrade, mainly during the period of his “ideological turnover” – between the 1920’s and 1930’s – when the writer made his choice for the communist militancy. Several kinds of sources were analyzed – among them manifestos, newspaper articles, interviews, autobiographical reports, and excerpts of his literary works – in the attempt to understand his intellectual development, in the context of the political and social struggles characteristic to that period. By using the concepts of political and intellectual culture, we realized the functionality and limits of its uses to analyze Oswald de Andrade’s acts and political representations. By analyzing the trajectory of a communist intellectual – but not away from the period’s so called cultural “Cannibalism” – we tried to recollect the polemical events Andrade was involved, mainly in relation to the orthodoxy of the Brazilian Political Party, what was incompatible to his intention of being independent as a militant. Among the proposals of social revolution and the enthusiasm of creating “Brazilian” Art and Literature of that time, Andrade stood out as an intellectual since the 1920’s, attentive to the growing of authoritarianism in Brazil, and opposed to any kind of fascist ideals.

Key-words

Oswald de Andrade, “Antropofagia”, communist intellectual, communist political culture, national identity, history of intellectual

Sumário

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 1 |
| Introdução | 3 |
| | |
| Capítulo 1: “Ver com os olhos livres”: Oswald de Andrade e os anos de 1920 | 21 |
| 1.1. Breves notas sobre a vida e a obra de Oswald de Andrade | 21 |
| 1.2. A Conferência na Sorbonne: o intelectual brasileiro, segundo Oswald de Andrade | 28 |
| 1.3. Oswald e a Academia Brasileira de Letras | 34 |
| 1.4. Os manifestos: poesia Pau-Brasil e Antropófago | 40 |
| | |
| Capítulo 2: Oswald de Andrade: o intelectual como “homem do povo” | 54 |
| 2.1. <i>O Homem do Povo</i> : “a cidade, o país, o planeta” | 54 |
| 2.2. “O insolente papelucho”: as representações de povo no jornal <i>O Homem do Povo</i> | 61 |
| | |
| Capítulo 3: “Engolir, com manteiga e sangue, a velha sociedade” | 94 |
| 3.1. Ser de esquerda, ser comunista... .. | 94 |
| 3.2. O intelectual engajado e as críticas ao Modernismo | 114 |
| 3.3. Intelectual antifascista, a militância comunista e as relações com o PCB..... | 120 |
| | |
| Considerações finais | 133 |
| Fontes e Bibliografia | 137 |

Apresentação

A ideia de estudar a trajetória intelectual e política de Oswald de Andrade surgiu durante a Graduação, quando participamos, com bolsa de iniciação à pesquisa do CNPq, do projeto *Coleção Brasileira: escritos e leituras da nação (1931-41)*, entre os anos de 2006 e 2008. Nesse período, sob a orientação da Profa. Dra. Carla Maria Junho Anastasia, coordenadora da pesquisa *Artífices e difusores de uma nova nação material: a Coleção Brasileira e as bases da institucionalização burocrática no pós-1930*, pudemos estabelecer contato com o universo de fontes estudadas pelo projeto e definir um tema para a pesquisa.

O interesse por Oswald de Andrade surgiu em meio à vontade de melhor entendermos a atuação e as tomadas de posição que envolveram os intelectuais brasileiros durante a Primeira República, assim como os desdobramentos que marcaram as trajetórias políticas dos mesmos.

Iniciamos os estudos a partir do jornal editado e produzido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, no ano de 1931, intitulado *O Homem do Povo*. Rapidamente, percebemos a ausência de interesse, por parte dos organizadores das suas *Obras completas*, pelo *corpus* documental envolvido nesse impresso. Ora por considerarem os textos publicados como insignificantes, dado o volume de estudos já consagrados à literatura do escritor, ora por achá-los desinteressantes do ponto de vista estético, dentro das propostas vanguardistas datadas dos anos de 1920.

Em meados de 2008, com a aposentadoria da Profa. Carla Anastasia do Departamento de História da UFMG, terminamos a iniciação sob a orientação da Profa. Kátia Gerab Baggio. Com ela tivemos a oportunidade de amadurecer o interesse pelo tema, no sentido de construir um projeto de mestrado que tivesse como foco inicial o estudo

desse impresso, assim como a possibilidade de melhor investigar a produção intelectual oswaldiana.

As discussões e reuniões do projeto *Brasiliana* – coordenado pela Profa. Eliana de Freitas Dutra – foram cruciais para o melhor delineamento das possibilidades de trabalho com o tema em questão. Nesse sentido, foi amadurecendo a proposta de estudar o tema na linha de pesquisa *História e Culturas Políticas* do Programa de Pós-Graduação em História dessa mesma instituição.

Introdução

Neste trabalho, analisamos o engajamento político de Oswald de Andrade, assim como as reflexões e as representações construídas pelo mesmo sobre a sua atuação como intelectual, entre os anos iniciais da década de 1920 e os anos finais da década de 1930, fase que compreende a maior parte de sua militância junto ao Partido Comunista Brasileiro.¹ Não obstante, foi central em nosso estudo entendermos as rupturas e continuidades nas tomadas de posição política de Oswald, uma vez que elas estiveram diretamente relacionadas com as maneiras de ser do escritor como intelectual.

As primeiras preocupações de Oswald com o lugar ocupado pelos intelectuais brasileiros remete aos primeiros escritos e manifestos assinados pelo ele, ainda no início dos anos de 1920, quando se achava envolto nas discussões de caráter estético-político do movimento modernista.² Junto a conferência proferida na Sorbonne, em 1923, os manifestos da *Poesia Pau-Brasil* (1924) e *Antropófago* (1928) podem ser entendidos como as primeiras construções programáticas da e para a atuação intelectual de Oswald, no período que entrou para a história do modernismo brasileiro como a sua “fase heróica”.

Para João Luiz Lafeté,

¹ Optamos, em razão dos prazos restritos do curso de Mestrado, por não analisar a produção intelectual de Oswald de Andrade datada dos primeiros anos da década de 1940, dado o grande volume de textos e material produzido, assim como o caráter de sua discussão que, em grande medida, pode ser entendida pelo sentido revisionista em relação à sua militância, suas relações com o PCB e a adesão à ideologia marxista-leninista. Oswald retirou a sua inscrição do Partido no ano de 1945, depois de uma série de críticas feitas ao mesmo, em textos publicados na imprensa escrita, em críticas literárias e em entrevistas concedidas pelo escritor. ANDRADE, Oswald de. *Os dentes do dragão*. São Paulo: Globo, 2009.

² Oswald iniciou a sua carreira como jornalista no ano de 1909, no *Diário Popular*, quando cobriu uma viagem do então presidente Afonso Pena pelo norte do país e escreveu alguns artigos intitulados “Penando”, dadas as dificuldades encontradas na tarefa. Entretanto, são de anos posteriores os textos de maior relevância, como a conhecida defesa de Anita Malfatti, em 1918, por meio de um artigo publicado no *Jornal do Comércio*, em que se pronunciou contra os ataques feitos a pintora, por Monteiro Lobato; em 1921, colaborou com o *Correio Paulistano* (até 1924); no mesmo ano, lançou Mário de Andrade como escritor, via *Jornal do Comércio*, com o artigo “Meu poeta futurista”. Não obstante a importância dessas fontes, verificamos e justificamos o nosso recorte a partir do texto/conferência “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”, de 1923, como será observado no primeiro capítulo, uma vez que nele identificamos a primeira tentativa de Oswald em pensar a figura do intelectual latino-americano e, por extensão, a si mesmo.

[...] um exame comparativo, superficial que seja, da “fase heróica” e da que se segue à Revolução [1930], mostra-nos uma diferença básica entre as duas: enquanto na primeira a ênfase das discussões cai predominantemente no *projeto estético* (isto é, o que se discute principalmente é a linguagem), na segunda a ênfase é sobre o *projeto ideológico* (isto é, discute-se a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte).³

Contrariando a análise de Lafetá, podemos ler em Oswald de Andrade, em uma entrevista datada de 13/05/1928, dada ao jornal *Estado de Minas*, intitulada “Contra os ‘Emboabas’”, que

[...] a geração de intelectuais que encabeça o movimento de renovação de modo nenhum está disposta a abdicar dos seus direitos adquiridos. Ela é que há de dirigir os destinos do país. Ela saberá tomar conta da política como da imprensa, da orientação social como da estética e pedagogia. É uma fatalidade [...].⁴

Nessa passagem é evidente a reivindicação de Oswald do lugar ocupado pelos intelectuais modernistas para além do universo literário. O tom é de prescrição da sua importância, e por extensão de si mesmo, dentro do processo de condução da modernização da sociedade brasileira, assim como a valorização desse setor na definição dos “destinos do país”.

A década de 30 marcou a aproximação de Oswald de Andrade com a militância comunista, manifestada nas mais diversas áreas de sua atuação cultural: em sua literatura, em ensaios, na crítica e no jornalismo. A partir desse período, Oswald passou a renegar a quase totalidade da sua produção literária anterior, conforme aparece na primeira edição de *Serafim Ponte Grande*, publicado no ano de 1933. Em seu prefácio, Oswald afirmou que queria ser, no mínimo, “casaca de ferro na Revolução Proletária”, expressão já bastante

³ Ainda para Lafetá, “[...] não há no movimento uma inspiração que transborde os quadros da burguesia. A ideologia de esquerda não encontra eco nas obras da ‘fase heróica’; se há denúncias das más condições de vida do povo, não existe todavia consciência da possibilidade ou da necessidade de uma revolução proletária”. LAFETÁ, João Luiz. “Estética e ideologia: o modernismo nos anos 30”. *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2004, p. 63 (itálico no original).

⁴ ANDRADE, Oswald de. *Os dentes do dragão...* p. 59.

conhecida do início de sua trajetória como militante comunista.

No ano de 1931, Oswald empreendeu um projeto jornalístico intitulado *O Homem do Povo*.⁵ Editado e dirigido por ele, junto com Patricia Galvão (Pagu) e Queiroz Lima, o impresso se propunha a ser um porta-voz dos explorados, a funcionar como um veículo de expressão dos mesmos e, fundamentalmente, para os mesmos. Nessa época, ocorreram as primeiras aproximações de Oswald com os quadros do Partido Comunista Brasileiro, vínculo que se prolongou até o ano de 1945, momento que marcou o seu distanciamento do Partido, apesar do continuado interesse pelas questões políticas e sociais da época.

A década de 1930 mostrou-se fértil para a criação literária oswaldiana. No âmbito teatral, foram publicadas obras que marcaram significativas mudanças nas relações de Oswald com a criação literária e seus posicionamentos políticos. São desse período peças como *O homem e o cavalo* (1934), *O rei da vela* e *A morta* (ambas de 1937). No romance social, assistimos ao aparecimento de *A escada vermelha* (1934).⁶

Na década de 40, obras como *Marco zero: a revolução melancólica* (1943) e *Marco zero: chão* (1945) significaram a continuidade do interesse do autor por uma literatura engajada politicamente.⁷ Ao findar de sua vida, foi publicado o primeiro volume de suas memórias, intitulado *Um homem sem profissão: sob as ordens da mamãe*, de 1953.⁸

⁵ O jornal em questão teve uma curta existência. Foram publicados oito números, entre os meses de março e abril de 1931.

⁶ Essa obra é o 3º volume da *Trilogia do exílio*. Seu primeiro volume teve publicação no ano de 1922 sob o título *Os condenados*, sendo o segundo intitulado *A estrela do absinto* (1927). Em 1941, Oswald definiu a trilogia sob o nome de *Os condenados*, conferindo ao primeiro volume o título de *Alma* e, ao terceiro, de *A escada*.

⁷ Acreditamos ser de suma importância destacar a existência dessas obras, apesar da pesquisa não ter se apoiado nelas como fontes privilegiadas devido, entre outras razões, ao recorte temporal estabelecido. Vale ressaltar que, entretanto, identificamos ainda um pequeno interesse, por parte das pesquisas que envolvem Literatura e História, em relação a esse período da criação literária e militância política de Oswald, principalmente no que pese às discussões sobre o conceito de culturas políticas. Pretendemos explorar essa possibilidade em trabalhos futuros.

⁸ Em entrevista ao jornal *Tribuna da Imprensa*, em 1954, Oswald assim se expressou sobre o projeto de escrita de suas memórias: “escrevo tudo aquilo que vem explicar a minha filosofia. Filosofia da antropofagia. Os outros volumes das Memórias virão pouco a pouco confirmar a minha tese de antropofagia. O segundo volume chamar-se-á *O salão e a selva*; trata do Modernismo no Brasil; o terceiro, *Solo das catacumbas*, no qual analiso as lutas políticas; e o quarto, *Para lá do trapézio sem rede*, condensará toda a minha dura vida de homem transigente”. ANDRADE, Oswald de. “Estou profundamente abatido: meu chamado não teve

Entretanto, o projeto foi interrompido por sua morte no ano seguinte. O livro contemplou a infância e juventude de Oswald, entre 1890, data de seu nascimento, até 1919.

Entendido ora por sua constante irreverência e ironia, ora ignorado por parte dos seus contemporâneos, pois considerado um intelectual herdeiro de uma lógica boêmia alocada nos finais do século XIX, poucos são os estudos que se ocuparam (e se ocupam) com sua trajetória político-intelectual e seus posicionamentos. Nesse sentido, vale ressaltar livros que hoje fazem parte de suas *Obras completas*, organizados a partir de textos até então desconhecidos do público leitor.⁹

Em *Estética e política*, organizado pela professora Maria Eugênia Boaventura, há uma reunião de textos que abrangem uma faixa temática e cronológica mais ampla. Segundo a autora, “o conjunto de textos, boa parte inédita, apresentado neste volume é mais abrangente que a coletânea *Ponta de lança*, organizada pelo próprio escritor em 1945, espelhando a sua crítica nos anos 40”.¹⁰ Entretanto, para a autora, “[...] muita coisa não foi considerada propositalmente, sobretudo alguns estudos de cunho político-partidário, concebidos durante a fase de militância, por serem enfadonhos e completamente desinteressantes”.¹¹

Benedito Nunes, em *A utopia antropofágica*, ocupou-se da reunião de, segundo o próprio autor, “escritos doutrinários” de Oswald de Andrade. Para além dos já conhecidos *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e *Manifesto Antropófago*, o livro apresenta textos escritos nas décadas de 1940 e 1950, incluindo as duas teses apresentadas em exames na Universidade de São Paulo, na tentativa de seu ingresso como livre docente naquela instituição: *A Arcádia e a Inconfidência* (1945) e *A crise da filosofia messiânica* (1950).

resposta”. *Os dentes do dragão...* p. 385.

⁹ Oswald de Andrade chegou a organizar apenas um livro contendo artigos, ensaios e conferências escritos entre os anos de 1943 e 44. Intitulado *Ponta de lança: polêmica*, foi publicado em 1945.

¹⁰ BOAVENTURA, Maria Eugenia. “Do órfico e mais cogitações”. ANDRADE, Oswald de. *Estética e política. Obras completas*. São Paulo: Globo, 1991, p. 7.

¹¹ *Ibidem*, p. 8.

Em *Telefonema*, organizado pela professora Vera Chalmers, reuniu-se a colaboração de Oswald de Andrade, entre os anos de 1944 e 1954, para o jornal carioca *Correio da Manhã*. No livro, são apresentados mais de quinhentos textos sobre assuntos variados, principalmente sobre literatura e política, com temas como: a vida cultural do período; a geração de 1945; o novo romance de cunho social; os prêmios literários; as transformações do país durante e após o fim do Estado Novo etc.

Em *Dentes do dragão*, também organizado por Maria Eugenia Boaventura, reuniu-se uma série de entrevistas dadas por Oswald, entre os anos de 1920 e 1950, para vários jornais e revistas espalhadas pelo país.

No decorrer da pesquisa, nos deparamos com outras fontes que foram importantes para o resultado desse trabalho. Consultamos algumas biografias de militantes contemporâneos de Oswald (Leôncio Basbaum, Tito Batini etc.), as duas biografias existentes sobre o escritor,¹² uma autobiografia,¹³ alguns artigos por ele escritos para jornais e revistas, dentre outros. Para o tratamento desse material, alguns conceitos foram importantes.

Suportes conceituais

Em artigo intitulado “Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira”, Eliana Dutra e Maria Helena Capelato afirmam que

[...] em qualquer balanço historiográfico no Brasil de hoje que tome por base o quadro de pesquisa dos historiadores do político, é forçoso reconhecer como o recurso ao conceito de “representação”, ou a seu contratermo “imaginário”, é cada vez mais frequente, e privilegiado, no

¹² Ver BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. São Paulo: Unicamp, 1995; FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: biografia (1890-1954)*. São Paulo: Art Editora, 1990.

¹³ ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: sob as ordens da mamãe. Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

intuito de estabelecer a inteligibilidade histórica das sociedades políticas e dos fenômenos afeitos ao campo do político.¹⁴

Interessante perceber que, ao fazer um balanço sobre os trabalhos acadêmicos produzidos a partir da década de 1990 no Brasil, que utilizaram o conceito plural de representação, o artigo considera as importantes releituras da noção de política.

Ao destacar o lugar do político nesses estudos, em detrimento da noção mais restrita de política, o artigo evidencia a importância da mudança dessa concepção no que diz respeito à incorporação do conceito de “imaginação” e “imaginário” políticos. Ainda, para as autoras, “a relação simbólica, entre o signo e o que ele dá a conhecer, é, portanto, uma relação de representação, em que o signo toma o lugar da coisa representada, que só pode se efetuar com o recurso do imaginário”.¹⁵

Para Carlo Ginzburg, por seu turno,

[...] a “representação” faz às vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar.¹⁶

Sobre as discussões em torno das diferenciações e aproximações entre as noções da *política* e do *político*, René Rémond, em artigo intitulado “Do político”, contribuiu para esta pesquisa ao destacar que “se o político é uma construção abstrata, assim como o econômico e o social, é também a coisa mais concreta com que todos se deparam na vida, algo que interfere na sua atividade profissional ou se imiscui na vida privada”. Por conseguinte,

[...] o político não tem fronteiras naturais. Ora se dilata até incluir toda e qualquer realidade e absorver a esfera do privado: este é um traço das

¹⁴ DUTRA, Eliana Regina de Freitas & CAPELATO, Maria Helena Rolim. “Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira”. CARDOSO, Ciro F. & MALERBA, J. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 227.

¹⁵ *Ibidem*, p. 228.

¹⁶ GINZBURG, Carlo. “Representação: a palavra, a ideia, a coisa”. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 85 (aspas do autor).

sociedades autoritárias. Ora ele se retrai ao extremo. Essas variações obedecem a necessidades externas; refletem também as flutuações do espírito público.¹⁷

Neste ponto, analisamos a produção intelectual e a ação oswaldiana na confluência ou no entrecruzamento dessas duas noções, ao considerarmos que, dentro do marco cronológico selecionado para essa pesquisa, elas se revelam contribuições importantes para a análise das maneiras de ser intelectual do escritor.¹⁸

O conceito de representação, por sua vez, nos auxilia também a compreender como foi permanente, na trajetória de Oswald, a construção/reconstrução da imagem do intelectual, assim como as referências sobre o político em seus escritos ou atuação.

Outro ponto que merece destaque se refere ao conceito de cultura política comunista e, de maneira mais específica, ao conceito/modelo de cultura política comunista.¹⁹ Para Marc Lasar,

[...] cultura política [...] representa um conjunto de ideias, de valores, de símbolos e de crenças e uma multidão diversificada de regras e de práticas que, combinados, dão um significado ao real, estabelecendo as regras do jogo, formando os comportamentos políticos e conduzindo à inculcação de normas sociais.²⁰

Para Jean-François Sirinelli, importa “[...] tentar destrinchar a questão das relações entre as ideologias produzidas ou veiculadas pelos intelectuais e a cultura política de sua

¹⁷ RÉMOND, René. “Do político”. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 442.

¹⁸ Renato Aloizo de Oliveira Gimenes identifica, na linguagem oswaldiana, “[...] uma escrita contestatória, polêmica e política, tanto no que diz respeito aos referentes externos ao seu texto como em relação à linguagem dos romances. Dupla intervenção da escrita oswaldiana: aquilo do que fala, e sobre como a literatura fala de seu contexto”. “Oswald de Andrade: literatura como política”. RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizo de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000, p. 136.

¹⁹ Para o entendimento do conceito de cultura política, foram utilizados: DUTRA, Eliana de Freitas. “História e culturas políticas: definições, usos e genealogias”. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 28, dez. 2002, pp. 13-28; BERSTEIN, Serge. “A cultura política”. RIOUX; SIRINELLI (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “A história política e o conceito de cultura política”. *LPH: Revista de História*, n. 6, Mariana, 1996; Idem. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 13-37.

²⁰ LASAR, Marc. “Forte et fragile, immuable et changeante... la culture politique communiste”. BERSTEIN, Serge (org.). *Les cultures politiques en France*. Editions du Seuil, 1999, p. 2 (usamos a tradução feita pela Profa. Adriane Vidal Costa, a quem somos gratos pela gentileza da indicação).

época”.²¹

No caso da cultura política comunista, é possível elencar as seguintes características, entre outras: a crença irrestrita no partido; recusa ao individualismo; cronologia própria; força da propaganda política; enaltecimento de líderes; imagem do militante como abnegado, disciplinado, honesto, otimista, trabalhador e responsável; vida privada ligada a preceitos morais rígidos que negam os valores burgueses; posicionamentos em relação ao universo feminino e a infância etc.

Para Lasar, a cultura política

[...] propõe igualmente uma visão de mundo, uma imagem do estado e do funcionamento da sociedade atual e futura, e um esquema coletivo de interpretação, construindo formas coerentes das representações do passado, do presente e do futuro. Ela encrava a semântica coletiva em seus membros; contribui para prover sua identidade; dá um significado geral aos engajamentos particulares, proclamando o sentido, quero dizer, o sentido vivido da vida coletiva que permite fazer da ação comum uma verdade, e transpor cada prática em ordem de inteligibilidade e de razão.²²

²¹ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 261. Acreditamos, entretanto, que seja inapropriado usar o conceito de cultura política para se pensar toda uma época, como pareceu ser sugerido por Sirinelli. Usá-lo dessa maneira nos parece ser indicativo da identificação de apenas uma única cultura política existente, o que proporciona, conseqüentemente, ao apagamento das possibilidades de se perceber a existência de outras relações com o político de cada época e sociedade. Segundo Motta, ao discutir, dentre outras coisas, os usos no plural ou no singular do conceito de cultura política, “o conceito pode ser aplicado a espaços sociais diferenciados, servindo para designar desde coletividades reunidas à volta de projetos específicos de ordenamento da sociedade (liberalismo, socialismo, etc), até grupos nacionais ou mesmo regionais. Por isso a opção de alguns autores em pensá-las sempre em formato plural, dividindo o mesmo espaço social, enquanto outros enfatizam a cultura política singular de cada grupo nacional. Há a opção, também, de manter cultura política para designar a coletividade nacional e usar-se subcultura para os diferentes grupos em disputa no interior do espaço nacional, tanto os ligados à grandes tradições (liberalismo, socialismo, etc.) quanto, no caso de alguns países, aqueles identificados com discursos regionais”. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. *Culturas políticas na história: novos estudos...* p. 24.

²² LASAR, Marc. “Forte et fragile, immuable et changeante... la culture politique communiste”. BERSTEIN, Serge (org.). *Les cultures politiques en France...* p. 4. Para Rodrigo Sá Motta, haveria duas matrizes no surgimento da categoria “cultura política”: uma, tributária do pensador francês Alexis de Tocqueville, para quem, segundo Motta, “[...] a força da organização política dos norte-americanos derivava não somente das instituições, mas tinha relação com os hábitos e costumes daquele povo”; e outra, as possíveis contribuições da “historiografia e filosofia alemãs do século XIX, que desenvolveram o conceito *Kultur*. Como entendiam que cada povo tinha sua própria *Kultur* e que alguns eram culturalmente superiores, seria razoável supor que esse pensamento implicasse a existência de uma cultura política correlata. [...] Em seus usos iniciais, o conceito implicava certa hierarquização, a compreensão de que alguns povos possuem cultura política, são mais avançados, enquanto outros ainda não a têm, ou apenas em forma inferior e incompleta. No último caso, pairava o suposto de que nos casos de ausência era necessário desenvolver a cultura política, inculcá-la nos povos e sociedades ignaros”. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”._____. (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo

As reflexões e debates sobre as polifórmicas maneiras de se entender a atuação, a importância e as características/definições dos intelectuais também se apresentam com grande relevância para este estudo.

Segundo Sirinelli, ao se estudar a história da intelectualidade francesa,

[...] com frequência se destacou o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto poliformo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição da palavra, de tanto que esta noção e esta palavra evoluíram com as mutações da sociedade francesa”.²³

Corroboramos essa posição ao percebermos o extenso volume de publicações que se ocuparam com questões relativas às tentativas de definição da noção de intelectual. Impossibilitados de fazer um levantamento exaustivo sobre os autores que se utilizaram do conceito de intelectual, este trabalho optou por selecionar aqueles que pudessem contribuir para o melhor entendimento da trajetória de Oswald de Andrade.

No livro *As representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*, Edward W. Said teceu importantes considerações que são úteis para pensar as definições de intelectual. O cerne da questão encontra-se, segundo ele, nas representações do mesmo na modernidade.

[...] o problema do intelectual é tentar lidar com as restrições do profissionalismo moderno, como tenho discutido, sem fingir que elas não existem ou negando sua influência, mas representando um conjunto diferente de valores e prerrogativas. Chamarei essa atitude de amadorismo, literalmente uma atividade que é alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro e por uma especialização egoísta e estreita.²⁴

Para Said, uma das heranças da modernidade foi a figura pública do “intelectual como o causador de embaraços, ser do contra e desagradável”.

[...] o intelectual, no sentido que dou a palavra, não é nem um pacificador

Horizonte: Argumentvm, 2009, p. 15-6.

²³ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política...* p. 242.

²⁴ SAID, Edward W. “Profissionais e amadores”. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 86.

nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, nem sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem.²⁵

Outro exemplo que nos ajuda a pensar, em que pesem as distâncias temporais e o risco do anacronismo, é o lugar ocupado por Jean-Paul Sartre como “intelectual total”.²⁶

Em seu livro intitulado *Em defesa dos intelectuais*, resultado de três conferências que tiveram lugar no Japão no pós-Segunda Guerra Mundial, Sartre deu algumas pistas valiosas para a configuração de condutas para a atuação dos intelectuais, frente às exigências de seu tempo. Ao evidenciar a importância do Caso Dreyfus, situado no final do século XIX, Sartre considerou que aquele evento teve um papel importante no que toca à atuação dos intelectuais na cena pública. Segundo o autor, os intelectuais (da Ciência ou da Literatura, no caso, Émile Zola) entraram em assuntos que não entendiam. Nesse sentido, “o intelectual moderno [seria] um homem-contradição”.²⁷ Seu livro apresenta uma imagem curiosa, que nos auxilia a pensar as possíveis tentativas de delimitação dos lugares ocupados por cientistas e intelectuais: os primeiros, por exemplo, seriam marcados pela dedicação à construção de uma bomba atômica; os segundos, por sua vez, teriam o dever de se dedicar à contestação da construção dessa mesma bomba.

Antonio Gramsci, em *Os intelectuais e a organização da cultura*, defende que a principal divisão das formas de se apreender a atividade intelectual se daria entre as atuações dos mesmos enquanto “orgânicos” ou “tradicionais”. Segundo ele, seriam “orgânicos” os especialistas em economia, técnicos industriais e organizadores de cultura (ligados a classes ou a empresas). Nesse sentido, lhes interessaria tomar posições que pudessem estar relacionadas à conquista de poder e/ou à obtenção de controle. Por outro

²⁵ Idem. “Representações do intelectual”. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993...* p. 35.

²⁶ Termo cunhado por Pierre Bourdieu. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

²⁷ SARTRE, Jean-Paul. “O que é o intelectual”. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 15.

lado, “tradicionais” seriam os professores, clérigos e administradores, que se caracterizariam por serem mantenedores dos mesmos lugares. Ainda para Gramsci, essa organicidade teria a ver com a capacidade desses intelectuais de se envolverem ativamente na sociedade, lutando para modificar sua mentalidade.²⁸

Consideramos que tanto a ideia de um posicionamento “amador”, quanto às concepções do intelectual como um “homem-contradição” ou “orgânico”, conferem referências importantes para a análise do engajamento político de Oswald de Andrade.

Helena Bomeny, em seu texto “Infidelidades eletivas: intelectuais e o poder”, ilustrou a complexidade das relações dos intelectuais brasileiros com a política dos anos 30. Segundo a autora, entre as principais figuras consideradas representativas da vida intelectual dessa década, classificadas como possuidoras do “pragmatismo cêntrico”, estavam Francisco Campos, Gustavo Capanema e Lindolfo Collor, mas cada um à sua maneira, tanto como ideólogos, quanto como políticos. Para a autora, nomes como Gilberto Amado, Caio Prado Jr. e Nestor Duarte seriam entendidos como intelectuais “independentes”. Uma terceira classificação estaria ancorada na categoria de intelectuais “confrontivos”. Nesse sentido, seriam incluídos nomes como o de Luiz Carlos Prestes, Otávio Mangabeira, Aparício Toreli (Barão de Itararé) e outros.²⁹

Ao seguirmos a análise de Bomeny, é interessante constatar, mesmo que a referência a “outros” não se configure como uma categoria interpretativa, que há uma evidente dificuldade de enquadramento de alguns intelectuais em modelos ou tipificações assim estabelecidas – talvez até mesmo *a priori* –, reduzindo a atuação de intelectuais tão diferentes às categorias antitéticas. Talvez por esse motivo o nome de Oswald de Andrade

²⁸ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982.

²⁹ BOMENY, Helena. “Infidelidades eletivas: intelectuais e o poder”. BOMENY, H. (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 17, nota 11.

não conste de sua lista. Para não perdemos essa indicação, poderíamos considerá-lo como um intelectual ao mesmo tempo independente e confrontivo... Entretanto, é necessário tentarmos expandir um pouco mais esse espectro de análise.

Rubens de Oliveira Martins teve como objetivo, na dissertação *Um ciclone na paulicéia: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo (1900-50)*, tentar entender quais foram os lugares ocupados por Oswald dentro das diversas áreas de produção cultural do país. Nesse trabalho, o autor privilegiou a utilização do conceito de campo, desenvolvido por Pierre Bourdieu.

Segundo Martins, seu objetivo foi

[...] traça[r] uma análise sociológica dos limites da vida intelectual acompanhando a trajetória do intelectual e escritor modernista Oswald de Andrade, desde os anos 20 até meados da década de 50, sua atuação nas diversas áreas da atividade cultural do país (como jornalista, romancista, teatrólogo, polemista, vanguardista, acadêmico), uma vez que o entendemos como paradigma privilegiado de uma posição que chamaremos de “marginal” no sistema cultural inaugurado com o êxito do Modernismo paulista e seus desdobramentos.³⁰

Para isso, o autor partiu da constatação da existência de uma “intelectualidade boêmia”, herdeira de uma lógica de sociabilidade de meados do século XIX, e das mudanças provocadas pelas novas configurações advindas com a Proclamação da República.

Dois momentos da história do pensamento social brasileiro mostraram-se cruciais para a sua análise: a criação da Academia Brasileira de Letras (1894) e a fundação da Universidade de São Paulo (1934). A primeira representada pela figura emblemática de Machado de Assis e suas polêmicas em relação aos intelectuais boêmios (principalmente pela figura emblemática de Emílio de Menezes); a segunda, ao conferir uma nova dimensão em torno da pesquisa séria, acadêmica e sistêmica, concentrada nas figuras de

³⁰ MARTINS, Rubens de Oliveira. *Um ciclone na paulicéia: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo* (Mestrado em Ciências Sociais). São Paulo: USP, 1997, p. 4.

Mário de Andrade e Sérgio Milliet. Esses, tidos como representantes da postura do intelectual “sério e comprometido”, criando, como contraponto, a figura do intelectual “irreverente e irônico” e, nesse sentido, “nada acadêmico”, ilustrado na figura de Oswald de Andrade. Ainda segundo o autor, essa divisão teria conferido às memórias sobre Oswald ora um lugar mitológico, ligado ao intelectual antiacadêmico, ora o relegado ao esquecimento ou à marginalidade.

Curiosa (se não duvidosa) constatação, pois nos faz lembrar as duas tentativas de enquadramento de Oswald às fileiras da intelectualidade acadêmica, tanto em 1945, com a defesa da tese *A Arcádia e a Inconfidência*, como em 1950, com outra tese, intitulada *A crise da filosofia messiânica*, sendo ambas motivos de críticas e polêmicas.

Assim, algumas foram as questões centrais que moveram essa pesquisa: nos interessou como ou de que maneira as representações políticas oswaldianas sobre a revolução social e/ou o “povo” foram construídas e/ou alvo de disputas; como, ao utilizar-se de estratégias argumentativas, somadas ao imaginário ou à imaginação social de sua época, Oswald tentou movimentar ou instigar ações práticas no que diz respeito à realidade sócio-política de seu tempo; por consequência, como se propôs a criar um repertório comum de noções ou prescrições para a atuação nas disputas políticas.

No presente texto, pretendemos analisar a trajetória de uma figura importante no cenário político dos anos 20 e 30, que, em alguns momentos, esteve relegado ao esquecimento ou mesmo tido como pouco interessante para se pensar a história dos intelectuais e do pensamento social no Brasil.³¹

³¹ Estamos pensando em dois momentos específicos da história da crítica às obras de Oswald: o primeiro deu-se com a criação da revista de cultura *Clima*, na década de 1940, em que a releitura dos textos de Oswald marcaram uma espécie de revalorização dos seus escritos. Segundo Martins, “confirmando a existência de uma estratégia de omissão da obra de Oswald [...] foi a revista *Clima* que retomou a discussão da sua obra, num momento [citando Antonio Candido] quando estava em moda considerá-lo um piadista de gênio [...]. Naquela altura havia uma espécie de soberania intelectual exercida por Mário de Andrade em São Paulo [...] à volta dele juntava-se o grosso da vida literária e Oswald ficava meio à margem”. MARTINS, Rubens de Oliveira. *Um ciclone na paulicéia: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo...* p. 53-

Este trabalho está dividido em três capítulos, cada um deles contemplando fontes de períodos diferentes da trajetória oswaldiana.

O primeiro capítulo tem como objetivo analisar as primeiras manifestações de Oswald de Andrade, datadas dos anos de 1920, em torno do papel do intelectual na formação e orientação da recente república brasileira.³² Interessa-nos perceber rupturas e continuidades em seu pensamento no que se refere ao subsequente engajamento político, que pode ser resumido numa espécie de “virada ideológica” no que tange à década seguinte.³³ Para tanto, utilizaremos ensaios, entrevistas e artigos presentes em alguns dos volumes de suas *Obras completas*, escritos nos anos 20. Identificamos como fontes principais deste período, a conferência feita na Sorbonne, em 1923, intitulada *O esforço intelectual do Brasil contemporâneo*; o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, de 1924; e o *Manifesto Antropófago*, de 1928. A partir dos manifestos, foi de nosso interesse analisar como a “identidade do povo brasileiro” foi inicialmente pensada por Oswald,

4. O segundo, com a montagem da peça *O rei da vela*, na década de 1960, pelo grupo de Teatro Oficina. Sábato Magaldi, em prefácio à edição de 1990, comenta: “eu só [me dei] conta, de fato, da virulência antecipadora de *O rei da vela* quando Procópio Ferreira, em 1967, por ocasião da montagem do Teatro Oficina de São Paulo, justificou não ter interpretado o texto, na década de 30: como poderia tê-lo feito, se naquele momento a Censura impedia que se pronunciasse no palco a palavra ‘amante’? Por isso não coube a Oswald de Andrade a primazia da criação do teatro moderno, título ostentado por Nelson Rodrigues, ao estreitar, em 1943, *Vestido de noiva*”. MAGALDI, Sábato. “O país desmascarado”. ANDRADE, Oswald de. *O rei da vela. Obras completas*. São Paulo: Globo, 1990.

³² Ver nota 4 (entrevista com Oswald de Andrade, datada de 13/05/1928, dada ao jornal *Estado de Minas*, intitulada “Contra os ‘Emboabas’”)

³³ Nesse ponto é de suma importância para o pensamento oswaldiano lembrarmos a exaustiva utilização da imagem da antropofagia. Segundo Benedito Nunes, “como símbolo da devoração, a Antropofagia é a um tempo metáfora, diagnóstico e terapêutica: metáfora orgânica, inspirada na cerimônia guerreira da imolação pelos tupis do inimigo valente apesado em combate, englobando tudo quanto deveríamos repudiar, assimilar e superar para a conquista de nossa autonomia intelectual; diagnóstico da sociedade brasileira como sociedade traumatizada pela repressão colonizadora que lhe condicionou o crescimento, e cujo modelo terá sido a repressão da própria antropofagia ritual pelos Jesuítas; e terapêutica, por meio dessa reação violenta e sistemática, contra os mecanismos sociais e políticos, os hábitos intelectuais, as manifestações literárias e artísticas, que, até a primeira década do século XIX, fizeram do trauma repressivo, de que a Catequese constituiria a causa exemplar, uma instância censora, um Superego coletivo”. ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica ao alcance de todos* (seleção, introdução e estabelecimento do texto por Benedito Nunes). São Paulo: Globo, 1990, p. 15-6. Conforme o próprio Oswald, em entrevista à revista *Manchete*, em 1954: “[...] tendi e tendo cada vez mais para uma filosofia que chamo de filosofia da devoração. A vida é devoração pura e só há uma conduta a seguir: o estoicismo. É verdade que outro conceito da existência divide a humanidade. É o conceito messiânico e salvacionista. Os que se enfileiram debaixo dessa bandeira são os que acreditam que há qualquer coisa a salvar dentro desse mundo ou fora dele”. ANDRADE, Oswald de. “Perdeu o apetite o terrível antropófago”. *Os dentes do dragão...* p. 364.

principalmente ao utilizar as noções de “antropofagia” e de “primitivismo”. Se nesse primeiro momento temos explícita a figura do indígena, valorizada consoante à necessidade de fazermos a “Revolução Caraíba” – elemento ausente, quase por completo, nas discussões e produção intelectual oswaldianas a partir da década de 1930 –, em seu lugar surgirão outros personagens como, por exemplo, o “proletário”, o “burguês”, o “camponês” etc.³⁴

Em termos de uma “utopia oswaldiana”, o cotejamento das duas imagens de revolução, a “caraíba” e a “proletária”, nos parecem intercambiáveis. Para além da proposta de construção de uma literatura antropofágica – mesmo que o diálogo entre o estético e o político já estivesse presente no trabalho do escritor –, acreditamos que o projeto oswaldiano comportou uma perspectiva política maior.

Sobre o “projeto antropofágico”, Oswald assim se pronunciou, no artigo “Esquema ao Tristão de Athayde”, publicado na *Revista de Antropofagia*:

Vamos fazer um levantamento topographico da moral brasileira, a funda sexualidade do nosso povo. Vamos rever a história, daqui e da Europa. Festejar o dia 11 de Outubro, o último dia da América Livre, pura, descolombisada, encantada e bravia [...]. Revisão da religião. O nosso povo tem um temperamento supersticioso, religioso. Não contrariemos. Vamos criar a santoral brasileira: Nossa Senhora das Cobras, Santo Antonio das Moças Tristes, tudo isso... Admitir a macumba e a missa do galo. Tudo no fundo é a mesma coisa. O instinto acima de tudo. O índio como expressão máxima. Educação de selva. Sensibilidade aprendendo com a terra. O amor natural fora da civilização, aparatosa e polpuda. Índio simples: instintivo. (Só comia o forte). [...] precisamos rever tudo – o idioma, o direito de propriedade, a família, a necessidade do divórcio –, escrever como se fala, sinceridade máxima.³⁵

Acreditamos que esses elementos destacados na argumentação de Oswald foram

³⁴ No romance de estreia de Oswald de Andrade, *Os condenados* (1922), posteriormente intitulada como *Alma*, em *Trilogia do exílio*, podemos perceber uma incipiente aparição da figura do intelectual. Ao se interessar em retratar o universo citadino paulistano de sua época, foi de interesse do escritor a representação ficcional de um mundo marcado pela prostituição, pelos desencontros amorosos e pela trajetória de sua personagem central, *Alma*, que acabou por designar o título definitivo do primeiro volume da trilogia, a partir de 1941, organizada pelo próprio autor. Nesse sentido, já nos é possível notar a presença de questões que envolverão as formas de representação da intelectualidade a partir desse momento, tanto nas obras ficcionais de Oswald, como em textos declaradamente políticos.

³⁵ ANDRADE, Oswald de. “Esquema ao Tristão de Athayde”. *Revista de Antropofagia*, n. 5, 1928, p. 3.

catalizadores para alimentar o seu interesse pelo comunismo. Ainda nesse texto, notamos a seguinte definição: “o fato do grilo histórico, (donde sairá, revendo-se o nomadismo anterior, a verídica legislação pátria) afirma como pedra do direito antropofágico o seguinte: a posse contra a propriedade”.³⁶

No segundo capítulo, analisamos a efêmera publicação jornalística intitulada *O Homem do Povo*, fundada por Oswald em 1931, onde se encontram suas primeiras manifestações de explícita filiação ao ideário comunista. Esse impresso é relevante principalmente no que concerne ao universo conceitual oswaldiano em torno de temas recorrentes como, por exemplo, “revolução social”, “povo”, “sociedade brasileira”, “comunismo”, “autoritarismo”, “modernidade”, dentre outros. Tentamos perceber, no decorrer da pesquisa, possíveis permanências e/ou rupturas tanto em suas tomadas de posição, como em sua escrita nos anos de militância política e anteriores a ela. Ao mesmo tempo, perceber como, a partir desse momento, Oswald deu início a uma incessante autoconstrução de sua imagem como intelectual militante,³⁷ algo como uma reiterada “escrita de si”, no sentido da criação ou legitimação do seu papel e atuação como fala/figura autorizada no que tange à sua participação política.³⁸

³⁶ Idem. Em 1929, foi realizado um Congresso da Lavoura, em São Paulo, no cinema República. Oswald fez um discurso em que afirmava ser “um encalacrado que fala a um congresso de encalacrados”. Em uma entrevista de 1954, Oswald assim rememorou esse episódio: “[...] sempre amei a política em seu verdadeiro sentido. Nunca a pratiquei num nível rasteiro, mas dentro do conceito aristotélico [...]. Ainda me lembro dos urros dos fazendeiros que seriam prejudicados pela reforma [...]. Nem me deixaram concluir a leitura da tese e, na saída do República, cinco capangas quiseram me surrar”. Segundo Marcos Rey, autor da entrevista, “Júlio Prestes, entusiasmado com a tese, mandou publicá-la na Seção Livre de *O Estado de S. Paulo*”. Sobre a polêmica que envolveu o discurso do escritor, ver ANDRADE, Oswald de. “Sob as ordens da mamãe”. *Os dentes do dragão...* p. 347-8.

³⁷ No ano de 1933, Oswald de Andrade publicou o prefácio definitivo de sua mais importante obra, *Serafim Ponte Grande*. Antes da edição final, o livro tinha recebido um outro prefácio, de 1926. Nele é perceptível a ênfase na tentativa de “canonização” do Movimento Modernista – assim como a tentativa de ratificação da Antropofagia – na medida em que apresentava o romance como um processo acabado de uma literatura “verdadeiramente” nacional. No prefácio de 33, por sua vez, Oswald assumiu uma postura definitiva, negando seu passado burguês ao afirmar estar “possuído de uma única vontade. Ser, pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária”. ANDRADE, Oswald de. “Prefácio”. *Serafim Ponte Grande. Obras completas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

³⁸ Em 1945, Oswald de Andrade, aproveitando-se da visita do poeta chileno Pablo Neruda ao Brasil, fez algumas ironias aos dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, que, segundo ele, “menosprezavam o trabalho dos escritores: Neruda vem afirmar a São Paulo uma velha verdade – é possível ser comunista e ser

Focamos nossa análise nas representações construídas em torno das ideias de povo, ou melhor, quem seria esse “homem do povo”, questão que perpassa vários textos de Oswald, assim como o próprio título e os temas abordados pelo impresso. Entretanto, sem cairmos em simplismos, evitamos tipificações binominais ao nos atermos aos perigos de serem estabelecidas contraposições do tipo comunismo x autoritarismo, modernidade x atraso etc., em uma tentativa de compreensão das complexas relações entre as teorias e as práticas sócio-culturais.

No terceiro capítulo, nos ocupamos do momento posterior à criação e manutenção do jornal *O Homem do Povo*, de 1931, até os finais da década de 1930. Logo após essa experiência jornalística, Oswald iniciou a escrita de uma série de textos que se prestaram a reavaliar os ganhos e avanços da Semana de Arte Moderna, discutir quais seriam os papéis do intelectual na arena pública assim como redefinir quais os lugares que ocuparia como intelectual, agora, assumido como comunista.

Nossa intenção foi, a partir de uma série de textos ora compilados em volumes de suas *Obras completas*, ora dispersos em periódicos ou revistas brasileiras, cotejar os posicionamentos de Oswald condizentes ou não com os princípios de uma cultura política comunista.

Como o levantamento de fontes para a pesquisa dessa época se mostrou escasso, principalmente se comparado à produção oswaldiana para da década subsequente, isto é, a

culto. O intelectual faz apenas o seu dever oferecendo ao proletariado as suas riquezas culturais e a sua experiência vital e poética”. BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. São Paulo: Unicamp, 1995, p. 218. Para a autora, [Oswald] “lembrou a natureza da poesia ao longo dos séculos – ‘instrumento de revolta, de oposição e de queixa’. Segundo ele, ideia semelhante à definição tradicional de comunismo”. Boaventura afirmou, entretanto, ao lançar mão de um comentário acusatório, que a “fala de Oswald foi curta, cheia de afirmações equivocadas, ingenuamente utópicas e marcadas pela emoção”. Vale ressaltar que a autora não se ocupou em contextualizar o comentário do escritor. Nesse período, já havia alcançado o reconhecimento junto a alguns intelectuais do PCB, mesmo não fazendo parte de seu quadro dirigente. As obras *Marco zero: a revolução melancólica* (1943) e *Chão* (1945), por exemplo, diferentemente da recepção polêmica de *Serafim Ponte Grande* (1933) pelo PCB, foram motivo de elogio. Um dos motivos pelos quais Oswald justificou a sua saída do Partido se deveu às frustrações por não ter conseguido atingir o *status* de intelectual à frente da organização, cargo esse ocupado por Jorge Amado, principalmente.

década de 40, nos apoiamos, sempre que nos foi necessário e cabível, em alguns dados de suas memórias, assim como em sua produção literária, a fim de tentarmos nos aproximar e captar elementos que pudessem nos dar pistas de seus posicionamentos como intelectual engajado.

A questão central desse capítulo foi entender o que significou ser comunista para Oswald de Andrade, quais polêmicas alimentou, em quais redes de sociabilidade se inseriu, enfim, quais sentidos possíveis o teriam orientado como intelectual e quais as representações políticas construídas por ele e, em alguns momentos, sobre ele.

Capítulo 1

“Ver com os olhos livres”: Oswald de Andrade e os anos de 1920

1.1. Breves notas sobre a vida e obra de Oswald de Andrade

José Oswald de Sousa Andrade nasceu no ano de 1890 e faleceu em 1954, em sua própria casa, em função de várias complicações em sua saúde.³⁹ Seu nome foi escolhido em homenagem ao avô paterno, o fazendeiro mineiro Hipólito José de Andrade, ao tio materno José Inglês de Sousa e ao pai José Oswald Nogueira de Andrade.

Sua mãe, Inês Henriqueta de Sousa Andrade, descendia de uma tradicional família burguesa, cujo tronco se ramificou na planície amazônica. Pelo lado paterno, Oswald foi descendente de um bandeirante paulista, o capitão-mor José Thomé Rodrigues Nogueira do Ó.

“Poeta, jornalista, romancista, teatrólogo, filósofo, marido por seis vezes, latifundiário, comunista, fervoroso cristão, ateu... consubstanciam-se”, nas palavras de Maria de Lourdes Eleutério, “em um exercício de persistência e coerência para com o ato de busca”. Segundo a autora, “Oswald [teria] colocado sua Vida/Obra em função da experimentação. Nesse homem, a busca por uma intensidade vivencial máxima extrapola a própria vida e fragmenta-se em escritos”.⁴⁰

³⁹ Já em meados de 1916, Oswald descobriu que sofria de artrismo. Não foram raros os momentos em que ele destinou algum tempo de repouso, para cuidar da saúde. Em 1938, por exemplo, passou uma longa temporada em São Pedro, cidade perto de Piracicaba, em tratamento. BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...*; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald de Andrade: itinerário de um homem sem profissão*. Campinas: Ed. Unicamp, 1989; FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: biografia (1890-1954)*; ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: sob as ordens da mamãe...*

⁴⁰ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald de Andrade: itinerário de um homem sem profissão...* p. 63.

Suas primeiras experiências como escritor iniciaram-se no ano de 1909, como redator e crítico teatral do *Diário Popular*, onde assinava a coluna “Teatro e Salões”. Nesse mesmo ano, Oswald ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo e, em 1911, auxiliado pela ajuda financeira de sua mãe, D. Inês, fundou *O Pirralho*, cujo primeiro número foi lançado em 12 de agosto.

Politicamente, esse ano marcou umas das primeiras manifestações públicas de Oswald de Andrade. Nas páginas da revista, lançou e apoiou a campanha civilista de Rui Barbosa. Nesse mesmo ano, conheceu o poeta Emílio de Menezes, de quem se tornou amigo.⁴¹ “Oswald tinha o maior respeito pela figura de Emílio de Menezes. O epigramista fez vários amigos em São Paulo entre os estudantes da Faculdade de Direito, sobretudo com o pessoal ligado à revista *O Pirralho*”.⁴²

Nessa fase, também era companheiro de Pedro Rodrigues de Almeida, “jornalista da *Gazeta de Notícias* e, mais tarde, delegado de polícia no interior do Estado”, e de Guilherme de Almeida, amigo sempre presente na vida do escritor.⁴³

Oswald fez várias viagens à Europa, durante boa parte de sua vida. Nos sete meses passados fora do Brasil, a bordo do *Marta Washington*, iniciados em 1912, visitou vários países da Europa Ocidental, onde “demorou mais em Paris e em Londres, desobedecendo às ordens da mãe, para que se hospedasse em bons hotéis [...]”.⁴⁴ Essa experiência foi marcada, entretanto, por um evento trágico. Quando ainda estava na Europa, falecia sua mãe, em São Paulo, em setembro desse mesmo ano. Esse fato o obrigou a voltar para o

⁴¹ Segundo Maria Eugenia Boaventura, Oswald teria se afastado de Emílio de Menezes (1866-1918) entre 1917 e sua morte, uma vez que estaria “[...] cansado das atitudes moralistas do velho parnasiano, mas quando o poeta morreu, [Oswald] assinou o manifesto de desagravo à sua memória, que circulou em São Paulo”. BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 48.

⁴² *Idem*.

⁴³ Ao lado desses, podemos também elencar os nomes de Amadeu Amaral, Vicente Rao, Júlio de Mesquita Filho, Dolor de Brito Franco (diretor de *O Pirralho*), Antônio Define, Edmundo Amaral, Olegário Mariano, Alberto de Oliveira, Luís Edmundo, José Oiticica, entre outros. *Ibidem*, p. 45.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 32.

Brasil, antecipando o final de sua viagem. Nesse retorno, trouxe a bordo do navio Oceania a estudante francesa Kamiá (Henriette Denise Boufflers), com quem terá um filho em 1914, José Oswald Antônio de Andrade (o artista plástico Oswald de Andrade Filho).

Segundo Boaventura,

[...] passado o luto da mãe e perdido o interesse por Henriette Denise Boufflers, Kamiá [...], que trouxera da Europa em 1912, [Oswald] passou a viver, pelo menos até 1917, uma vida boêmia, usufruindo da movimentada noite paulistana. Ao lado do poeta Guilherme de Almeida e do jornalista Pedro Rodrigues de Almeida [...] formava um trio quase indissolúvel, a perambular sem pressa pelos variados recantos da cidade, recitando os franceses e discutindo filosofia.⁴⁵

Ainda no ano de 1915, Oswald se tornou membro da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, fundada em São Paulo pelo poeta Olavo Bilac.

Em termos literários, o ano de 1916 mostrou-se muito produtivo na trajetória de Oswald. Foi nesse ano que o escritor publicou, pela primeira vez, uma parte de sua peça *Mon Coeur Balance*, obra escrita durante sua viagem à Europa. Logo em seguida lançou, com Guilherme de Almeida, em um único volume, *Mon Coeur Balance e Leur Âme*, pela tipografia parisiense Asbahr. Publicou também trechos de *Memórias Sentimentais de João Miramar* nas revistas *A Cigarra* e *A Vida Moderna*, romance que só apareceria, em sua forma final, no ano de 1924, mesmo ano, diga-se de passagem, da publicação do *Manifesto Pau-Brasil*. Ainda em 1916, recebeu o convite, de Valente de Andrade, para fazer parte do *Jornal do Comércio*, edição de São Paulo, e em novembro começou a trabalhar como redator, atividade a qual dedicou-se regularmente de 1916 a 1922.

⁴⁵ Ibidem, p. 30. No prefácio de *Serafim Ponte Grande*, de 1933, Oswald afirmou, ao se referir aos anos de 1915-16, que “[...] andava comigo pra cá e pra lá, tresnoitado e escrofuloso, Guilherme de Almeida – quem diria? – a futura Marquesa de Santos do Pedro I navio! O anarquismo da minha formação foi incorporado à estupidez letrada da semicolônia. Frequentei do repulsivo Goulart de Andrade ao glabro João do Rio, do bundudo Martins Fontes ao bestalhão Graça Aranha. Embarquei, sem dificuldade, na ala molhada das letras, onde esfusiava gordamente Emílio de Menezes. A situação ‘revolucionária’ desta bosta mental sul-americana, apresentava-se assim: o contrário do ‘burguês’ não era o proletário – era o boêmio! As massas, ignoradas no território e como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Intelectuais brincando de roda. De vez em quando davam tiros entre rimas [...]”. ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*... p. 131-2.

No que diz respeito à sua participação nas redes de sociabilidade literária, participou de um almoço em homenagem a Olavo Bilac, promovido pelos então estudantes da Faculdade de Direito, onde o próprio Oswald foi aluno, desde de 1912. Entretanto, Oswald só conseguiu se formar bacharel em Direito no ano de 1919 devido, principalmente, ao abandono do curso, em função de sua primeira viagem à Europa. O escritor foi orador de sua turma, no Centro Acadêmico XI de Agosto.

Oswald iniciou os anos 20 à frente de uma herança, deixada por seu pai, falecido em 1919, da qual ele passou a usufruir.

Entre 1922 e 1929, Oswald teve residência em Paris, ao lado da pintora Tarsila do Amaral. “Enquanto Tarsila frequentava cursos e fazia estágios nos famosos ateliês, Oswald circulava entre os escritores da vanguarda parisiense arregimentando munição para reescrever o *Miramar* e elaborar o *Serafim*”.⁴⁶

Segundo Boaventura, “Oswald, além de liderar o Modernismo, foi um homem atarefado, viajando inúmeras vezes à Europa, a trabalho, para contato com banqueiros e negociantes. Proprietário da Fazenda Santa Teresa do Alto, negociava basicamente com imóveis e café”.⁴⁷

Seu contato com o mundo literário ampliou-se. No Rio de Janeiro, frequentou a roda de Emílio de Menezes, João do Rio, Alberto de Oliveira, Élio Pontes, Olegário Mariano, Luís Edmundo, Olavo Bilac, Oscar Lopes, dentre outros. Seu prestígio lhe conferiu a possibilidade de fazer várias leituras de suas peças em diversos salões de São Paulo, na Sociedade dos Homens de Letras no Rio de Janeiro e na redação da revista *A Cigarra*.

Como jornalista e “homem de letras”, Oswald ainda trabalhou atuou no *Jornal do*

⁴⁶ BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 83.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 75.

Comércio, a partir de 1917, com a coluna “Feira das quintas”; em 1918, na revista *A Gazeta*; editou, em 1920, a revista *Papel e Tinta*, escrevendo com Menotti del Picchia os editoriais; participou, como colaborador, do *Correio Paulistano*, entre 1921 e 1924; fez parte da revista *Klaxon*, em 1922; em 1928, publicou o *Manifesto Antropófago* e ajudou a fundar a *Revista de Antropofagia* (1928-29); em 1931, fundou, com Queiroz Lima e Pagu (Patrícia Galvão), o jornal *O Homem do Povo* e ingressou nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro, filiado até o ano de 1945; escreveu sátira política, em 1935, para *A Platéia*; escreveu para a revista *Problemas*, de São Paulo, durante o ano de 1937; filiou-se ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, em 1938; publicou, no jornal *Meio Dia*, as colunas “Banho de Sol” e “De literatura” (tendo sido representante desse jornal em São Paulo); escreveu, ainda nesse ano, para o *Jornal da Manhã* (SP), uma série de reportagens sobre personalidades importantes da vida política, econômica e social de São Paulo; em 1943, começou a publicar, no *Diário de S. Paulo*, a coluna “Feira às sextas”; em 1944, iniciou a série “Telefonema”, publicada no *Correio da Manhã* até o ano de 1954; em 1949, encarregou-se de escrever a coluna “3 linhas e 4 verdades”, na *Folha de S. Paulo*, até o ano seguinte.

No que se refere às suas atividades literárias, a década de 1920 foi o momento da estreia significativa de Oswald. Em 1922, ano em que teve lugar a Semana de Arte Moderna, Oswald iniciou a publicação do romance *Os Condenados*, primeira parte da trilogia que, em 1941, ele denominaria com título homônimo.

Segundo Mário da Silva Brito, em *Aluno de romance Oswald de Andrade*,

[...] este romance é o primeiro volume da *Trilogia do Exílio*, a ser completada pelos tomos *A Estrela do Absinto* e *A Escada de Jacó*. Publicando *A Estrela do Absinto*, em 1927, o autor dá nova denominação ao trípico. Chama-o agora *Os Romances do Exílio*, e *A Escada de Jacó* é anunciada simplesmente como *A Escada*, obra que edita, no entanto, em 1934, sob o nome de *A Escada Vermelha*. [...] Em 1941, Oswald relança esses três livros num só volume, com o título genérico de *Os Condenados*, e

ao que tinha primitivamente essa denominação, passa a chamar agora *Alma*, mantendo o nome de *A Estrela do Absinto* e retirando de *A Escada* o qualificativo da primeira edição.⁴⁸

Desde de 1931, Oswald já havia manifestado sua opção política pelo comunismo, fato que nos dá indícios para pensar sobre os possíveis significados da mudança do título de *A escada de Jacó* para *A escada vermelha*, ao dar ao mesmo um qualificativo de fundo político e ideológico. Entretanto, em nota final, Oswald fez a advertência de que toda a obra teria sido escrita entre os anos de 1917 e 1921, “[...] e publicada em três volumes, espaçadamente, sob o título *A trilogia do exílio*. Reedita-se hoje na sua forma primitiva [...]”. Segundo Brito, Oswald não teria se prestado a “[...] esclarecer, porém, que fizera algumas breves modificações no texto, tira[ndo] citações e dedicatórias apostas nas edições anteriores”.⁴⁹ E, obviamente, que os títulos foram mudados posteriormente. Consideramos que essa é uma pista valiosa para tentarmos compreender as tomadas de posição ideológica de Oswald, durante a sua trajetória intelectual.

No ano de 1923, reescreveu parte do romance *Memórias sentimentais de João Miramar*, que teve publicação no ano seguinte, com capa de Tarsila do Amaral, apesar de, como já referido, ter tido partes publicadas em 1919. Em 1925, publicou, pela editora parisiense Au Sans Pariatel, o livro de poesia *Pau-Brasil*. Ainda nesse ano, candidatou-se, com um pronunciamento polêmico, por meio de uma carta aberta, à Academia Brasileira de Letras, questão que analisaremos no decorrer do capítulo.

As relações estabelecidas entre Oswald e os modernistas mineiros de Cataguases proporcionaram a publicação, em 1927, de trechos do futuro romance *Serafim Ponte Grande*, na revista *Verde*, obra que veio a público definitivamente em 1933. Naquele mesmo ano, Oswald também publicou a obra *Primeiro caderno de poesia de Oswald de*

⁴⁸ BRITO, Mário da Silva. “O aluno do romance Oswald de Andrade”. ANDRADE, Oswald de. *Os condenados*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p. xvi-ii.

⁴⁹ Idem.

Andrade.

A década de 30 assistiu a publicação de sua primeira peça teatral, intitulada *O homem e o cavalo* (1934), com capa de seu filho Nonê (Oswald de Andrade Filho). Nesse mesmo ano, leu cenas da mesma peça no Teatro de Experiência de Flávio de Carvalho. No ano seguinte, foi fichado na Polícia Civil do Ministério da Justiça, como subversivo. Em 1937, publicou, em um só volume, as peças *A morta* e *O rei da vela*. Foi ainda nesse ano que aconteceu a primeira tentativa de encenação da segunda, pela Companhia de Álvaro Moreyra.

A década de 1940 iniciou-se com a publicação do *Cântico dos cânticos para flauta e violão* (1942), dedicado à sua então esposa Maria Antonieta D'Alkim. Em 1943, publicou *A revolução melancólica*, primeiro volume do romance *Marco zero*. No ano seguinte, viajou a Belo Horizonte com uma caravana de intelectuais e fez uma conferência na Exposição de Arte Moderna, organizada pelo então prefeito Juscelino Kubitschek. Em 1945, publicou *A Arcádia e a Inconfidência*, tese apresentada à cadeira de Literatura Brasileira da USP. Ainda nesse ano, reuniu, para publicação, uma série de artigos esparsos, que ele mesmo denominou *Ponta de lança*, e veio à luz *Poesias reunidas O.A.* e o romance *Chão*, segundo volume do *Marco zero*.

No ano seguinte, publicou o poema *O escaravelho de ouro* e, em 1954, sua última obra, o primeiro volume de suas memórias, intitulado *Um homem sem profissão*, novamente com capa de seu filho Nonê.

Na continuação desse capítulo, analisaremos alguns textos de caráter político escritos por Oswald de Andrade, dentro do marco temporal das três primeiras décadas do século XX. Nosso objetivo é melhor compreender suas primeiras tomadas de posição como intelectual, para além do universo literário.

1.2. A Conferência na Sorbonne: o intelectual brasileiro, segundo Oswald de Andrade

Em 1923, em uma conferência na Sorbonne intitulada “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”,⁵⁰ Oswald iniciou aquela que seria a tônica presente em seus escritos, ensaios, manifestos, literatura, enfim, em sua produção intelectual: a releitura de nossa experiência histórica, na tentativa de encontrar nela quais seriam as fontes da “brasilidade”. Para tanto, pronunciou uma conferência que teve como ponto de partida a recuperação das que seriam, em sua análise, as nossas raízes ibéricas, de onde teria germinado a configuração da intelectualidade nacional. Nesse sentido, esse texto nos auxilia no entendimento de quais seriam os sentidos da história construídos por Oswald de Andrade e quais foram as expectativas colocadas pelo presente do escritor no que diz respeito ao progresso/modernização do país.⁵¹

Oswald formulou, logo no início de seu texto, a seguinte pergunta: “A Península Ibérica, que criou o *Dom Quixote*, criou também *Os Lusíadas*. No idealismo latino, qual desses dois poemas é o maior?”.

Segundo Oswald,

⁵⁰ Essa conferência foi publicada, em francês, na *Revue de l’Amérique Latine* 2, nº 5, Paris, 1923, p. 197-207; em português, na *Revista do Brasil*, nº 96, São Paulo, dezembro de 1923, p. 383-89. Para esse capítulo, usamos a versão publicada no livro *Estética e política*, organizado por Maria Eugenia Boaventura, que faz parte das *Obras completas* de Oswald de Andrade. ANDRADE, Oswald de. “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”. *Estética e política...* p. 29-38.

⁵¹ Reinhart Koselleck definiu, ao pensar o processo de escrita da história e seus desdobramentos, que toda a forma ou conteúdo da história tida como disciplina estaria sempre colocada em acordo às inquietações do presente do historiador. Nesse sentido, escrever história teria mais a ver com o presente do que, necessariamente, com o passado. Ainda segundo Koselleck, todo o espaço da experiência do pesquisador estaria em conexão com um horizonte de expectativa. Toda a escrita sobre qualquer passado traria junto preocupações com um possível futuro. Nenhuma escrita seria neutra e muito menos desinteressada. As formas ou as maneiras pelas quais os historiadores lançam ou lançaram seus olhares ou perguntas sobre o passado seriam indicativas, em último caso, das posições ou expectativas compartilhadas pelos mesmos. Aqui, os conceitos de “espaços da experiência” e os “horizontes de expectativa” nos são úteis para compreendermos as relações entre o presente, o passado e o futuro construídas por Oswald de Andrade. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição para a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

Quixote teve que lutar contra a organização policiada das cidades, a barreira dos caminhos, as reações dos *pueblos*. Ele embarcou na caravela de Gama e lá se foi com Cabral em busca da Dulcinéia de Toboso, na América do Sul. Acompanhou uma força latina de coesão, de construção e de cultura. Era o jesuíta.⁵²

O sentido da argumentação de Oswald se prestou a justificar onde, em seu entendimento, estaria ancorada a gênese, ou a “semente”, expressão usada por ele, da formação do pensamento intelectual brasileiro.⁵³

Este fenômeno do domínio intelectual do padre latino na formação da sociedade sul-americana contribuiu, mais do que se pensa, para afastar dela os perigos das heterodoxias futuras. A escolástica constituiu, pois, muito naturalmente, a semente do pensamento brasileiro. Ainda hoje ela continua a sua longa carreira na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo,⁵⁴ nos seminários e nos colégios dos estados confederados, sendo atualmente a base da cultura de Alexandre Corrêa.⁵⁵

Para Oswald haveria, pois, na “formação inicial do Brasil, três elementos diversos: o índio, o português e o padre latino. O negro veio da África, pouco tempo depois”.⁵⁶

Essa demarcação temporal e esse recorte temático serviram de mote para que Oswald lançasse, então, as bases de onde ele começou a pensar o surgimento do intelectual seu contemporâneo, representado, contrariamente ao “jesuíta”, pela marca da contestação e da crítica. Aliás, elementos constantes em sua forma de conceber o papel ou lugar que o

⁵² ANDRADE, Oswald de. “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”. *Estética e política...* p. 29.

⁵³ *Ibidem*, p. 30. Vale ressaltar que, no ano de 1931, com a publicação do jornal *O Homem do Povo*, Oswald atacou os estudantes universitários paulistas, ao ironizar sobre o sentido da formação intelectual recebida e sustentada pelos mesmos. O escritor destinou suas críticas à Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, como analisaremos mais detalhadamente no próximo capítulo da dissertação.

⁵⁴ Oswald ingressou no Ginásio São Bento no ano de 1903, com então 13 anos de idade, e se formou como bacharel em ciências e letras no ano de 1914. Nesse mesmo ano, nasceu o seu primeiro filho, José Oswald Antonio de Andrade (Nonê), com uma estudante francesa, Henriette Denise Bouffleur (Kamiá), que retornou de viagem a Europa com o escritor.

⁵⁵ Alexandre Corrêa nasceu em São Paulo a 28 de fevereiro de 1890. Depois de cursar humanidades, ingressou na recém fundada Faculdade de Filosofia de São Bento, diplomando-se em filosofia na primeira turma. Formou-se, também, pela Faculdade de Direito. Achando-se vinculado ao ensino de filosofia em São Bento, foi encaminhado à Universidade de Louvain, na Bélgica, onde concluiu o doutorado. Voltou ao Brasil em 1917, prestes a completar 30 anos, quando tentou ingressar por concurso na Faculdade de Direito, não sendo bem sucedido. Dedicou-se então ao magistério secundário. Teve nessa fase ativa participação no movimento católico capitaneado pelo Centro Dom Vital. Em 1934, ingressou por concurso na Faculdade de Direito, passando a reger a cadeira de Direito Romano. Simultaneamente ensinou história da filosofia na Faculdade de Filosofia São Bento, mais tarde integrada à PUC de São Paulo. Faleceu em São Paulo, a 14 de agosto 1984, aos 94 anos de idade. Informações obtidas no site: <http://migre.me/5THBd>, em junho de 2011.

⁵⁶ ANDRADE, Oswald de. “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”. *Estética e política...* p. 29.

mesmo deveria ocupar. “Mas, ao lado dela [escolástica]”, argumentou Oswald, “um movimento nacional achou a sua expressão superior, no começo deste século, na obra do filósofo Farias Brito”.⁵⁷

Oswald construiu uma genealogia, a partir da defesa da importância da obra de Farias Brito dentro do pensamento brasileiro, de vários intelectuais, segundo sua leitura, que contribuíram para a conquista de um “pensamento tipicamente brasileiro”, até chegar aos nomes consagrados da arte moderna. O autor elencou uma extensa gama de intelectuais que teriam, cada um a seu modo, contribuído para a criação desse pensamento. Entre eles podemos citar, por exemplo, Basílio da Gama, Gonçalves Dias, José de Alencar, Affonso Taunay, Oliveira Vianna, Roquette Pinto, Washington Luís, dentre outros. Curioso constatar que Alencar foi entendido como um divisor de águas, apesar de demarcado por dois momentos em sua criação literária, principalmente no que se refere ao lugar do negro na história do Brasil.

Para Oswald,

[...] havia mesmo nos romances [de José de Alencar] o esboço de tipos que poderiam servir ainda hoje de base psíquica à nossa literatura. O aventureiro Lauredano, Isabel, Rogério Dias, o explorador de minas ilusórias, são verdadeiros “bandeiras” das nossas preocupações criadoras. Mas ao lado dessas realidades havia o Guarany idealizado e falso, Iracema, verdadeiramente chateaubrianesca.

Ainda segundo o escritor,

[...] Alencar não foi um desses bons coloniais que escreveram nossos primeiros poemas, misturando o astucioso Ulisses e a divina Aspásia com os cocos e com as bananas... Mas não logrou libertar-se da influência de importação que vinha ampliar o cenário dos novos páramos. A reação contra a loquacidade sul-americana operou-se no Brasil por intermédio do sangue negro. O negro é o elemento realista.⁵⁸

Para Oswald, dois nomes ocuparam, por excelência, lugares de destaque dentro do

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Ibidem, p. 31-2.

“esforço intelectual” na História do Brasil: Machado de Assis e Euclides da Cunha. O primeiro, “branco de epiderme e cumulado de louvores pelos brancos, obteve equilíbrio, devido ao seu sangue negro. Nos seus romances, que são, de resto, nossas melhores obras de ficção, não há um desvio inútil de paisagem, nenhuma gafa lírica”.

Euclides da Cunha foi, por sua vez,

[...] um homem de ciência [que nos deu] uma excelente contribuição, [...] escritor poderoso, engenheiro e geólogo, que, como oficial do exército, fez parte na repressão de uma revolta mística que convulsionou o Estado da Bahia [...] ele fixou no seu livro *Os sertões* o cenário, a alma e a vida daquela população oriunda do aventureiro e da mestiça.⁵⁹

A partir dessas considerações e demarcados os lugares ocupados, por cada um dos escritores, dentro do quadro geral da literatura e do pensamento nacionais, Oswald afirmaria que essa “[...] série inteira de escritores estava a preparar o romance de hoje”. Não tardaria, então, o surgimento de nomes como, por exemplo, Monteiro Lobato, Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Tristão de Athayde, Plínio Salgado e, por que não, o próprio Oswald, apesar de, na conferência, não haver nenhuma referência explícita a ele como escritor.⁶⁰

⁵⁹ Ibidem, p. 32. Contudo, como é largamente sabido, Euclides não “fez parte na repressão” a Canudos. Ele viajou à região, entre agosto e outubro de 1897, como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*. Em 1948, Oswald afirmou, no texto intitulado “O sentido do interior”, que “[...] uma cultura nativa se forma[va] e resist[ia] entre nós. No domínio da sociologia mudou-se muito depois de Franz Boas e sua escola. Tivemos aqui um fenômeno curioso que foi o sucesso fulminante da obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala*. Eis aí um livro que muitas vezes eu tenho chamado de totêmico, isto é, um livro que apoia e protege a nacionalidade. Até Gilberto, não se havia fixado ecologicamente a dialética do senhor e do escravo no Brasil feudal. De um certo modo *Casa-Grande* é um complemento social d’*Os Sertões* de Euclides, pois estuda a fixação dos engenhos enquanto a magistral gravura euclidiana exprime a resistência do elemento místico em torno de um chefe nômade. Depois da justa exaltação romântica do índio, feita por Gonçalves Dias e por Alencar, e da revolta lírica de Castro Alves a favor do negro, a que assistimos? À entrada do próprio negro e do próprio índio na nossa literatura. Que são as vozes de Machado de Assis e Euclides da Cunha senão as vozes da própria raça caldeada na purificação branca, mas resistentes ativas e reivindicadoras?”. Em todas as referências de Oswald ao escritor d’*Os sertões* encontradas, é constante a imagem positiva e valorativa de Euclides, sendo a referência sobre a sua participação na “repressão” uma exceção do texto de 1923. ANDRADE, Oswald de. “O sentido do interior”. *Estética e política...* p. 197-8. Sobre a viagem de Euclides à região de Canudos, ver: VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 148-176.

⁶⁰ Nessa conferência (1923), é curioso constatar que Oswald em nenhum momento fez menção à sua própria

Ao finalizar, Oswald afirmou que

[...] na pintura como na literatura, a lembrança das fórmulas clássicas impediu durante muito tempo a eclosão da verdadeira arte nacional. Sempre a obsessão da Arcádia com seus pastores, sempre os mitos gregos ou então a imitação das paisagens da Europa, com seus caminhos fáceis e seus campos bem alinhados, tudo isso numa terra onde a natureza é rebelde, a luz é vertical e a vida está em plena construção.⁶¹

Em referência direta à Semana de Arte Moderna de 1922, afirmou que “[...] a reação contra os museus da Europa, de quem resultou a decadência da nossa pintura oficial, foi operada pela semana d’arte moderna, que se realizou em São Paulo”. Para Oswald, foi a partir desse evento que “o Brasil, sob o céu deísta, tom[ou] consciência do seu futuro”.⁶²

Esse texto nos sugere várias questões sobre a posição de Oswald como intelectual. Primeiramente, ao recuperarmos as contribuições dos teóricos elencadas na introdução desse trabalho, o escritor nos pareceu transitar ora como a conformação do intelectual orgânico gramsciano – visto que, em suas ações, estaria manifestado o interesse em “tomar posições que pudessem estar relacionadas à conquista de poder e/ou à obtenção de controle” –, ora como um intelectual tradicional, que se caracterizaria por seu esforço como um mantenedor de um lugar ocupado.⁶³

A gênese estabelecida por Oswald, e verificada na construção de seu argumento, extrapola a simples escolha de escritores que teriam se estabelecido pelo seu valor estético. Consideramos a conferência um discurso político, carregado de intencionalidades e inserido dentro de um debate sobre o lugar do intelectual na sociedade brasileira. Se pensarmos nos elogios feitos por Oswald, em 1923, e suas subseqüentes mudanças de

estrela como escritor, uma vez que ele já havia publicado duas obras.

⁶¹ ANDRADE, Oswald de. “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”. *Estética e política...* p. 37-8.

⁶² *Ibidem*, p. 38.

⁶³ Segundo Gramsci, seriam exemplos de intelectuais tradicionais os professores, os clérigos e os administradores. Ver nota 28 desse trabalho.

opinião sobre Plínio Salgado, Mário de Andrade ou mesmo Guilherme de Almeida, podemos ter a dimensão de como ele operou diferentes discursos para justificar suas escolhas políticas e intelectuais.

Oswald foi mentor e um dos principais intelectuais à frente da Semana de Arte Moderna. Nesse sentido, sua argumentação na conferência pareceu guardar a tentativa de manutenção desse lugar ocupado. Seu discurso reatualiza (ou mesmo ritualiza) a importância do movimento, além de ser um esforço para dar um significado histórico de legitimidade à “nova literatura” que estava em gestação. Politicamente, os elogios criados por Oswald podem ser entendidos como uma estratégia para reforçar a identidade ou dar legibilidade para o grupo, nesse momento subsequente à realização da Semana.⁶⁴ Nesse sentido, Oswald estaria próximo da organicidade proposta por Gramsci, uma vez que o escritor se colocava no papel de “porta-voz” de um grupo.⁶⁵ Isso fica ainda mais evidente quando analisamos o sentido de sua primeira candidatura à Academia Brasileira de Letras, em 1925, que será tema da próxima parte desse capítulo.

As experiências vividas por Oswald em suas várias idas e vindas à Europa proporcionaram ao escritor dimensionar ou construir concepções sobre a formação intelectual nacional. A partir dessas viagens, ele pode conhecer e conviver com alguns dos principais nomes da vanguarda europeia, tornando-se amigo de escritores como, entre outros, o poeta francês Blaise Cendrars.

Dos três elementos “diversos” formadores de nossa nacionalidade, Oswald

⁶⁴ Alguns dos principais nomes citados na conferência tornaram-se desafetos de Oswald (Plínio Salgado, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, entre outros), principalmente a partir do final da década de 20, em razão das polêmicas entre eles ou pelos ataques de Oswald, tanto proferidos na 2ª edição da *Revista de Antropofagia*, quanto pelo seu posicionamento ideológico, a partir dos anos 30.

⁶⁵ Servimos-nos das análises de Pierre Bourdieu que, ao trabalhar com a ideia de classe como representação e como vontade, chama a atenção para o fato de que “o porta-voz é aquele que, ao falar de um grupo, ao falar de um lugar de um grupo, põe, sub-repticiamente, a existência do grupo em questão, institui este grupo, pela operação de magia que é inerente a todo o ato de nomeação”. BOURDIEU, Pierre. “A classe como representação e vontade”. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p. 158.

escolheu o indígena como figura central para a construção de seu discurso, iniciado no *Manifesto de Poesia Pau-Brasil*, em 1924, desenvolvido no *Manifesto Antropófago*, de 1928, e estabelecido como proposta política e literária na *Revista de Antropofagia*, em 1928-29.

1.3. Oswald de Andrade e a Academia Brasileira de Letras

As relações de amizade e desafeto por Emílio de Menezes apresentam-se como importantes pistas das mudanças nas formas de se conceber o papel do intelectual na trajetória de Oswald, principalmente se considerarmos seu compromisso ideológico com o comunismo, a partir dos anos 30.

Para Rubens de Oliveira Martins,

[...] o caso de Emílio de Menezes é interessante como paradigma dos costumes literários vigentes: durante a vida de Machado de Assis não havia conseguido jamais ser eleito para a Academia, uma vez que o mestre não toleraria seu comportamento desabusado e boêmio, considerando-o como o exemplo mais categórico da incompatibilidade entre o culto elevado das preocupações culturais e o desregramento inconsequente da boêmia despreocupada. Emílio de Menezes é a imagem típica do boêmio que marca o período anterior ao processo de institucionalização da vida literária, destacando-se por suas quadras bem humoradas e muitas vezes ferinas.⁶⁶

Os “ecos” dessa relação podem ainda ser sentidos em outros momentos da vida de Oswald, para além da “boêmia”. Em 1925, ele lançou-se em uma polêmica candidatura à Academia Brasileira de Letras, para a cadeira do falecido Alberto Faria. Expressando-se por meio de uma “Carta aberta à Academia Brasileira de Letras”, Oswald assim se dirigiu aos seus membros:

Senhores imortais:
Antes de me dirigir pessoalmente a cada um de vós, na grata tarefa de não

⁶⁶ MARTINS, Rubens de Oliveira. *Um ciclone na paulicéia: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo...* p. 21.

arranjar votos, mas de estudar eminências (em epístolas que serão como esta divulgadas pela imprensa) quero expor à coletividade as razões que me levam a inscrever-me candidato à vaga aberta em vosso seio pelo desaparecimento do bom Alberto Faria. Faço isso apenas para opor à pretensão do ilustre senador Antônio Azevedo de ser acadêmico brasileiro de letras. Quero que fique constatada em vossos anais a atitude do *Petit Trianon*, no julgamento de nós ambos, como literatos.⁶⁷

As razões pelas quais Oswald lançou sua candidatura, supostamente para ingressar na Academia, nos colocam perante a sua postura como intelectual avesso ao processo de burocratização do “ser literário” e dos espaços possíveis destinados à consagração (ou ao ostracismo) dos escritores, nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

Segundo Antônio Luiz Machado Neto,

[...] já se constitui uma observação sociológica corriqueira aquela que apresenta como uma consequência dos ambientes intelectuais acanhados a presença da organização dos intelectuais em grupos de mútuo apoio e de choques mais ou menos graves e constantes entre esses grupos rivais. São igrejinhas ou *coteries* literárias e o constante “fogo cruzado dos elogios mútuos” dentro do “nosso grupo” e de ataques também cruzados dirigidos aos grupos rivais.⁶⁸

Em relação ao lugar ocupado pela Academia, desde a sua criação em 1894 até as primeiras décadas do século XX, Afrânio Coutinho generaliza essa observação, estendendo a sua análise para todos os períodos da história literária brasileira.

Há no Brasil, em todas as épocas, um grupo literário que constitui, por assim dizer, o grupo oficial, pois é o que domina a vida literária. Ocupa as posições chaves, os suplementos, os lugares administrativos de onde podem distribuir vantagens e favores. Houve um tempo em que esse oficialismo dominava a Academia, daí ter sido esta na época o centro da vida literária. Mais tarde foram surgindo outros centros e se transferindo a sede de comando. E, de acordo com isso, outros grupos passaram a dominar e conseqüentemente a distribuir a glória literária consoante as suas preferências [...]. A literatura passou a girar em torno de novos papas, alguns excelentes administradores da própria glória, sobre cuja personalidade são focalizadas todas as atenções, graças a um sistema bem montado de permuta e fogos cruzados de elogios, às vezes até de auto-elogios.⁶⁹

⁶⁷ ANDRADE, Oswald de. “Carta aberta à Academia Brasileira de Letras”. *Os dentes do dragão...* p. 103.

⁶⁸ MACHADO NETO, Antônio Luiz. “‘Coteries’ e Igrejinhas”. *Estrutura social da República das letras*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1973, p. 125.

⁶⁹ COUTINHO, Afrânio. *No hospital das letras*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963, p. 21-22.

Segundo Oswald de Andrade, ainda na “Carta aberta...”:

De modo algum volto atrás do que tenho escrito do desvalor de muitos de vossos membros. Peço antes o mesmo desembaraço na decisão deste pleito muito contente de que aí se ofereça uma legítima ocasião de desafogo para justos ódios, como acontece no último ato do cinema [...]. Sou escritor e poeta, todos os dias, há quinze anos no mínimo. Uso quando quero do estilo convincente (esta carta!), ando às vezes de guarda-chuva, já falei na Sorbonne e tenho sido repetidamente elogiado pelo sr. Tristão de Athayde. Indiquei, queiram ou não, o roteiro brasílico para a minha geração – ao contrário da vossa – quase toda genial [...]. E como homem prático declaro desde já que, uma vez eleito, procuraria meter o bedelho nos negócios administrativos da Academia, promovendo medidas de alta justiça que não compreendo como até agora escapam à visão imortal.⁷⁰

Ao finalizar, Oswald proferiu aquele que seria o desfecho, já previsto por ele, no que tange à sua polêmica candidatura à Academia.

Dos vossos escrutínios só pode sair a derrota de uma pretensão que não entra no meu feitio – todos o sabem. Eu de farda (eu e mais do que eu, qualquer dos modernistas brasileiros solidários com a mocidade heróica de Graça Aranha) é um anacronismo tão grave como Osório Estrada de bicicleta. A minha campanha ficará sendo o altifalante de uma queixa – a dos milhares de intelectuais de minha terra, escarnecidos pela cavação da expoência, quando não pela expoência da cavação.⁷¹

Seguindo as análises de Coutinho e Machado Neto, o sentido dado ao discurso oswaldiano sobre o seu suposto interesse em fazer parte da Academia pode ser entendido como uma das formas pelas quais o próprio Oswald se esforçou para monumentalizar a importância da Semana de Arte Moderna e, por extensão, o esforço intelectual e literário da geração modernista dos anos 20, na orientação da “nova” literatura nacional. Entretanto, não é de nosso interesse descortinar a tessitura da construção do campo literário brasileiro. Interessa-nos tentar compreender os posicionamentos do intelectual Oswald e suas ações no tempo.⁷²

⁷⁰ ANDRADE, Oswald de. “Carta aberta à Academia Brasileira de Letras”. *Os dentes do dragão...* p. 104.

⁷¹ *Ibidem*, p. 105-6.

⁷² Oswald de Andrade candidatou-se novamente à Academia em 1940. Em entrevista dada à revista *Dirtrizes*, no mesmo ano, ele afirmou: “[...] não, não espero ser eleito. Ainda não há pára-quadras blindado [...]. O meu destino é de um pára-quadista que se lança sobre uma formação inimiga: ser estraçalhado”. Nesse momento, Oswald concorria à vaga de Luiz Guimarães para a qual candidataram-se também Manuel Bandeira, “bispo do Movimento”, e Menotti del Picchia, “[...] que pode configurar perfeitamente como um dos mais prestigiados dos sacerdotes da turma da Semana de Arte Moderna”. *Ibidem*, p. 96.

Entretanto, chegamos novamente a um impasse: se por um lado as ações e o material escrito por Oswald de Andrade nos colocam diante da atitude de um intelectual combativo, reivindicativo e polêmico, na medida em que sua candidatura se configura em uma afronta à Academia, não podemos ignorar o fato de sua argumentação endossar, mesmo que de forma indireta, a importância da mesma. Dito de outra forma, o que pareceu estar em jogo eram as amarras ou os entraves colocados pelos membros da Academia à entrada dos “milhares de intelectuais de minha terra, escarnecidos pela cavação da expoência, quando não pela expoência da cavação” e, de passagem, a “tentativa” de ingresso do próprio Oswald. Em nenhum momento em sua carta aparece, por exemplo, a indicação da desnecessidade de manutenção ou deslegitimação da Academia. Ao contrário, como podemos confirmar nas palavras do escritor,

[...] o meu primeiro gesto, ocupando a cadeira de Alberto Faria, seria renunciar ao meu subsídio em favor da família do operoso autor de *Aérides*. [...] A Academia Brasileira está fazendo o papel dum arrivista que, atulhado de milhões, não tem nem a tradição do bem viver nem o instinto da prosperidade.

Para Oswald, seria necessária “uma seção editorial, destinada à primeira passagem dos novos e à garantia de publicidade dos colocados [...]”.

Como candidato, apresentou as seguintes propostas:

O auxílio direto aos seus membros, por meio de comissões retribuídas, de relatórios pagos, de pesquisas encomendadas – fonte legítima de renda para os que não tem outra capacidade na vida senão matutar – é ideia justa. O montepio à família dos grandes escritores, a instituição de prêmios para os operários da pena e do tinteiro (ou da pena-tinteiro) isso então é dever piedoso. Longe de brincadeira, está aí, silenciosa, de chapéu de palha nos asfaltos, sob o céu das avenidas, a preocupação dramática de mil e um brasileiros de talento, cujas capacidades não podem desenvolver por miséria. A Academia ignora os sacrifícios das redações, os emigrados das províncias, os cansados da luta da inteligência proba contra a cavação. Ao contrário, a Academia desmente o espírito com que foi fundada e insulta a inteligência brasileira a cada nova eleição.⁷³

⁷³ Ibidem, p. 104-5.

Percebemos que o discurso de Oswald foi marcado pela blague, aliás recurso constantemente presente em seus textos e em suas formas de argumentação. A referência ao uso da “farda”, signo de honraria ou distinção, incluída nos rituais da ABL, se traduz como um pacto com o passado e a tradição. Da mesma maneira, o trocadilho explícito com o nome do poeta criador da letra do Hino Nacional Brasileiro sugere que o mesmo estaria em desacordo com a modernidade, caso usasse uma bicicleta. O que nos parece criar esse efeito é a imagem da “estrada”, identificada com elementos do progresso modernista, ao passo que a “bicicleta” estaria em acordo com o atraso tecnológico. Como sugestão, também não seria possível a imagem de um escritor modernista sobre uma bicicleta...

Entretanto, o ponto central, ao que nos parece, que teria motivado Oswald de Andrade a se candidatar a uma cadeira na Academia era o seu interesse em recuperar o “espírito” fundador daquela instituição, assim como em reestruturá-la internamente, fazendo-a recuperar o seu “instinto de prosperidade”, valores esses, segundo constatamos, perdidos ou, simplesmente, ignorados pela ABL.

Nossa hipótese é que essas propostas de Oswald estavam ancoradas sob o signo da reforma e não da “radicalidade”, presente no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, de 1924, ou no livro de poesia *Pau-Brasil*, de 1925.⁷⁴

Em *Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze*, datada de 1972, em que os dois filósofos franceses discutem exatamente o papel e as posturas do intelectual na modernidade, há uma indicação que é útil para pensarmos a

⁷⁴ Ao analisar a poesia “pau-Brasil” oswaldiana, Haroldo de Campos afirmou que a sua radicalidade podia ser aferida no “campo específico da linguagem”, como “a consciência, um produto social, um produto do homem como ser em relação”. Para ele, as origens desse radicalismo se encontravam no “conflito entre o estrutural e a linguagem”, no “lirismo objetivo”, na “devoração crítica” e no “novo conceito de livro”, pensado pelo escritor. CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”. ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. São Paulo: Globo, 1990, p. 7-53. Contudo, defendemos que essa postura ultrapassa o “campo da linguagem”. Para tanto, basta pensarmos nas polêmicas que foram travadas entre os seguidores do “Verde-amarelismo” e do “Pau-brasil” que, posteriormente, se desdobraram nos combates entre os movimentos da “Antropofagia” e “Verdeamarelo/Anta”. Sobre essas disputas, ver QUEIROZ, Helaine Nolasco. *Verdeamarelo/Anta e Antropofagia: narrativas da identidade nacional brasileira*. Belo Horizonte: PPGH-UFGM, 2010 (Dissertação de Mestrado em História).

relação entre propostas de reforma e ações que poderiam ser entendidas como revolucionárias.

Na opinião de Deleuze,

[...] ou a reforma é elaborada por pessoas que se pretendem representativas e que tem como ocupação falar pelos outros, em nome dos outros, e é uma reorganização do poder, uma distribuição de poder que se acompanha de uma repressão constante. Ou é uma reforma que reivindica, exigida por aqueles a que ela diz respeito, e aí deixa de ser uma reforma, é uma ação revolucionária que por seu caráter parcial está decidida a colocar em questão a totalidade do poder e de sua hierarquia.

Visto que os problemas elencados pelo escritor, grosso modo, foram colocados em relação à melhor distribuição dos “milhões atualhados” no seio da instituição, conferindo a ela o papel de “arrivista”, não identificamos na carta de Oswald nenhuma referência à mudanças que colocassem em xeque a “totalidade do poder” ou a “hierarquia” da ABL. Se a Academia não possuía “a tradição do bem viver nem o instinto da prosperidade”, seria necessário que esses valores fossem introjetados nela.

Foucault, por seu turno, contribui para o debate, principalmente, para pensarmos no ponto da argumentação de Oswald que diz respeito à condição de “miséria”, dos cansaços “da inteligência proba”, dos “intelectuais de chapéu de palha nos asfaltos, sob o céu das avenidas” que, segundo o escritor, era a “preocupação dramática de mil e um brasileiros de talento”.

Parece-me que a politização de um intelectual tradicionalmente se fazia a partir de duas coisas: em primeiro lugar, sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe (ser explorado, reduzido à miséria, rejeitado, “maldito”, acusado de subversão, de imoralidade, etc); em segundo lugar, seu próprio discurso enquanto revelava uma determinada verdade, descobria relações políticas onde normalmente elas não eram percebidas. Estas duas formas de politização não eram estranhas uma em relação à outra, embora não coincidissem necessariamente.⁷⁵

⁷⁵ FOUCAULT, Michel. “Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze”. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 72.

Em que pese a discussão dos dois intelectuais ter espaço no contexto francês da década de 70, em momento subsequente às revoltas estudantis de maio de 1968, e Foucault estar se referindo ao “tipo do intelectual maldito”, para o primeiro caso, e ao “tipo do intelectual socialista”, para o segundo, sua tese faz referência, como o próprio título do texto deixa claro, às relações entre os intelectuais e o poder. Em certa medida, questão central para a análise da atuação do intelectual Oswald de Andrade.

1.4. Os manifestos: Poesia Pau-Brasil e Antropófago

Entre os anos de 1924 e 1928, Oswald publicou os seus textos mais polêmicos dos anos 20: respectivamente, o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e o *Manifesto Antropófago*. O primeiro, surgido como uma espécie de plataforma programática para a criação de uma “poesia brasileira”, desdobrou-se na criação da obra poética *Poesia Pau-Brasil*.⁷⁶ O segundo, inserido no primeiro número da *Revista de Antropofagia*,⁷⁷ marcou o lugar a partir do qual o escritor lançou as bases que estabeleceriam a tônica de seu pensamento, nos anos subsequentes. Na abertura do *Manifesto Antropófago*, podemos perceber o tom dado à exposição das ideias ao longo do mesmo: “só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”.⁷⁸

Envolvido com o projeto de criação tanto de uma poesia “tipicamente nacional” quanto do movimento antropofágico, ambos os textos trouxeram, curiosamente, a assinatura individual de Oswald de Andrade. Esse fato nos dá alguns indícios da forma de

⁷⁶ Não pretendemos utilizar essa obra como referência central para as nossas análises, mas iremos recorrer a ela sempre que necessário para nos ajudar a entender alguns dos pontos levantados pelo Manifesto.

⁷⁷ O primeiro número da revista veio a público no mês de maio de 1928. Contava com a participação, em sua “primeira denteição”, dentre outros colaboradores, de nomes como Plínio Salgado, Oswaldo da Costa, Guilherme de Almeida, Antonio de Alcântara Machado (que ocupou a direção do impresso), Augusto Meyer e Raul Bopp (responsável pela gerência).

⁷⁸ ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. *A utopia antropofágica...* p. 47.

atuação do escritor como intelectual, principalmente se pensarmos na figura do líder ou do porta-voz.⁷⁹

Regis Bonvicino afirmou que, em relação ao surgimento do Movimento Antropofágico, existiram “[...] três personagens principais: a artista plástica Tarsila do Amaral (1886-1973), então casada com Oswald de Andrade, o próprio poeta e romancista (1890-1954), e o poeta Raul Bopp (1898-1984)”. Segundo Bonvicino,

[...] a primeira fase do movimento, inaugurado com o Manifesto Antropófago, de 1928, de lavra de Oswald de Andrade, com ideias de Tarsila, veiculou-se por uma revista semanal, a *Revista de Antropofagia*; e a segunda, em uma página do extinto *Diário de São Paulo*, conhecida como Antropofagia Brasileira de Letras, a partir de 29 de agosto de 1929.⁸⁰

Segundo Bopp, em seu livro de memórias *Vida e morte da antropofagia*,

[...] na fase que se seguiu aos agitados dias da Semana, Oswald não ocultava suas reações (às vezes violentas) em debates sobre coisas de arte moderna. Mas, depois da sua união com Tarsila, a pintora, com uma deliciosa feminilidade, conseguiu habilmente neutralizar um pouco os seus ímpetos polêmicos. Em vez de agressividade nas discussões, Oswald, com sua sensibilidade intuitiva, foi se amoldando ao diálogo. Evidenciava os seus êxitos orais em análises persuasivas.⁸¹

Ainda para o autor de *Cobra Norato*,

[...] depois de passar em revista a exígua safra literária, posterior à Semana, [Oswald] propôs desencadear um movimento de reação genuinamente brasileiro. Redigiu um Manifesto. O plano de derrubada tomou corpo. A flecha antropofágica indicava outra direção. Conduzia a um Brasil mais

⁷⁹ Dois exemplos nos parecem úteis para pensarmos sobre essa escolha feita por Oswald de Andrade. No ano de 1927 foi lançado, na cidade de Cataguases, o *Manifesto do Grupo Verde*, que contou com a assinatura de Henrique de Resende, Ascanio Lopes, Rosário Fusco, Guilhermino César, Christophoro Fonte-Boa, Martins Mendes, Oswaldo Abritta, Camillo Soares e Francisco Ignácio Peixoto. Em 1929, foi publicado, no jornal *Correio Paulistano*, o *Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo*, que trouxe as assinaturas de Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Alfredo Élis, Cassiano Ricardo e Cândido Mota Filho. Para Raul Bopp, ao comparar as posturas de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, nesse momento, “[Oswald] era diametralmente diferente. Figura de singular complexidade. Tipo de paladino, destemido, inconformado diante de um mundo em plena expansão, servido por uma arte que não correspondia às suas exigências. Por isso, provocava. Atacava. Defendia. Sustentava controvérsias. Elogiava. Deselogiava. Era ávido de renovações. Debatia manifestos literários. Abria caminhos aos mais jovens”. BOPP, Raul. “Oswald de Andrade”. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 55.

⁸⁰ BONVICINO, Regis. “Apresentação Antropofagia: oitenta anos”. BOPP, Raul. *Vida e morte da antropofagia...* p. 7.

⁸¹ BOPP, Raul. “Oswald de Andrade”. *Vida e morte da Antropofagia...* p. 56.

profundo, de valores ainda indecifrados.⁸²

A partir dos trechos citados, podemos notar o esforço de Bopp em construir uma narrativa monumentalizadora em relação à trajetória e à figura de Oswald. Nela, são recolocadas as imagens de um escritor possuidor de “sensibilidade intuitiva”, de “êxitos orais em análises persuasivas”, sempre “polêmico”. Em sua análise, prestou-se a dar significado e inteligibilidade ao Movimento Antropofágico e à *Revista de Antropofagia* que, ao fim e ao cabo, também contaram com a sua participação. Nesse sentido, não encontramos em sua obra nenhuma intenção de entender a trajetória oswaldiana para além das considerações elogiosas.

Por outro lado, Sérgio Miceli trouxe uma outra possibilidade de análise. Ao trabalhar com as relações estabelecidas entre os intelectuais brasileiros e as redes de poder, destinou uma pequena parte de suas análises a Oswald. Ancorado em uma autobiografia do escritor e uma biografia sobre Tarsila, demonstrou os interesses de ambos na direção do legado modernista:

O casal formado pelo poeta Oswald de Andrade e pela pintora Tarsila do Amaral é a encarnação mais perfeita e acabada do estilo de vida dos integrantes dos círculos modernistas, obcecados ao mesmo tempo pela ambição de brilho social e pela pretensão de supremacia intelectual. O fato de ambos pertencerem a famílias abastadas da oligarquia e de poderem viver às custas das rendas provenientes da especulação imobiliária com terrenos onde se edificaram os futuros bairros elegantes da cidade de São Paulo e dos lucros derivados da exportação de café lhes assegurou o capital necessário para que pudessem se impor como modelos requintados de importadores tanto no âmbito do consumo de luxo como no tocante a investimentos culturais.⁸³

Nas considerações e análises de Miceli constatamos o pouco (ou inexistente) interesse pela leitura da vasta produção intelectual oswaldiana para, a partir dela, serem feitas constatações talvez menos taxativas. Se em suas análises não houve um interesse por

⁸² Idem. “Restaurantes das rãs”. *Vida e morte da antropofagia...* p. 58.

⁸³ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. Rio de Janeiro: Difel, 1979, p. 96-7.

essa produção, ela nos é essencial para perceber, dentre outros pontos, as rupturas e continuidades nas maneiras de conceber a vida do escritor, enquanto intelectual.

Heitor Martins, em artigo escrito no ano de 1968, chamou a atenção exatamente para esse ponto.

Segundo suas análises,

[...] é provável que o autor brasileiro sobre quem mais se escreveu em 1967 tenha sido Oswald de Andrade – e 1968 segue a mesma esteira [...]. Uma leitura, por mais rápida, desta longa bibliografia, dá-nos apenas o mais insípido material: nenhuma análise de sua obra (que a merece!) a não ser a repetição *ad infinitum* de meia dúzia de linhas de instantâneo futurista.⁸⁴

Nesse sentido, não seria forçoso admitir que o interesse por Oswald quase sempre recaiu sobre a importância (ou não) de sua literatura enquanto produto e projeto estéticos, centrado nos aspectos formais, no intuito de se (re)pensar o fazer literário.

O *Manifesto da Poesia Pau-brasil* e o *Manifesto Antropófago*, mais especificamente, nos interessam nesse trabalho para pensarmos os universos da política e, de forma mais abrangente, do político. Nesse sentido, vislumbramos a possibilidade de analisar essa literatura oswaldiana a partir do pressuposto de que ela seria um lugar privilegiado para se pensar as relações entre a política e o político.

Luiz Costa Lima, ao proceder a análise de alguns textos esparsos da produção oswaldiana, nos deu algumas pistas metodológicas para entender o universo de criação do escritor.

Segundo Lima,

[...] para entender o impacto do *Manifesto Antropófago* e das *Poesias Reunidas*, ambos de 1924 [sic], é preciso ter-se em conta [...] dois pontos: o uso da linguagem e a atitude quanto ao país. Para que Oswald empreendesse a “devoração ritual dos valores europeus”, como bem dizem Aderaldo Castello e Antonio Candido, impunha-se-lhe atacar a dupla frente.⁸⁵

⁸⁴ MARTINS, Heitor. *Oswald de Andrade e outros*. São Paulo: Conselho Nacional de Cultura, 1973, p. 11.

⁸⁵ LIMA, Luiz Costa. “Oswald, poeta”. *Pensando nos trópicos (dispersa demanda II)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 190.

Oswald partiu de um pressuposto básico: a necessidade de dar outro entendimento ao passado histórico brasileiro. Ao fazer uma releitura do mesmo, não deixou de considerar a importância de valorizar, segundo suas próprias palavras, “a língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os nossos erros. Como falamos. Como somos”.⁸⁶ Presente no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, essa passagem é seguida da seguinte constatação: “[...] não há lutas na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. [...]. Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. [...] a única luta – a luta pelo caminho [...]”.

Esse manifesto foi escrito um ano antes da sua polêmica candidatura para à Academia Brasileira de Letras. Nele, as referências às “fardas” e ao “gabinetismo” são menções explícitas aos ocupantes das cadeiras naquela instituição.

Criado com o sentido manifesto de proporcionar as orientações de uma nova poesia – “dividamos: Poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação”⁸⁷ –, Oswald assim definiu qual seria o cerne e o significado de seu projeto:

Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente. Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. *Ver com olhos livres*.⁸⁸

Se esteticamente a reação se manifestou tanto contra a Academia como contra as pretensões da poética parnasiana, traduzida em uma “poesia de importação”, os temas valorizados ou que deveriam fazer parte da “nova” criação poética, dita de “exportação”, seriam aqueles alocados no cotidiano da vida.

Segundo Oswald,

[...] a poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos. O carnaval no Rio é o

⁸⁶ ANDRADE, Oswald de. “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. *A utopia antropofágica...* p. 42.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 41, 42 e 44.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 44 (itálico no original).

acontecimento religioso da raça [...]. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.⁸⁹

Nessa passagem, podemos perceber a valorização do que poderíamos considerar como expressões da “cultura popular brasileira”.

Segundo Roberto Schwarz,

Oswald de Andrade inventou uma fórmula fácil e poeticamente eficaz para ver o Brasil. A facilidade no caso não representava defeito, pois satisfazia uma tese crítica, segundo a qual o esoterismo que cercava as coisas do espírito era uma bruma obsoleta e antidemocrática, a dissipar, fraudulenta no fundo. Quando Lênin dizia que o Estado, uma vez revolucionado, se poderia administrar com os conhecimentos de uma cozinheira, manifestava uma convicção de mesma ordem: não desmerecia as aptidões populares, e sim afirmava que a irracionalidade e a complicação do capitalismo se estavam tornando supérfluas; brevemente seriam substituídas por uma organização social sem segredo e conforme ao bom senso.⁹⁰

A proposta oswaldiana de trazer o cotidiano e o popular para o centro de sua produção literária é também umas das marcas que o acompanhou durante toda a sua trajetória como intelectual, posição que não deixou de lhe render várias críticas e elogios.

No rol das críticas negativas, Alceu Amoroso Lima, provavelmente o autor dos principais posicionamentos contrários ao pensamento primitivista de Oswald, em dois artigos de 1925 intitulados “A literatura suicida” e “Queimada ou fogo de artifício”, afirmou que o exibicionismo que o autor de *Pau-Brasil* aprendera na Europa falsificava “a imagem do Brasil atual e a orientação do Brasil futuro”. O mesmo movimento seria uma barbárie inconsequente, “uma literatura de mandioca, aborígine, precabrálica”.⁹¹

Manuel Bandeira também atacou o Manifesto, ao dizer que “o seu primitivismo consiste em plantar bananeiras e pôr de cócoras embaixo dois ou três negros tirados da *Antologia do Sr. Blaise Cendrars*”.⁹²

⁸⁹ Ibidem, p. 41.

⁹⁰ SCHWARZ, Roberto. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. *Que horas são? (ensaios)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 11.

⁹¹ LIMA, Alceu Amoroso *apud* NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 60.

⁹² MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: IEB,

Por outro lado, os elogios também se fizeram presentes em alguns conhecidos escritores. Carlos Drummond de Andrade comentou, ao apontar a importância de Oswald em dar mais lirismo pessoal e nacional aos seus retratos do Brasil, que o escritor havia elaborado um texto com “menos caricatura e trabalho mais profundo da realidade”.⁹³

Mário de Andrade saiu em defesa da obra de Oswald ao desvincular a mesma das correntes europeias. Empregou argumentos nacionalistas ao afirmar que “*Pau-Brasil* é rótulo condescendente e vago significado pra nós iluminadamente a precisão de nacionalidade [...]. A humanidade precisa de rótulos pra compreender as coisas”.⁹⁴

Antonio Candido, por seu turno, comentou como o primitivismo, até então visto de uma maneira exótica pelos europeus, era para a tradição brasileira a retratação de uma realidade cultural. Para ele,

[...] no Brasil as culturas primitivas se misturam à vida cotidiana ou são reminiscências ainda vivas de um passado recente [...]. O hábito em que estávamos do fetichismo negro, dos calungas, dos ex-votos, da poesia folclórica nos predisponha a aceitar e a assimilar processos artísticos que na Europa representavam ruptura profunda com o meio social e as tradições espirituais.⁹⁵

Benedito Nunes também defendeu o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* ao dizer que ele não se reduziria a uma estética de valorização do selvagem, importada da Europa, uma vez que “o ideal do manifesto [...] é conciliar a cultura nativa e a cultura intelectual renovada”. E essa “universalidade”, segundo ele,

[...] deixaria de ser excêntrica para tornar-se concêntrica; o mundo se regionalizara e o regional continha o universal. “Ser regional e puro em sua época” – eis a fórmula com que o manifesto quebra a aura exótica da cultura nativa. A poesia consequente a esse programa deixaria de ser a matéria-prima do exotismo, uma especiaria estética destinada a temperar o gosto do europeu num mundo dividido em províncias, em regiões que se

2001, p. 263.

⁹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986, p. 248.

⁹⁴ ANDRADE, Mário de *apud* BATISTA, Marta Rosseti. *Brasil: 1º tempo modernista - 1917/29*. São Paulo: IEB, 1972, p. 229.

⁹⁵ CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 128.

intercomunicam.⁹⁶

Haroldo de Campos cunhou o qualificativo “poeta da radicalidade”,⁹⁷ ao entender que Oswald, ao se inserir nos processos políticos, culturais e sociais de sua época, iniciara a construção de uma “utopia oswaldiana”, na tentativa de diagnosticar e higienizar o presente brasileiro. Para isso, seriam constantes suas reformulações sobre a ideia de modernidade nacional, assim como a noção de antropofagia, que traduziriam a atitude “decente” do intelectual brasileiro em relação aos outros países, principalmente os europeus.

Ao analisar o livro de poesia *Pau-Brasil*, Campos afirmou que “[...] se quisermos caracterizar de um modo significativo a poesia de Oswald de Andrade no panorama de nosso Modernismo, diremos que esta poesia responde a uma poética da radicalidade. É uma poesia radical”.⁹⁸ E complementou:

Qual a linguagem literária vigente quando se aprontou e desfechou a revolução poética oswaldiana? O Brasil intelectual das primeiras décadas deste século, em torno à Semana de 22, era ainda o Brasil trabalhado pelos “mitos do bem dizer” (Mário da Silva Brito), no qual imperava o “patriotismo ornamental” (Antonio Candido), da retórica tribunícia, contraparte de um regime oligárquico-patriarcal, que persiste República adentro. Rui Barbosa, “a águia de Haia”; Coelho neto, “o último heleno”; Olavo Bilac, “o príncipe dos poetas”, eram os deuses incontestes de um Olimpo oficial, no qual o Pégaso parnasiano arrastava seu pesado caparazão metrificante e a riqueza vocabular (entendida num sentido meramente cumulativo) era uma espécie de termômetro da consciência ilustrada.⁹⁹

Em uma abordagem próxima a de Campos, Silviano Santiago, em ensaio intitulado “Oswald de Andrade: elogio da tolerância racial”, publicado em 1992, afirmou que

Pau-Brasil, primeira coleção de poemas de Oswald de Andrade, serve para espicaçar os historiadores que são servos obedientes da cronologia e os que são defensores de princípios históricos normativos. Como um endiabrado “menino experimental”, para se valer da expressão de Murilo Mendes, o

⁹⁶ NUNES, Benedito *apud* ANDRADE, Oswald de. “A utopia antropofágica ao alcance de todos”. *A utopia antropofágica...* p. 13-4.

⁹⁷ CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”. ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil...* p. 7-53.

⁹⁸ Ver nota 74.

⁹⁹ CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade”. ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. São Paulo: Globo, 1990, p. 7-8.

poeta arrebatava o bastão de revezamento da poesia brasileira no vácuo de um conflito: tanto faz parte de uma cultura nacional, onde praticamente inexistem valores tradicionais passíveis de serem acatados, quanto quer inscrever o seu projeto poético dentro do espírito das vanguardas europeias. Para dramatizar a situação lacunar, resolve bagunçar o coreto do Tempo e da História ocidental.¹⁰⁰

Nesse texto, Santiago defendeu a ideia de que vários autores – como, por exemplo, Machado de Assis, Graça Aranha e Caio Prado Júnior –, empreenderam análises do passado colonial brasileiro a partir de olhares reducionistas. É importante frisar, todavia, que o autor se ocupou com a leitura e reflexão em torno da obra poética *Poesia Pau-Brasil*, uma espécie de materialização das propostas expostas no manifesto homônimo. Para os fins desse trabalho, optamos por selecionar o Manifesto, e não a obra poética. Entretanto, consideramos que as afirmações de de Campos e de Santiago sobre aquela também são válidas para o nosso objetivo.

A expressão “descoberta do Brasil”, termo utilizado por Oswald na abertura de seu livro de poemas, parece operar mais como uma redescoberta do país, na medida em que marca o compromisso do escritor com o seu tempo e os destinos intelectuais da nação.

Ao retomarmos as considerações feitas por Luiz Costa Lima, em torno do “uso da linguagem” e a “atitude [de Oswald] quanto ao país”, referidas anteriormente, o *Manifesto Antropófago* se abre como um *locus* privilegiado para a análise do lugar do político ou da escrita do político¹⁰¹ no ideário oswaldiano.¹⁰²

Ao complementar a definição de Antropofagia, Oswald afirmou que ela era

¹⁰⁰ SANTIAGO, Silvano. “Oswald de Andrade: elogio da tolerância racial”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, nº 35, julho de 1992, p. 165.

¹⁰¹ Segundo Jacques Rancière, o conceito de escrita como ato político “[...] é um ato sujeito a um desdobramento e a uma disjunção essenciais. Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza”. RANCIÈRE, Jacques. “Prefácio”. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 7.

¹⁰² Entendemos que as ideias e propostas expressas no manifesto marcam os principais pontos da discussão política de Oswald no que diz respeito à tentativa de criação efetiva do Movimento Antropofágico, seus desdobramentos e as suas tomadas de posição a partir dos anos 30, principalmente com a filiação de Oswald ao Partido Comunista Brasileiro, tema esse de que nos ocuparemos a partir do próximo capítulo.

[...] única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupi, or not tupi that is the question. Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.¹⁰³ Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.¹⁰⁴

No trecho citado, Oswald utiliza-se, para além da imagem comentada por Schwartz, da paródia de uma das passagens do drama hamletiano de Shakespeare, “to be or not to be, this is a question”, talvez expressão mais famosa do texto oswaldiano: “tupi or not tupi, that is the question”.

O manifesto é marcado por uma linguagem sintética, metafórica e construída em torno de várias imagens ou aforismos. Esse recurso, que nos parece ter a função de tentar aproximar o leitor das formas do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, demonstra que, nesse momento (1928), Oswald esteve menos preocupado com a retórica poética do que com formulações de sínteses de cunho político. Esse modo de proceder marca algumas diferenças no procedimento argumentativo dos dois manifestos. Se no *Pau-Brasil* as questões que envolvem o político parecem subjacentes às propostas estéticas, no *Antropófago*, entretanto, como tentaremos demonstrar, o político emerge para o primeiro plano, uma vez que as preocupações ou as propostas literárias foram traduzidas para além do estético, estabelecendo, assim, novas plataformas programáticas. No limite, esteve dentro das propostas de Oswald a construção de uma literatura antropofágica, marcada por seu caráter político. Esse pode ser percebido na proposta de organização de um congresso, que teria lugar no estado do Espírito Santo, no final de 1929. Para tal fim, foram elaboradas várias teses que seriam apresentadas e discutidas no evento. A partir delas, podemos perceber os princípios gerais que organizariam a criação de um conjunto de

¹⁰³ Segundo Jorge Schwartz, Oswald estaria fazendo referência à “figura da austeridade moral e da reverência prestada à virtude como *emblema* de uma fixação psicológica da cultura intelectual brasileira” (itálico do autor). SCHWARTZ, Jorge. “Manifesto Antropófago”. *Vanguardas latino-americanas: polémicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Edusp/Iluminuras, 1995, p. 142.

¹⁰⁴ ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. *A utopia antropofágica...* p. 47.

referenciais para a ação coletiva, de códigos ou de uma linguagem que pudesse ser compartilhada. Não seria forçoso pensar na tentativa de criação ou recuperação de uma cultura antropofágica.¹⁰⁵

No *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* está ausente outro elemento que consideramos de suma importância no *Antropófago*: a presença do sujeito coletivo, indicado nesse pelo

¹⁰⁵ O Primeiro Congresso da Antropofagia teria lugar em Vitória, no Espírito Santo, com data marcada para o dia 11 de outubro de 1929. A escolha dessa data se justificaria, segundo as palavras do próprio Oswald, por simbolizar “o último dia da América livre. Dia que chegou Colombo...”. Para o Congresso, afirmou Bopp, “Oswald era da opinião que se precisava firmar postulados, para conduzir o movimento com novos critérios. Para isso, cogitava da preparação de um retiro de alguns dias, na fazenda de café de Tarsila, de ambiente tranquilo. De acordo com as conclusões a que chegasse o grupo, seria oportunamente convocado um congresso, de ressonância nacional, para o debate de teses”. Um dos objetivos do Congresso seria a discussão de vários autores que pudessem orientar as teses antropofágicas, a partir dos “clássicos da antropofagia”. Iniciativa de não pouca monta, foram levantados os seguintes autores e obras: “Thevet, com seicentas notas de interesse etnográfico; Jean de Lery, que veio ao Brasil com Villegaignon; Hans Staden; Henry Koster; Karl von den Steinen (estudo das tribos Xingu); Claude d'Abbeville; Yves D'Evreux; Taunay; Saint-Hilaire; Koch Grünber; Humboldt; Capistrano de Abreu (falares dos Caxinauás); glossários de línguas indígenas, de Martius, traduzidos por Teodoro Sampaio; Emílio Goeldi; Barbosa Rodrigues; Couto de Magalhães. E por fim, como remate dessa enumeração de ilustres, o grande Montaigne (*Les Essais, De Canibalis*) e Jean-Jacques Rousseau”. Os outros pontos seriam: a tentativa de firmar “o conceito antropofágico do nosso país”, através da ideia de que “o Brasil é um grilo”. A discussão seria em torno da propriedade, já colocada no *Manifesto Antropófago* e expressa como “a posse contra a propriedade”. No Congresso, seriam recolocadas as questões em torno do Tratado de Tordesilhas, “que nunca foram observadas”, o loteamento do Brasil, que “em capitânias hereditárias, não assegurou o registro de propriedade aos respectivos donatários”; a discussão em torno dos “materiais” que seriam planejados “de modo a proporcionarem, no seu conjunto, uma ideia das realidades brasileiras”; a fundamentação de “uma sub-religião no Brasil”, onde seriam procurados os elementos de “uma unidade para uma seita religiosa, tipicamente brasileira, isto é, constituída com o *substratum* de crenças dos três grupos raciais que formam os alicerces étnicos do Brasil”. Esperava, dentro desse esquema, “estruturar um sistema derivado de cultos de seres e coisas, dentro de um clima de surrealismo religioso”; criação de uma “subgramática”, que “teria em vista, acima de tudo, a recuperação da simplicidade do idioma, de modo a libertá-lo da sua complicada engrenagem pedagógica”. Anexo a essa tese, “figurava um selecionado de cem palavras de sabor brasileiro”, entre elas, palavras como “mironga, macumba, tâmara, tatá de carunga, fazer querzinho, mussangulá”; criação de uma “bibliotequinha antropofágica”, que “foi se enriquecendo com a agregação de novas teses e ensaios”. Estaria contida na mesma obras como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Cobra Norato*, de Raul Bopp, *Moquéns*, de Osvaldo Costa, dentre outras; criação do “livro do nenê antropofágico”, que “constaria de uma coleção de cantigas de ninar (repertório de Elsie Huston), embalos de rede e cata-piolhos, seguidos de um estudo sobre a formação da inteligência do nenê (casos de assombração, o Sapo-Boi, Bicho do Fundo)”; organização do volume *Escola Brasileira*, “com revisão dos programas de ensino, sob critério essencialmente utilitário (supressão de coisas desnecessárias na vida prática), livros de *Festas e folguedos*, capítulos sobre danças regionais, qualidades típicas do andar do negro, mecânica dos movimentos de frevo”, dentre outros; estabeleceriam considerações sobre o “berro, como um sistema de medidas de superfície de Antropofagia. Os limites de uma determinada área se fixariam em pontos, onde pudessem ser ouvidas as últimas ressonâncias do berro. Nem todas as palavras tem o mesmo raio de penetração ao ar livre”. Os outros pontos a serem discutidos versariam sobre “a índole pacífica do gentio”, a “libido brasileira” e a “área poética da antropofagia”. Entretanto, o Congresso não se realizou, uma vez que, segundo Bopp, houve uma “debandada”. “Oswaldo desapareceu. Foi viver o seu novo romance numa beira de praia, nas imediações de Santos. A reação emocional se processou em série, com vários desajustamentos de âmbito doméstico. Com a emoção dos acontecimentos, ninguém pensou mais no Congresso em Vitória. A bibliotequinha ficou em nada. E a Antropofagia dos grandes planos, com uma força que ameaçava desabar estruturas clássicas, ficou nisso... provavelmente

uso constante da primeira pessoa do plural.

Segundo Nunes,

em razão do emprego do pronome “nos”, que remete a um sujeito coletivo, a Antropofagia apresenta-se como um princípio de união nacional. Dir-se-ia que esse início tão inusitado traz resposta imediata a uma questão que estava na ordem do dia. De fato, a afirmação da Antropofagia como princípio de união nacional está ligada à busca de identidade do povo brasileiro que nossos modernistas empreenderam. Essa busca retomava um dos temas centrais do pensamento romântico.¹⁰⁶

Se uma busca pela “identidade do povo brasileiro”, segundo a argumentação de Nunes, pode ser apreendida pelo discurso aglutinador de Oswald, em torno da utilização do pronome “nos”, também podemos percebê-la através daquilo que no manifesto foi expresso pela marca da negação. Nesse sentido, nos parece relevante o uso repetido, em várias passagens, da preposição “contra”. Esses traços conjugados dão a tônica das formas de argumentação de Oswald. Um trecho, dentre outros, nos parece ilustrativo: “foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil. Uma consciência participante, uma rítmica religiosa”.

Oswald considerava que a tomada de uma atitude antropofágica perante a realidade política, social e cultural do país poderia proporcionar uma “resposta imediata” aos desafios colocados por aquele presente. O *Manifesto Antropófago* colocar-se-ia, então, como o desafio de recuperação de uma tradição que estaria há muito esquecida em nossa formação identitária, qual seja, a afirmação pelo confronto. De fato, não pareceu haver na estrutura argumentativa do texto nenhuma possibilidade para o diálogo ou para a negociação. O seu discurso é prescritivo e sugere a necessidade de ação no presente, tendo

anotada nos obituários de uma época”. BOPP, Raul. “Vida e morte da Antropofagia”. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 49-79.

¹⁰⁶ NUNES, Benedito. “Antropofagismo e surrealismo”. *Revista Remate de Males*, São Paulo: Unicamp, nº 6, 1986, p. 18.

em vista a sua superação e a construção de uma espécie de utopia para o presente/futuro.

Nas palavras de Oswald,

[...] queremos a Revolução Caraíba.¹⁰⁷ Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. [...] Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade do ouro.¹⁰⁸

Um pouco mais adiante, Oswald afirmou: “não tivemos a especulação. Mas tínhamos a adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social planetário”.¹⁰⁹

Por fim, ainda afirmou que “a nossa independência ainda não [tinha sido] proclamada [...]. Contra a realidade social, vestida e opressora, castrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituição e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama”.¹¹⁰ Oswald assim terminou o manifesto: “Em Piratininga, ano 374 da Deglutição do bispo Sardinha”.

Em suma, Oswald de Andrade esteve no centro dos principais debates e polêmicas artísticas e políticas da terceira e quarta décadas do século XX. Como intelectual, defendeu uma postura de embate como forma de comprometimento para a criação de uma “identidade nacional”.

Sua novidade foi colocar em discussão valores e questões nacionais sob o signo de

¹⁰⁷ Segundo Jorge Schwartz, “Oswald sobrepõe as duas nações indígenas, os *caráiba*, que habitavam o Norte, e os *Tupi*, que habitavam o litoral na época em que os portugueses descobriram o Brasil”. SCHWARTZ, Jorge. “Manifesto Antropófago”. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos...* p. 143. Vale ressaltar que a partir do início da década de 30 Oswald reconfigurou as suas formas de pensar a revolução, sendo que passou a considerar a necessidade de se fazer uma “Revolução Nacional” não mais concentrada recuperação de nossas raízes indígenas ou antropofágicas, mas sim a partir da ação popular. Nesses termos, a figura do indígena perderá lugar para o povo e a noção de antropofagia perderá sua força discursiva.

¹⁰⁸ ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. *A utopia antropofágica...* p. 48-9.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 50.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 52. Em nota ao *Manifesto* Schwartz afirma que “Pindorama designava o nome Brasil na língua indígena *nheengatu*”. SCHWARTZ, Jorge. “Manifesto Antropófago”. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos...* p. 147.

duas “utopias”: a pau-Brasil e a antropofágica. Para isso, a autenticidade e identidade deveriam ser alcançadas através de uma “devoração crítica”, passando por uma reformulação da linguagem – em suas mais variadas dimensões –, como por meio de uma atitude iconoclasta.¹¹¹

Há em Oswald uma postura de crítica e autocrítica permanentes, com o intuito de criar as bases para a configuração do intelectual brasileiro. Foi um defensor ferrenho da necessidade de um “espírito criador”, dos valores culturais e nacionais “autênticos”. Em suas palavras, um intelectual à procura das formas ou meios de se “ver com olhos livres”.

¹¹¹ Para Nunes, “a perspectiva definida pelo Manifesto [da Poesia Pau-Brasil] – sentimental, intelectual, irônica e ingênua ao mesmo tempo – é um modo de sentir e conceber a realidade, depurando e simplificando os fatos da cultura brasileira sobre que incide. [...]. No estilo telegráfico do anterior, os aforismos do Manifesto Antropófago misturam, numa só torrente de imagens e conceitos, a provocação polêmica à proposição teórica, a piada à ideias, a irreverência à intuição histórica, o gracejo à intuição filosófica”. NUNES, Benedito. *A antropofagia ao alcance de todos*. ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica...* p. 10.

Capítulo 2

Oswald de Andrade: o intelectual como “homem do povo”

2.1. O Homem do Povo: “a cidade, o país, o planeta”

Oswald de Andrade, personagem que não alcançou um lugar de mito político, no que diz respeito aos seus posicionamentos ou pelas representações das quais foi alvo ou motivador, pode ser considerado um intelectual pouco estudado pela história política. Ora reivindicado por projetos estéticos, ora filosóficos, ora rechaçado por seus “excessos”, parece ainda não ocupar um lugar nos estudos do pensamento social e dos intelectuais do século XX brasileiros.

No ano de 1931, Oswald e sua esposa Patrícia Galvão (Pagu) deram início à publicação de um jornal de efêmera existência intitulado *O Homem do Povo*.¹¹² Em formato tablóide, com 48 por 34 cm, era composto de seis páginas, organizado em colunas e contendo artigos curtos que abarcavam temas políticos.

Ao analisarmos um impresso efêmero dentro da trajetória jornalística oswaldiana, foi nosso interesse compreender os embates por ele travados e as possíveis repercussões provocadas tanto pelo surgimento, como pelo seu desaparecimento.

O *corpus* da pesquisa utiliza-se da edição completa compilada por Augusto de Campos, em 1984.¹¹³ Nela, consta uma introdução do poeta e ensaísta que traz diversos recortes de notícias da época de sua publicação, nas quais a grande imprensa relatava as repercussões do impresso, sobretudo as polêmicas que o mesmo provocou. Campos nos

¹¹² O jornal teve seu primeiro número publicado no dia 27/03/1931. Por motivo de seu empastelamento, foram publicados apenas oito números, sendo o último no dia 13/04/1931.

¹¹³ Em 2010 teve lugar a republicação da edição fac-similar, mas sem alterações significativas em relação à edição de 1984, o que acabou por não trazer nenhuma contribuição ou alteração para o objetivo da pesquisa.

apresenta importantes considerações sobre a natureza do jornal, das quais algumas podemos confirmar neste trabalho. Uma delas, por exemplo, é a caracterização do jornalismo oswaldiano como “feroz, paródico e utópico”. Outra, é a afirmação que o impresso teria demonstrado, como umas das marcas possíveis, certa continuidade em relação às formas de expressão da *Revista de Antropofagia* (1928-29). Segundo Campos, “a nova experiência – apesar de distante, ideologicamente, da anterior – não deixa de ter certas afinidades com ela”. Para o autor, “o último número da *Revista de Antropofagia* (2ª edição), saíra em 01-08-1929 no *Diário de S. Paulo*, que, por sinal, fechara suas portas à página antropofágica devido aos protestos dos leitores do jornal, indignados com as irreverências de Oswald e seu grupo”.¹¹⁴

Para além das supracitadas, a informação mais importante para a nossa pesquisa se encontra nas indicações e intuições de Augusto de Campos sobre as formas de assinatura das colunas presentes em todos os números do jornal. Nomes como o de Oswald de Andrade, Pagu, Raul Maia, Flávio de Carvalho, Gerson Brasil foram constantes, acompanhando os textos publicados. Entretanto, vários outros textos trouxeram assinaturas as mais variadas, em geral, pseudônimos.¹¹⁵

O impresso apresentava relativa organização. A seção intitulada *a cidade, o país, o planeta*,¹¹⁶ localizada sempre na primeira página, trazia a assinatura do próprio Oswald, podendo ser entendida como o espaço para o editorial;¹¹⁷ a segunda página trazia uma

¹¹⁴ CAMPOS, Augusto de. “Notícia impopular do *O Homem do Povo*”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo: março/abril 1931*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 1984, p. 10.

¹¹⁵ Foram catalogados os seguintes pseudônimos: Anjo, Anonimus, Aurelino Corvo, Capitão Rodolfo, Valois, Carcamano, Corifeu, Estalinho, Gás asfixiante, João Bagunça, Lima Trilhos, Pyramidon, Plebeu, Reporter Z, Sombra, Spartacus, Visconde de Xixirica e Zumbi.

¹¹⁶ Outra característica constante no jornal foi a forma de se grafar as palavras dos títulos das reportagens, quase que na sua totalidade, com letras minúsculas.

¹¹⁷ Oswald assinou os quatro primeiros números com seu próprio nome passando a grafar como *o homem do povo* a partir do quinto. Entretanto, depois das polêmicas com os estudantes da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, quando publicou o artigo “As angústias de Piratininga”, um explícito ataque àqueles, Oswald voltou a assinar novamente com o seu próprio nome, a partir do sétimo número do impresso.

coluna intitulada *A mulher do povo*, com polêmicas e afrontas de Pagu; a terceira era ocupada pelas seções *pamphleto e doutrina* e *barometro economico*. A primeira seção continha textos que variavam suas temáticas entre, por exemplo, questões pedagógicas, denúncias sobre trabalhos forçados e polêmicas que se referiam às disputas entre classes sociais. A segunda, exerceu funções diversas na estrutura do impresso, indo do balanço sobre as finanças no mundo, às vezes com a presença de gráficos numéricos, à discussão de livros como, por exemplo, *São Paulo: metrópole do Brasil-Colônia*, publicado no ano de 1931, sob o pseudônimo de Hélio Negro.¹¹⁸ Curiosamente, a seção vinha assinada pelo mesmo, assim como foi possível acharmos propagandas de sua obra em algumas páginas do impresso. Entretanto, não foi possível sabermos a data exata da publicação do livro; a quarta página trazia as seções *o palco e o picadeiro*, que tinha como “diretor de palco” o palhaço “piolin” e era destinada à crítica e à divulgação de peças teatrais na cidade de São Paulo, e a seção *esportes no mundo e na ponte grande*, que tinha a função de fazer a crítica e noticiar fatos referentes ao esporte em geral. E trazia, quase sempre, pseudônimos como assinatura; a quinta página era destinada à seção *summario do mundo*, que tinha como função noticiar rapidamente, com artigos curtos e informativos, os fatos recentes espalhados pelo mundo, abrangendo a política, economia, cultura etc. E, por fim, a última página era destinada às seções *hontem, hoje e amanhã* e ao *folhetin do homem do povo: no país de gente nua* – espécie de romance de folhetim que contava a história de uma viagem a uma região da Alemanha onde as pessoas vivem nuas. Ele apareceu no primeiro número do impresso e se prolongou pelos demais. A primeira seção era destinada às polêmicas que tinham como tema a política local de São Paulo, assim como a algumas questões que diziam respeito ao Brasil no contexto internacional. Essas, basicamente ligadas ao universo

¹¹⁸ Uma das descobertas de nossa pesquisa foi a de que Hélio Negro era um dos pseudônimos do anarquista Antônio Candeias Duarte que, dentre outras obras, escreveu *O que é marxismo ou bolchevismo: programa comunista*, juntamente com Edgard Leuenroth.

da política.

Das características semelhantes com o projeto editorial usado na *Revista de Antropofagia* (1928-29), destacamos a colaboração constante de outros intelectuais que assinavam algumas colunas presentes no corpo do impresso. Entre os mais importantes nomes por trás do projeto do jornal *O Homem do Povo*, podemos destacar Astrojildo Pereira (Aurelino Corvo) e Antônio Duarte Candeias (Hélio Negro). Segundo Campos, poderíamos atribuir algumas autorias de textos não assinados ou atribuídos a anônimos/pseudônimos ao próprio Oswald de Andrade ou a Patrícia Galvão. Entretanto, o impresso se colocava como um *locus* privilegiado para a participação de seus leitores. Mesmo que não tenhamos condições de saber se, realmente, ele foi lido em grande escala, não podemos descartar a hipótese do mesmo ter recebido contribuições de possíveis leitores interessados em expressar suas opiniões publicamente, mesmo lançando mão do anonimato.

Essa, contudo, não foi a primeira participação de Oswald de Andrade no meio jornalístico.¹¹⁹ Em 1912, havia fundado o jornal *O Pirralho*, com a ajuda financeira de sua mãe. Foi nesse mesmo impresso que produziu crônicas em “português macarrônico”, sob o pseudônimo de Annibale Scipione. *O Pirralho* durará até o ano de 1918. Em 1916, foi redator do *Jornal do Comércio*, cargo que ocupou até o ano de 1922. Em 1920, fundou a revista *Papel e Tinta* com o poeta Menotti del Picchia (1892-1988). E em 1927, iniciou a publicação da coluna *Feiras das quintas* no *Jornal do Comércio*.

Essas informações demonstram que Oswald possuía uma certa experiência na prática de editoração e organização de impressos. O jornal *O Homem do Povo* apresenta não só registros textuais, mas também desenhos, charges, fotografias, anúncios comerciais,

¹¹⁹ CHALMERS, Vera M. *3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.

gráficos, enfim, um conjunto complexo de referências que podem ser consideradas como elementos integrantes de suas formas discursivas.

Não foi raro aparecerem nas páginas do impresso propagandas comerciais que, em um primeiro momento, pouco puderam nos informar sobre o seu sentido ou se se tratavam de verdadeiros anúncios.

Alocada na primeira edição, e última página do jornal, verificamos a presença de um anúncio do *Café Paraventi*. Segundo o anúncio, o uso desse proporcionaria “a felicidade do homem do povo”. Abaixo, o recorte da propaganda:



(*O Homem do Povo*, nº 1, p. 6)



(*O Homem do Povo*, nº 2, p. 6)

A mesma volta a ocupar as páginas d' *O Homem do Povo* e se manteve presente em todos os números subsequentes, aparecendo, na grande maioria das vezes, na última página. Entretanto, nos chamou a atenção a maneira como ela aparece no segundo número, datado de 28/03/1931. Junto à propaganda do mesmo café, foi publicado um anúncio do próprio jornal afirmando que o mesmo circularia “vitoriosamente”. Essa indicação, porém, não aparece novamente junto à propaganda do café.

Segundo William Waack, no livro *Camaradas - nos arquivos de Moscou: a história secreta da Revolução Brasileira de 1935*, em um capítulo em que tratou da casa chamada *Café Paraventi*:

Quem entrava em 1935 no Café Paraventi da rua Barão de Itapetininga, no centro de São Paulo, era recebido por um menino negro, franzino, vestindo uniforme cinza e bonezinho redondo, ornado com brilhantes botões dourados. Essa figura, alegre e saltitante, levava os fregueses até a mesa, uma grande novidade naqueles tempos: o Café Paraventi foi a primeira casa européia desse tipo na capital paulista.

Ainda segundo Waack,

A grande figura do lugar, no entanto, era o dono. Celestino Paraventi, “gerado no Brasil e parido na Itália”, conforme dizia, tinha na época 37 anos, o melhor carro, o melhor sítio, o melhor palacete e uma das vozes mais bonitas da cidade. Filho do fundador da primeira torrefação de café em São Paulo, herdou uma fortuna e fez ainda mais dinheiro que o pai - que o desencorajava da carreira de cantor lírico, velha idéia dos tempos de coral infantil da igreja do Carmo. Personalidade exuberante, inteligente, culto e brincalhão, dificilmente Celestino poderia ser enquadrado em clichês. Sua cabeça voava entre música, artes plásticas, mulheres e política, sempre cheio de idéias [...]. Seus amigos incluíam artistas e pintores (Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Volpi), as freiras de um convento que ajudava a sustentar, os principais políticos estaduais e membros de diversos segmentos da próspera elite paulista, de industriais a fazendeiros (ele próprio casou-se com a filha de um destes). A alta sociedade frequentava seu palacete na rua Canadá. Apaixonado por cavalos, foi um dos fundadores da Sociedade Hípica Paulista. Uma das suas maiores diversões, porém, era circular pelo Café Paraventi, na Barão de Itapetininga, misturando-se nas conversas da colorida frequência: estudantes, intelectuais, artistas, figuras do submundo.¹²⁰

Entretanto, não encontramos nenhuma informação nas biografias disponíveis que

¹²⁰ WAACK, William. “Café Paraventi”. *Camaradas - nos arquivos de Moscou: a história secreta da Revolução Brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 109-10.

nos desse alguma pista das relações entre Oswald de Andrade e Celestino Paraventi. Sabemos, porém, que esse manifestava alguma simpatia pela esquerda comunista, uma vez que, segundo Waack, ele [Celestino] “[...] escondeu a inesquecível alemã [Olga Benário] e Prestes em seu sítio Santa Rosa, às margens da represa de Guarapitanga, onde hoje é o exclusivo Clube de Campo de São Paulo (também fundado por ele)”,¹²¹ fato que se deu logo após o chegada de Olga ao Brasil.

No que tange às preocupações com a edição e circulação do impresso, tributárias dos trabalhos sobre a História da Edição, do Livro e da Leitura,¹²² pouco conseguimos saber, uma vez que são escassas as informações contidas no próprio jornal e mesmo em biografias ou trabalhos escritos sobre Oswald ou Pagu.¹²³ Conseguimos obter apenas algumas informações sobre preços de compra avulsa e assinaturas presentes desde o primeiro número (trazia o valor de “preço de venda: 200 réis; assinaturas: 40\$000”). O impresso teve as seguintes publicações: n.º 1 (sexta-feira, dia 27 de março); n.º 2 (sábado, dia 28 de março); n.º 3 (terça-feira, 31 de março); n.º 4 (quinta-feira, 2 de abril); n.º 5 (sábado, 4 de abril); n.º 6 (terça-feira, 7 de abril); n.º 7 (quinta-feira, 9 de abril) e n.º 8 (segunda-feira, 13 de abril). Ao que tudo indica, o impresso teria circulado apenas em São Paulo.

¹²¹ Idem.

¹²² DARNTON, Robert. “A palavra impressa”. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 107-172; CHARTIER, Roger. “Do livro à leitura”. CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, pp. 77-106.

¹²³ Baseamos-nos nas duas principais biografias escritas sobre Oswald de Andrade. Em *O salão e a selva*, de Maria Eugenia Boaventura, a parte destinada ao comentário do jornal *O Homem do Povo* limitou-se a informar rapidamente sobre a sua criação, as polêmicas que alimentou com os estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e o seu fechamento, sem nenhum interesse em analisá-lo. Em *Oswald de Andrade – biografia*, de Maria Augusta Fonseca, podemos notar, entretanto, algum interesse no que diz respeito ao conteúdo do impresso, uma vez que a autora esboça possíveis ligações entre alguns eventos do início da década de 1930 com a militância e a união de Oswald à Pagu. BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...*; CAMPOS, Augusto de. *Pagu: Patrícia Galvão: vida-obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald de Andrade: itinerário de um homem sem profissão...*; FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: biografia (1890-1954)*...

2. 2. “O insolente papelucho”: as representações de povo no jornal *O Homem do Povo*

Já na primeira edição do impresso, percebemos em letras garrafais o título *O HOMEM DO POVO* ocupando um quarto da página. Logo a seguir, informações que indicam que o mesmo seria dirigido pelo “homem do povo” – impresso em letras minúsculas –, e a referência de que se tratava de uma publicação que abordaria os problemas “*da cidade, do país e do mundo*”. Essas características, por conseguinte, acompanharam todas as edições seguintes. Em editorial assinado pelo próprio Oswald de Andrade,¹²⁴ intitulado “Ordem e Progresso”, uma espécie de manifesto das razões de ser da publicação, destacamos a seguinte passagem:

Não temos generais, nem profetas. Somos a opinião livre, mas bem informada. Sabemos nos colocar no espaço-tempo. Sabemos que existe uma corrente separatista que prefere a ocupação estrangeira à evolução do Brasil no estouro do mundo pela guerra e pela revolução social. Sabemos que nas fronteiras do sul existe um grande chefe capaz de criar uma aventura de caráter romântico popular. Sabemos que o partido comunista, auxiliado pelos fatos, prepara as massas das oficinas e dos campos [...]. Sabemos que há místicos estômagos vazios no nordeste, cavadores ao sul, indiferentes a oeste, canhões imperialistas no nosso mar. Sabemos que existe uma ala canhota no mundo e aqui. Nesta se encartam os que acreditam ser da esquerda, [mas] não passam de direitistas confusos. Entre uns e outros nos colocamos com uma imensa e clara simpatia pelas reivindicações da nossa gente explorada. Nosso programa é simples – basta entrarmos na nossa bandeira. Dar vida, força e sentido a um lema que até ontem parecia vazio e irônico – ORDEM E PROGRESSO. Milagre das ideias subversivas! Queremos a revolução social como etapa da harmonia planetária que nos promete a era da máquina [...].¹²⁵

¹²⁴ Oswald de Andrade, ao escrever um artigo intitulado *Auto-retrato* para o *Diário de Notícias* de São Paulo, em 1950, reafirmou: “quando digo a você que foi o povo quem desceu em São Vicente, é porque meus antepassados também desceram lá, há quatrocentos anos. E eu sou povo. [...] É natural, pois, que dentro de mim se debatam o trabalhador e o aristocrata, o homem da rua que atravessa na frente dos automóveis para não parar e o enlevado que quer ficar em casa escrevendo ou lendo”. CHALMERS, Vera M. *3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade...* p. 15.

¹²⁵ ANDRADE, Oswald de. “Ordem e Progresso”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 27/03/1931, *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 1. Segundo Vera M. Chalmers, ao analisar o mesmo editorial, “a polêmica linguística relativiza pela sátira a conotação ufanista do slogan patriótico, precisando o contorno do pensamento nacionalista através do ponto de vista crítico oferecido pelo mais elementar discurso militante marxista. A palavra-de-ordem comunista explícita: ‘Ordem econômica, progresso técnico e social’”. Ainda para a autora, “o leitor da sátira não é neutro. Para rir é necessário um

O trecho citado evidencia o caráter universalista presente no cabeçalho do jornal, assim como indica qual será o direcionamento do mesmo. Ao identificar o “espaço da experiência” apontado por uma leitura abrangente da condição do país, estabelece um “horizonte de expectativa” em que se coloca a favor das reivindicações da “nossa gente explorada”, que se sobressai, dentre uma série de possibilidades, das posições do Partido Comunista e da “ala canhota do mundo”. Ao mesmo tempo se preocupa com a questão relativa à “harmonia planetária” oferecida pelo avanço tecnológico.

Interessante percebermos que Oswald não se considera um comunista nesse primeiro momento, assim como o jornal *O Homem do Povo* não se definiu em nenhum momento dessa forma. Nas palavras do próprio escritor, pretendiam ser “opinião livre, mas bem informada”. Desde o início da década de 1930 é visível a estima manifestada por Luiz Carlos Prestes. Oswald se remeteu mais de uma vez, seja em suas memórias ou em textos esparsos, ao encontro que teve com ele em Montevideú, quando lá esteve em viagem em 1930.¹²⁶ A figura de Prestes será de suma importância para o início do engajamento de Oswald, assim como o foi para uma série de outros indivíduos de alguma forma ligados à esquerda brasileira.

Rodrigo Patto Sá Motta nos informa sobre as dimensões da figura de Prestes.

Sem nenhuma dúvida, Luiz Carlos Prestes foi a figura mais importante da história do comunismo brasileiro [...]. O destaque maior que atribuímos a Prestes deve-se ao fato de ter sido ele o dirigente com mais tempo de permanência à testa do Partido Comunista - cerca de quarenta anos -, e o que possui mais forte dose de carisma, uma popularidade que, em determinados contextos, era superior à do próprio partido.¹²⁷

mínimo de empatia com o autor. A eficácia da argumentação está em que o escritor não convence através de uma razão, mas pelo aliciamento do leitor em participar da sua idiossincrasia a respeito de um outro grupo político particular, pelo recurso retórico da ironia”. CHALMERS, Vera M. *3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade...* p. 15. Entretanto, valeria a pena ressaltar que, somente pelo manifesto em questão, não seria possível afirmar que se tratou de um jornal explícita e assumidamente comunista-marxista até mesmo porque houve variações consideráveis tanto no que pese às temáticas, quanto às formas de abordá-las – sem contar as várias assinaturas encontradas no mesmo.

¹²⁶ Trabalharemos melhor esse ponto no próximo capítulo.

¹²⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Batalhas em torno do mito: Luiz Carlos Prestes”. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, nº 34, julho-dezembro de 2004, p. 91.

O HOMEM DO POVO

editor: alvaro duarte
secretários: pagú e queiróz lima

direção do homem do povo

ano I

são paulo, 27 de março de 1931

num. 1

a cidade, o paiz, o planeta

ordem e progresso

Não temos geneaes nem prophetas. Somos a opinião livre mas bem informada.

Sabemos nos collocar no espaço-tempo.

Sabemos que existe em S. Paulo uma corrente separatista que pretere a occupação extrangeira á evolução do Brasil na direção do estouro do mundo pela guerra e pela revolução social.

Sabemos que nas fronteiras do sul existe um grande chefe capaz de crear uma aventura de caracter romantico popular.

Sabemos que o partido comunista, auxiliado pelos factos, prepara as massas das officinas e dos campos, enquanto a resistencia Kulak se forma na dissolvencia natural dos latifundios. Nesse sector o determinismo historico se biparte e defronta.

Sabemos que ha mysticos estomagos pasivos no Nordeste, caçadores ao Sul, indifferentes a Oeste, ochões imperialistas no nosso mar. Sabemos que existe a ala canhoto no mundo e aqui. Nella se encarnam o que acreditando ser da esquerda, não passam de directistas confusos.

Entre uns e outros nos collocamos com uma immensa e clara sympathia pelas reivindicações da nossa gente explorada.

Nosso programma é simples — basta entrarmos na nossa bandeira. Dar vida, força e sentido a um lema que até hontem parecia vazio e tronco — **ORDEM E PROGRESSO**. Milagre das idéas chamadas subversivas!

Queremos a revolução nacional como etapa da harmonia planetaria que nos promete a era da maquina.

Contra os grandes trusts parasitarios que vivem do nosso banho turco de povo lavador. Queremos a revolução technica e portanto a eficiencia americana. Admiramos a Russia actual, pois desordenada ainda. Temos que respeitar as casas com escripta. Combateremos pois ao lado da racionalisação economica e contra a cebra-cega da produção capitalista. Ordem economica, progresso technico e social. Em 1923, a Russia tinha um deficit de perto de 6 milhões de rublos na sua metalurgia, enquanto prosperavam espantosamente as brasseries e os pequenos bars. Em qualquer paiz capitalista, orientado pelas forças cegas do mercado e pela ganancia

anarquica da offerta e da procura, os bars teriam prosperado como o café aqui sob a operosa vigilancia dos srs. Lazard Brothers e teria perecido a metalurgia.

Mas na Patria de Lenine deu-se o contrario. Nunca houve super-produção de casas de pasto e a metalurgia que a principio foi subsidiada, centraliza hoje os maravilhosos resultados do plano quinquenal.

Aqui, os capitães extrangeiros deformaram extranhamente a nossa economia.

Dum paiz que possui a maior reserva de ferro e o mais alto potencial hydraulico, fizeram um paiz de sobrezeza. Café, assucar, fumo, bananas.

Que nos sobrem ao menos as bananas!

Os capitães extrangeiros compraram as nossas quedas d'agua e crearam um sordido e meigo urbanismo colonial que passou a ser o que elles queriam — um dos melhores mercados para os seus productos e chocachos.

Sendo assim, o ouro entra pelo café e sahe pelo escapamento dos automoveis. Gastamos trezentos mil contos por anno em pneumáticos, gasolina ou coisa parecida. E a Amazonia da borracha e a baizada do alcool-motor perecem.

A nossa capacidade interna de consumo para o café (40 milhões de habitantes) seria normalmente de 5 milhões de sacas por anno. Mas quem foi que disse que o paulista ou qualquer outro litoraneo rico jamais se encommudou sinão lyricamente com as populações esfomeadas do Nordeste ou com os escravos recentes de Mister Ford? Prolegemos o sal da Hespanha contra a produção das salinas do Rio Grande do Norte. Comemos maça da California, bacalhau e sardinha mas mantemos no mais aviltante dos niveis baixos o produtor das melhores fructas do mundo e o pescador do jarro petre dos nossos rios e do nosso mar. Se não compramos nada dos outros Estados, é mais que logico que estejamos enrugados com 22 milhões de sacas de café, inclusive a pedra!

No bonde em que entramos, no cinema onde vamos, no pão que comemos, pomos sorrindo o obulo generoso de mais de 50 oje para os pobrezinhos extrangeiros que ajudaram a crear a nossa grandeza.

E' essa a situação do Brasil, onde o O HOMEM DO POVO se situ'a para dizer o que sofre, o que pensa e o que quer.

da industria da caridade ao regime dos emprestimos

Os infalzes que se nos deparam em cada esquina, de mão estendida, implorando um nickel para matar a fome, sempre contaram com uma terrivel concorrencia — a esmola organizada pelo clericalismo. Da mesma sorte que o grande industrial esmaga os pequenos manufactureros — as confrarias, ordens, irmandades, etc. acabam por annullar o esforço dos humildes pedintes.

Percorra-se o Brasil de Norte a Sul. Não ha cidade, villa, arraial, povoado que escape aos pedinchões de batinha. A organização dessa gente é uma cousa feroz. Domina o paiz. E' a "Standard Oil" da pedincharia. Assim como a empresa do poderosissimo Rockefeller installa bombas de gasolina em cada curva de estrada, em cada canto das cidades, a padrecada distribue os seus agentes por toda parte, ensinando-lhes o revirar de olhos commovente, o tom de voz punzilivo, a passividade que vence os corações mais endurecidos.

Por vezes, a caridade para essa gente se transforma em nova forma de castigamento. Quando o publico se mostra arisco, espantadigo, apertando os cordões da bolsa, os miseraveis se socorrem das lindas creaturinhas a que ninguém sabe resistir. E temos por ahi o "Dia da margarida", o "Dia do cravo", o "Dia da orchidea", o "Dia da flor do sabugeiro" e não sabemos que mais expedientes malandros para explorar a libido do brasileiro. Este, como se sabe, é capaz de resistir a tudo, menos a um sorriso de "melindrosa". Brasileiro por mulher é como macaco por banana: não resiste. E' o nosso fraco, que querem?

Pois, a famosa Ordem dos Benedictinos, no momento em que o Brasil se debate nas garras negras da crise, no instante em que precisamos evitar as remessas ouro para o estrangeiro, afim de salvar o cambio da tremedeira em que se achá, a Ordem dos Benedictinos vai contrahir um emprestimo de 4.000 contos na Suissa, hypothecando aos compatriotas de Guilherme Tel. os bens patrimoniaes da Abadia do Rio de Janeiro. A historia dessa hypotheca é um caso emphaticissima que, com mais vagar teremos de contar ao publico. Sabe-se, afinal, que a situação financeira da Abadia carioca foi compromettida por uma série de absurdos. Gastou-se á larga. Para conseguir a licença do Governo, afim de fazer a tal operação com os suissos, os beneditinos, que são de muita força e pouca paciência, inventaram umas historiaditas de arrosas de Pendoliba, estrada de rodagem e outras patranhas. Tudo muito mal contado...

O que nós sabemos, o que os mais ingenuos percebem, é isto: o tal emprestimo exigirá remessa de juros para o exterior e, no estado em que se acham as taes finanças beneditinas, e tambem as finanças geras do Brasil, não é de esperar-se uma applicação remuneradora dos 4.000 contos, que além de tudo serão para tapar buracos e que buracos!

Os juros e parcelas destinadas á amortisação, fatalmente terão de sahir da "cacunda do povo", como diria o coronel Fulgencio de saudosa memoria. Os beneditinos redobrarão de furia esmoia-dora.

Os mendigos autenticos vão ser arrasados desta vez...

PIADAS PARA LACTANTES

- A censura prohibiu as noticias sobre a elegancia do Principe de Gales.
- Porque?
- Perturbou a marinha.

os desoccupados

Uma notavel entrevista

Ha curiosos aspectos do problema dos sem-trabalho na Inglaterra e no mundo. Por exemplo, ha duas classes de desoccupados — uns que passam fome, roem osso de presunto nas sargetas, não têm nem comida para si nem remedio para os filhos doentes; outros que viajam, fazem caçadas na Africa, com todas as garantias, tomam carraspanas de whisky, dizem besteiras sensacionais e caem dos cavallos de melhor trote. Com uma destas desesperadas victimas da crise, um jornalista teve a idea de palestrar, afim de saber de que elle gostava. Eis o que o fera respondeu:

O desoccupado não supporta ostentação de accommodações exaggeradas. Prefere o simples conforto ao luxo. Offereçam-lhe um dormitorio arejado, simples, mas muito espaçoso. O leito deve ser macio, e o espaço de modo algum sobrecarregado de moveis e accessorios inúteis. O desoccupado ama um dormitorio confortavel, em que tenha a sua hora "pessoal", para dar liberdade e alegria á sua imaginação. Jámais se levanta passadas as 8 horas. E, então, o que mais ambiciona é um banho morno, um excellente banho de immersão, seguido de estimulante ducha. Os saes perfumados, no banho, são tidos pelo desoccupado como flagello. Após o banho não dispensa o desoccupado a meia hora de gymnastica. Prefere o almoço servido na intimidade do seu apartamento. São o seu menu: os famosos cereas de uso no "break-fast", torradas, frutas frescas e café.

A grande paixão esportiva do desoccupado actualmente, ainda é o golf. E o seu maior desvanecimento é enfrentar golfers de bô-marca. E' o que mais o lisonjeia. O menu' do lunch preferido: filet de peixe ou frango, legumes, modesta fatia de doce e frutas.

As tardes do desoccupado devem ser alegres, tonificadas de passeio, e um tanto alheias de protocolo. Gosta do contacto com o povo. E nessa parte do dia a sua paixão esportiva é o tennis. Em todo o caso a equitação é o seu segundo bom esporte. E sobre uma sella, covalgando bom animal, deixa se escoarem facilmente, umas quatro horas.

E a bebida? Como bom inglez, a preferencia do desoccupado é o "wisky and soda".

expediente

Redacção do Homem do Povo

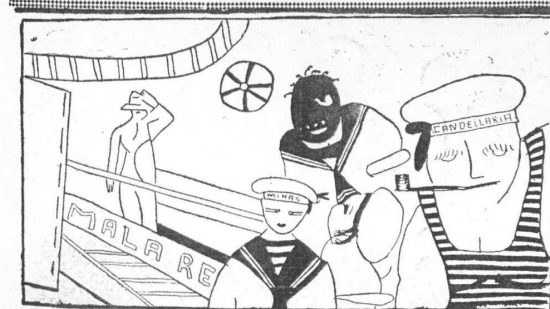
Praça da Se 9 E

Telephone 2-2069

assignaturas 40\$000

preço de venda 200 réis

o s w a l d e a n d r a d e



à disposição do principe



Segundo Edgard Carone, Prestes só filiar-se-á ao Partido Comunista Brasileiro no ano de 1934. Desde os primeiros embates de Prestes com a direção do PCB, com a recusa do mesmo a ser candidato a presidência da República nas eleições de 1930, a partir de uma frente única, proposta pelo partido, que percebemos em Oswald uma simpatia maior pelas decisões do líder tenentista do que pelas decisões do PCB. Entretanto, foram também percebidos elementos que aproximam as ideias de Oswald de princípios, formas e comportamentos que se inserem na cultura política comunista.

Leôncio Basbaum foi enviado à Argentina em 1930 com um programa de frente única, uma vez que o Partido queria Prestes como candidato à presidência da República.

Carone nos informa que

[...] do encontro de Basbaum com Prestes, Juarez Távora e Siqueira Campos, nada sai de positivo: o primeiro apresenta como reivindicações a nacionalização da terra e divisão dos latifúndios; abolição da dívida externa; liberdade de organização e imprensa; direito de greve; legalidade para o PCB; e jornada de 8 horas, lei de férias, aumento de salários e outras melhorias. Prestes responde com o programa de voto secreto, alfabetização, justiça, liberdade de imprensa e organização e melhorias para os operários.¹²⁸

Mesmo quando discutidas noções como as de “socialismo” ou “comunismo”, o impresso, e principalmente Oswald, nos pareceu tentar manter o princípio de “defesa da opinião livre”, mesmo em diálogo com valores caros ao PCB.¹²⁹ Acreditamos que esteja nesse ponto umas das chaves que nos abrem para a possibilidade de entender a difícil relação de Oswald com os quadros do Partido.

Jorge Ferreira, ao estudar as relações entre sagrado e profano nas matrizes simbólicas do comportamento de militantes brasileiros, nos informa que

[...] aderir ao comunismo [...] implicava a alteração radical do próprio estatuto ontológico do indivíduo – e daí as advertências e os avisos para

¹²⁸ CARONE, Edgard. “Comunismo e tenentismo”. *A República Velha I: instituições e classes sociais (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Difel, 1978, p. 344.

¹²⁹ No desenrolar da década de 1930, como veremos no próximo capítulo, é possível perceber o processo de proletarianização de Oswald de Andrade.

aquele que se animava a participar do movimento revolucionário. De maneira similar aos antigos ritos de passagens, também presentes em épocas mais próximas nas sociedades secretas, o novato experimentava o ritual simbólico da morte e da ressurreição. Ser comunista, diziam eles, significava abandonar, para sempre, uma vida sem certezas, fragmentada, incoerente e conduzida passivamente pelos acontecimentos de uma realidade ininteligível para ter o domínio absoluto sobre o seu próprio ser e libertar os povos da escravidão econômica, da opressão política e da miséria.¹³⁰

Nessas condições, o que era oferecido ao militante era um novo tipo de existência. Por mais que ela efetivamente viesse a se concretizar, não podemos negar a força simbólica de atração que um modelo como esse poderia causar em indivíduos que carregavam algum tipo de insatisfação com a ordem social e/ou um sentimento religioso de justiça social.

São explícitas as preocupações do impresso, concomitantemente, com o “país e o mundo”, ao não se resumir às questões envolvendo a cidade e o estado de São Paulo. Em relação ao primeiro, Oswald continua:

Aqui, capitais estrangeiros deformaram estranhamente a nossa economia. De um país que possui a maior reserva de ferro e o mais alto potencial hidráulico, fizeram um país de sobremesas. Café, açúcar, fumo, bananas. Que nos sobrem ao menos as bananas! Os capitais estrangeiros compraram as nossas quedas d’água e criaram um sórdido e meigo urbanismo colonial que passou a ser o que eles queriam – um dos melhores mercados para os seus produtos e chocalhos.¹³¹

Sobre o segundo, são curiosas as referências feitas aos Estados Unidos e à União Soviética, tendo em vista seus posicionamentos políticos antagônicos na época.

Contra os grandes trustes parasitários que vivem do nosso banho turco de povo lavrador. Queremos a revolução técnica e, portanto, a eficiência técnica americana. Admiramos a Rússia atual, pois desordenados ainda, temos de respeitar as casas com escrita. Combateremos pois ao lado da racionalização econômica e contra a cabra-cega da produção capitalista. Ordem econômica, progresso técnico e social.¹³²

Entusiasticamente, as questões em torno do desenvolvimento técnico já eram

¹³⁰ FERREIRA, Jorge. “Ser comunista”. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EDUFF, 2002, p. 68.

¹³¹ ANDRADE, Oswald de. “Ordem e Progresso”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 1.

¹³² Idem.

apresentadas e discutidas por Oswald, desde o começo da década de 1920. No impresso, percebermos que houve a valorização da “eficiência técnica americana” ao mesmo tempo que a admiração pela URSS. As críticas contra o “imperialismo ianque”, entretanto, apareceram no desenvolver das suas tomadas de posição e definições pelo comunismo.

Entretanto, essa constatação não está distante das relações estabelecidas entre a militância comunista no Brasil, entre as décadas de 1920 e 1930, e a “Pátria dos Trabalhadores”. Segundo Ferreira, “no Brasil, as notícias que chegavam [sobre a URSS] eram confusas e desencontradas. Os militantes do PCB encaravam com desconfiança e descrença as informações jornalísticas desfavoráveis à União Soviética”.¹³³ Para o historiador, na década de 20,

[...] os revolucionários brasileiros estavam inteiramente seduzidos pelo impacto dos acontecimentos que permitiram a fundação do primeiro Estado proletário do mundo e pela perspectiva, otimista, da mesma revolução em nível planetário [...]. No início da década de 1930, contudo, uma mudança substancial operou-se no imaginário dos militantes brasileiros. Jornais comunistas, livros de divulgação e panfletos alardeavam o progresso material da União Soviética. Agora necessitava-se demonstrar para os trabalhadores brasileiros que um mundo melhor poderia ser construído.¹³⁴

Observação semelhante encontraremos em texto de um militante comunista, Astrojildo Pereira, datado do ano de 1952:

As notícias relativas à insurreição e à conquista do poder pela classe operária russa, guiada pelo Partido Bolchevique eram acompanhadas com imenso e apaixonado interesse pelos trabalhadores do Brasil. A imprensa burguesa apresentava tais notícias caluniosamente, deformando os fatos, torcendo o sentido dos acontecimentos revolucionários que se desenrolavam na Rússia; mas, o leitor operário, levado por seu instinto de classe, sabia descobrir o que havia de verdadeiro no cipoal confuso do noticiário transmitido pelas agências imperialistas. Por outro lado, os pequenos e pobres jornais operários, que se publicavam nas principais cidades brasileiras, rebatiam as mentiras, calúnias e deformações veiculadas pela imprensa burguesa, procurando, com os escassos elementos de que dispunham, mostrar a significação e a natureza dos fatos que se sucediam no antigo império dos tzares.¹³⁵

¹³³ FERREIRA, Jorge. “Ser comunista”. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*... p. 196.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ PEREIRA, Astrojildo. “Lutas operárias que antecederam a fundação do Partido Comunista do Brasil”.

Em *O Homem do Povo*, nesse primeiro momento, a representação de povo aparece de forma mais ampla, abrangendo todos os brasileiros explorados, em um misto de lavradores, consumidores de produtos estrangeiros, militantes de esquerda e de direita, cavadores, enfim, homens e mulheres à mercê dos interesses capitalistas, principalmente aqueles ligados ao capital externo. Com efeito, essa será a tonalidade das representações presentes no impresso, mas com crescente deslocamento para os extratos mais baixos da hierarquia social, onde, ao que tudo indica, estaria alocado o público alvo-imaginado para quem o impresso, em um primeiro momento, estaria destinado.

Leôncio Basbaum, em seu livro de memórias intitulado *Uma vida em seis tempos*, nos informa sobre o processo de proletarização iniciado pelo PCB a partir do início dos anos de 1930. Segundo ele, “depois de longas discussões decidiu o CC [Comando Central] que deveria haver ‘menos intelectuais na direção do Partido’”. Para o autor, entretanto, ainda era presente a participação de alguns intelectuais: “alguns destes (isso aconteceu em São Paulo, mais tarde, em reuniões das quais participavam até mesmo Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral) chegavam a ficar de boca aberta com tamanha exibição de ‘proletarismo’. Lambiam-se de ver um ‘verdadeiro proletário’, ‘autêntico’, ‘legítimo’, o operário ideal, forte na sua humildade, inteligente na sua ignorância...”.¹³⁶

A expressão “até mesmo Oswald de Andrade” confere, ao que nos parece, uma marcação paradoxal do lugar que foi ocupado pelo mesmo dentro do imaginário político comunista: carrega um tom de desvalorização da militância do escritor ao mesmo tempo em que opera como balizador para o que seriam os “verdadeiros” compromissos políticos.

Problemas – Revista Mensal de Cultura Política, nº 39 – março-abril de 1952 (consultado em janeiro de 2011: <http://migre.me/5H6nm>). Rodrigo Sá Motta referiu-se à adoção do termo “cultura política” pela revista *Problemas*, que circulou entre 1947 e meados dos anos 50. Segundo Motta, *Problemas* era “a mais importante publicação teórica” do Partido Comunista no período. No caso dos intelectuais do PCB, “eles provavelmente [...] usaram o termo para expressar a intenção de atuar na formação e disseminação de valores políticos comunistas”. Motta, Rodrigo Patto Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”._____. (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos...* p. 15-6.

¹³⁶ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo: Alfa-omega, 1976, p. 77.

Não obstante, foi o próprio Oswald, em tom ressentido, que afirmou: “durante quinze anos dei a minha vida e a dos meus filhos para ser apenas um obscuro membro do Socorro Vermelho. Prisões, fugas espetaculares, a ruína financeira e até a fome foram os títulos que conquistei nessa gloriosa militância”.¹³⁷

Em artigo intitulado “A carniça está gostosa”, publicado no primeiro número, ao criticar os burgueses ociosos, indivíduos “chumbados pela gota de uma cadeira de balanço”, como sendo os únicos com tempo livre para ler “colunas quilométricas de telegramas que entulha[va]m os grandes órgãos da imprensa como é o caso, por exemplo, do venerado ‘O Estado’”,¹³⁸ e prestar um desfavor para o país, indica explicitamente que era ao “homem do povo”

[...] que batalha, que sai cedo de casa para a fábrica, a oficina, o escritório, o armazém, [que] só dispõe para tanto dos poucos minutos da viagem de bonde, e o que lhe importa são as notícias rápidas, concisas, concretas. É o que este novo jornal, que além de novo é pequeno e não pretende chegar a venerando, vai fazer, nesta página, sumariando em quatro linhas, os acontecimentos mundiais da véspera.¹³⁹

Mesmo alocado em uma seção do jornal intitulada *sumário do mundo* que, como o próprio título indica, tinha a prerrogativa de informar sobre os acontecimentos mundiais, percebemos, pela constante linguagem objetiva, sintética e expressa em textos curtos, que essa foi a perspectiva performática do mesmo.

Em artigo intitulado “O nosso programa”, também publicado no primeiro número do impresso, Hélio Negro¹⁴⁰ fez eco aos posicionamentos de Oswald.

¹³⁷ ANDRADE, Oswald de. *Telefonema. Obras completas*. São Paulo, 1996, p. 313. Sobre a possível participação de Oswald de Andrade nos quadros diretivos do PCB, preferimos colocá-lo como um simpatizante porque, até onde foi possível averiguar, não há nenhuma referência sobre a sua entrada ou aceitação naqueles. Segundo Vinicius Dantas, “[...] o que é certo é que a partir de 1931 ele [Oswald] inicia uma sucessão de tentativas de ingresso no PCB”. DANTAS, Vinicius. “Um parêntese biográfico: as relações de Oswald de Andrade com o Partido Comunista”. *Margem esquerda: ensaios marxistas* 6. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 150.

¹³⁸ CORVO, Aurelinio. “A carniça está gostosa”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 27/03/1931, *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 5.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, “Antônio Candeias Duarte [responsável pela Editorial Merenglen], proprietário da tipografia, envolveu-se diretamente com intelectuais da resistência interessados em

O termo empregado, “nosso”, dá uma dimensão de complementaridade ao editorial, assim como a ideia de unidade. Segundo o artigo, “as velhas formas de produção e consumo est[avam] ameaçadas em todo mundo, assim como as velhas formas de autoridade [...]. A produção de escravos, servos e proletários precisa[va] completar a sua evolução até a produção dos associados”.¹⁴¹ Duas características chamam a atenção: a persistência do tom universalista e o caráter etapista, ambos características marcantes da cultura política comunista, colocadas em termos teleológicos, meios pelos quais os explorados poderiam alcançar a condição de associados – termo que poderia ser facilmente substituído por “classe”. Com efeito, ao deslocar para o universo da política brasileira, afirmou que

[...] nós não queremos depender dos favores dos ricos nem dos governos, e por isso a nossa modesta publicação desaparecerá amanhã como aparece hoje, se por ventura vier [a] faltar apoio moral e material das classes pobres, únicas que devem merecer a nossa defesa. E nós não consideramos somente classes pobres os trabalhadores rurais e urbanos, mas também os indivíduos que pertencem à miséria da gravata. O nosso combate principal será em prol do Jeca Tatu – o filho mais útil da “Mãe Pátria” e também o mais desprezado por essa senhora, que até parece madrasta de certos filhos.¹⁴²

Aqui, povo está conjugado tanto com indivíduos pertencentes à “miséria da gravata”, quanto com a figura emblemática de Monteiro Lobato, o Jeca Tatu. Esse, mesmo apresentado como o “filho mais útil” e o “mais desprezado”, talvez a classe objetiva e honestamente merecedora de todos os esforços revolucionários, não se configurava como o único colocado em situação de explorado. Para que o programa de reestruturação social

multiplicar os conhecimentos sobre a URSS e o ideário socialista [...]”. Em nota, ao comentar as relações de Candeias com empreendimentos políticos, afirma que “além de publicações deste gênero, a Editorial Marenglen foi acusada de imprimir jornais ‘subversivos’ como *O Homem do Povo*, o que lhe valeu guarda diária pela polícia. O próprio Candeias – apesar de afirmar às autoridades policiais que estava afastado das lutas sociais – chegou a escrever para este periódico com o pseudônimo de ‘Hélio Negro’, até o momento em que se afastou por discordar de Oswald de Andrade”. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Editando a desordem”. *Livros proibidos, ideias malditas*. São Paulo: Ateliê Editorial/ FAPESP, 2002, p. 57.

¹⁴¹ NEGRO, Hélio. “O nosso programa”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 27/03/1931, *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 2.

¹⁴² Idem.

pudesse ser levado a cabo seria necessário o esclarecimento de toda a sociedade brasileira.

Em outro texto de Hélio Negro, intitulado “Comunismo e microbiologia”, o autor polemizou com figuras como Plínio Salgado, no que tange às interpretações sobre os significados do comunismo. Segundo o autor, figuras como Salgado desfilavam um

[...] bacharelismo sábio carregado de pandectas, direito canônico e ordenações do reino, faz uma tal trapalhada de contradições, que a gente fica na impossibilidade de saber se ele diz que é ou não é doutrina e teoria [...]. Você [Plínio Salgado] poderá, no entanto, encontrar muitos operários em São Paulo, que pobres de idéias, lhe explicarão, isso tudo, despretensiosamente, sem prejuízo, das suas ocupações, porque o que, para você é muito difícil, para eles é canja.¹⁴³

Ao continuar seu argumento, afirmou: “O que é o comunismo? É uma forma essencial de socialismo – é a sociedade organizada de modo que evite quanto possível os antagonismos entre seus membros, objetivando o bem estar da comunidade”.¹⁴⁴

A figura do Jeca Tatu retornou às páginas do jornal de 31 de março de 1931. Em artigo de mesmo título, publicado no terceiro número do impresso e em continuidade ao texto citado acima, Hélio Negro retomou sua linha de argumentação, deslocando sua reflexão para a questão agrícola e para o Jeca.

E a nossa lavoura e o nosso Jeca? Quantas coisas grandiosas poderia fazer o socialismo em seu proveito. Grandes cooperativas agrícolas, com os seus técnicos, os seus campos experimentais, instalações de irrigação, maquinaria completa, as suas indústrias rurais, a sua produção em vasta escala, postos de higiene, cultura física, instrução profissional e regime alimentar para o Jeca! Em pouco tempo, curado, bem vestido, bem alimentado, bem alojado – o bem instruído Jeca ereto, ter-se-ia esquecido que foi o Jeca de cócoras.¹⁴⁵

Essa passagem, ao explorar a figura do Jeca como indivíduo típico do trabalho com a lavoura e, por isso, sempre de “cócoras”, ao viver como indolente e submisso, chama a atenção para a forma como o termo “socialismo” foi colocado em questão. Primeiro, por não haver nenhuma distinção entre as diferenças conceituais com outras perspectivas

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem.

políticas como, por exemplo, o comunismo – já que em passagem anterior esse conceito havia sido tema da polêmica levantada contra figuras como Plínio Salgado. Com efeito, tudo indica que eles foram usados como sinônimos. Segundo, o Jeca aparece como incapacitado para agir por conta própria, incapaz de tomar consciência de si e de promover uma mudança em relação à sua condição de explorado.

O socialismo aparece como um farol, algo externo à sua condição, que teria o poder de criar condições para que sua vida mudasse para melhor – do “Jeca de cócoras” para o “Jeca ereto”. Sente-se o seu apagamento no que tange à esfera da ação. O socialismo (assim como o enunciador do discurso) foi colocado em terceira pessoa, desdobrando-se no silenciamento do Jeca.¹⁴⁶ Aqui, o homem do povo/Jeca, pensado nesses termos, parece assumir um lugar negativo na configuração do processo revolucionário, tendo o socialismo que assumir o lugar, modificando-o, ocupado pela “Mãe pátria [...] que até parece madrasta de certos filhos”, para recuperarmos uma citação sobre o Hélio Negro.¹⁴⁷

Carone cita uma passagem de um texto presente na *Revista Comunista – Órgano Teórico del Secretariado Sudamericano de la Internacional Comunista*, impresso argentino dos anos de 30, que dá uma boa medida das orientações dadas aos partidos comunistas sul-americanos no que diz respeito a como lidar com trabalhadores urbanos e camponeses.

[...] a revolução não é um caso histórico, nem um resultado da ausência de um programa exato, senão o resultado inevitável das oscilações da pequena burguesia entre os feudais e os burgueses e a massa revolucionária. Realizar a revolução agrária e anti-imperialista só pode ser feita pelos trabalhadores e camponeses do Brasil. A grande maioria da população do Brasil é formada de operários e camponeses; organizá-los, encabeçar seus movimentos, conduzir suas lutas por uma realização do programa agrário e anti-imperialista, só pode fazê-lo a partido mais organizado, mais avançado, mais experimentado, o partido do proletariado, o PC.¹⁴⁸

¹⁴⁶ Novamente nos parece pertinente pensar na ideia do “porta-voz”, trabalhada por Bourdieu em “A classe como representação e vontade”. Ver nota 65.

¹⁴⁷ Ver nota 141.

¹⁴⁸ CARONE, Edgard. “Comunismo e tenentismo”. *A República Velha I: instituições e classes sociais (1889-1930)*... p. 345. Para Clifford Andrew Welch, “[...] guiado pelo Comitê da União Soviética, o PCB caracterizou o Brasil como uma nação atolada no feudalismo, onde uma ‘revolução agrária’ surgiria das forças sociais lideradas pelos ‘soviets de operários e camponeses’”. Essa orientação teria contribuído para

Se na linha argumentativa d’*O Homem do Povo* o socialismo teria o poder de curar as mazelas do homem do campo, ao proporcionar-lhe “coisas grandiosas”, devido à aplicação da técnica, percebemos na “revolução agrária e anti-imperialista”, proposta no trecho acima, o mesmo objetivo. Ambos também partiam da noção de vanguarda do movimento revolucionário. A diferença, ao que parece, seria em relação ao lugar ocupado pela questão partidária uma vez que, no primeiro, a ênfase é dada ao termo amplo “socialismo” e, no segundo, temos a figura do “mais avançado, mais experimentado” partido do proletariado a ocupar o lugar de destaque e de condução das lutas.¹⁴⁹

Em relação ao campo, a política de coletivização que foi adotada pela União Soviética, no início da década de 1930, tem um papel de destaque como base do modelo socialista russo. Apesar de ter sido forçada e ter resultado “[...] em uma guerra do Estado contra a população rural”, na medida em que “a oposição desesperada dos camponeses serviu de pretexto para Stálin mobilizar milhares de agentes para ‘liquidar os *kulaks* como classe’, segundo suas próprias palavras”,¹⁵⁰ é um evento importante para uma cultura política comunista.

que o Partido fosse “[...] a primeira organização política a incorporar o camponês como constituinte do partido. Na época da Revolução de 1930, as Delegacias Estaduais de Ordem Política e Social (DEOPS), entidade policial criada em 1924, já estavam espalhadas pelo país. Em São Paulo, o DEOPS estava bem representado no interior do estado, e pesquisa realizada em seu arquivo mostra a presença do PCB nas fazendas e a adesão dos camponeses ao partido”. WELCH, Clifford Andrew. “Os camponeses entram em cena: a iniciação da participação política do campesinato paulista”. MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (orgs.). *Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história - concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960)*, volume 2. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p. 41 e 46.

¹⁴⁹ Curiosamente encontramos, em um texto escrito em 2001 e apresentado no Encontro Internacional sobre a “Vigencia y actualización del marxismo”, organizado pela Fundación Rodney Arismendi, em Montevideu, quase três gerações depois, elementos similares que ainda orientariam a tentativa de discussão e consolidação de uma proposta socialista. Foram eles: “1º. - Ser um partido completamente independente dos interesses, da ideologia, das pressões e ameaças das forças do capital; 2º. - Ser um partido da classe operária, dos trabalhadores em geral, dos explorados e oprimidos; 3º. - Ser um partido com uma vida democrática interna e uma única direção central; 4º. - Ser um partido simultaneamente internacionalista e defensor dos interesses do país respectivo; 5º. - Ser um partido que define, como seu objetivo, a construção de uma sociedade sem explorados nem exploradores, uma sociedade socialista; 6º. - Ser um partido portador de uma teoria revolucionária, o marxismo-leninismo, que não só torna possível explicar o mundo, como indica o caminho para transformá-lo”. CUNHAL, Álvaro. “As seis características fundamentais de um Partido Comunista” (texto consultado no mês de janeiro de 2011: <http://migre.me/5H6mO>).

¹⁵⁰ FERREIRA, Jorge. “URSS: Mito, Utopia e História”. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*... p. 198.

Outra referência importante é o “Manifesto de Maio”, escrito por Prestes e publicado no ano de 1930. Mesmo tendo sofrido críticas por parte do PCB – que, ao seu lançamento, “[...] imediatamente critic[ou] o que considera[va] uma organização [para Basbaum] ‘confucionista de três classes (proletariado, campesinato, pequena burguesia) sob a direção de pequena burguesia oscilante das cidades’”¹⁵¹ –, a evidenciou a importância da valorização do proletariado urbano e dos trabalhadores do campo.

Na abertura de seu Manifesto, podemos perceber que o mesmo se destinou

Ao proletariado sofredor das nossas cidades, aos trabalhadores oprimidos das fazendas e das estâncias, à massa miserável do nosso sertão e muito especialmente aos revolucionários sinceros, aos que estão dispostos à luta e ao sacrifício em prol da profunda transformação por que necessitamos passar, são dirigidas estas linhas.¹⁵²

Com posição claramente contrária “a grande propriedade territorial” e ao “imperialismo anglo-americano”, Prestes conclamou: “[...] dediquemo-nos, à coragem, convicção e real espírito de sacrifício, à luta pelas verdadeiras reivindicações da massa oprimida”.¹⁵³ Com efeito, as posições de Oswald em muito se aproximaram com as defendidas pelo “Cavaleiro da Esperança”.

Em artigo intitulado “Comentários de um homem do povo”, presente no segundo número do impresso, um escritor supostamente anônimo [acreditamos que seja o próprio Oswald] polemizou com Plínio Barreto¹⁵⁴ no que diz respeito ao direito de se pronunciarem a respeito do povo.¹⁵⁵ Segundo o texto, “O sr. Plínio Barreto, que pontifica pelas colunas do

¹⁵¹ CARONE, Edgard. “Comunismo e tenentismo”. *A República Velha I: instituições e classes sociais (1889-1930)*... p. 345.

¹⁵² O Manifesto foi publicado originalmente no *Diário da Noite*, de São Paulo, em sua 2ª edição, de 29/05/1930 (consultado em março de 2011 na página <http://migre.me/5H6lv>).

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Plínio Barreto formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, dedicou-se ao jornalismo, trabalhou em diversos periódicos e foi um dos diretores d’*O Estado de S. Paulo*. Foi chefe do governo provisório do estado de São Paulo durante 21 dias após a Revolução de 1930. Após o Estado Novo, foi eleito deputado federal pela União Democrática Nacional e candidato a governador do estado de São Paulo em 1946, derrotado por Ademar Pereira de Barros. Junto com outros intelectuais, como, por exemplo, Monteiro Lobato, atuou na defesa da “ordem”, contra a crise revolucionária de 1924.

¹⁵⁵ Para Pierre Bourdieu, “o porta-voz dotado de pleno poder de falar e de agir em nome do grupo e, em

velho, ‘venerando’ e arquiconservador ‘O Estado de S. Paulo’, continua no seu inveterado abuso de falar em nome do povo. Todo mundo sabe que povo quer dizer o povo que trabalha, o povo que sofre, o povo oprimido e explorado”. Em seguida, “não acreditamos que haja alguém suficientemente cretino para nos vir dizer que o sr. Crespi é povo, que o sr. Conde de Lara é povo”.¹⁵⁶

A utilização do “nós” em seu discurso nos induz a pensar em uma dupla estratégia, além de sustentar que a autoria tenha sido mesmo de Oswald: a primeira seria a reivindicação do escritor como “homem do povo”, uma vez manifestado o interesse em ser ouvido ou, no mínimo, ter voz. Nesse sentido, delegou a si mesmo a função de falar, *pelo* e em *nome* do povo, apresentando-se como porta-voz na defesa dos oprimidos; a segunda seria o esforço investido em uma espécie de “eficácia simbólica”,¹⁵⁷ que também poderia ser entendida como resultado de “uma magia social”, ao expressar supostos posicionamentos compartilhados por todos aqueles responsáveis pelo impresso, dando uma ideia de conjunto coeso e uno para as reivindicações, ao tentar criar e divulgar um sentimento compartilhado por um grupo a favor da adesão de mais indivíduos ao projeto.

Na sequência, acusou Barreto de “criminoso” e o jornal *O Estado de S. Paulo* de “demagógico”:

[...] nessas condições, o sr. Plínio Barreto, o servidor convicto e incondicional de todos os exploradores do povo, deve cessar o abuso, altamente criminoso, de falar em nome do povo, com o qual não tem absolutamente nada de comum. O “Estado”, a exemplo do que fazem, hoje,

primeiro lugar, sobre o grupo pela magia da palavra de ordem, é o substituto do grupo que somente por esta procuração existe; personificação de uma pessoa fictícia, de uma ficção social, ele faz sair do estado de indivíduos separados os que ele pretende representar, permitindo-lhes agir e falar, através dele, como um só homem”. “A classe como representação e vontade”. *O poder simbólico...* p. 158.

¹⁵⁶ R. “Comentários de um homem do povo”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 27/03/1931, 28/03/1931, *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 3.

¹⁵⁷ Para Bourdieu “a eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, ou então, o que dá no mesmo, quando se esquece de si mesma ou se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe concede”. BOURDIEU, Pierre. “A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual”. *Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 95.

por toda parte, os grandes órgãos reacionários, mantidos e pagos por todas as forças que, num país, trituram a carne e os ossos do povo, não se peja e não sente o mais leve embaraço em fazer, de vez em quando, o seu bocado de demagogia.¹⁵⁸

Ao fazer eco às referências à revolução social como peça central para as mudanças necessárias nas condições de vida desse povo explorado, o artigo foi finalizado com um tom prescritivo. Na chave de um discurso inflamado, misto de denúncia e ameaça, sustentou que, em relação a

[...] esta demagogia, porém, fique sabendo, o povo que se previna e a repila; esta demagogia é a mais alta expressão de cinismo que já se viu em todos os grandes da terra nos tempos que correm, tempos difíceis e incertos. Esta demagogia, povo amigo, disfarça este pavor da grande e inevitável derrota, que se aproxima...¹⁵⁹

Na chave da criação de possíveis referenciais para a ação, assim como para o “esclarecimento” do “homem do povo”, o impresso reclamou por uma pedagogia popular, que fosse “[...] um programa claro, que não [fosse] a estúpida educação de classes, hoje dominante”.¹⁶⁰ Nesse artigo, intitulado “Pedagogia” e inserido na seção *Panfleto e doutrina*, constante em todos os números, *O Homem do Povo* agora ataca as mazelas do sistema educacional, para o qual a desinformação aparecia como um mal responsável pela manutenção de uma massa de analfabetos e, por consequência, uma falsa elite. Novamente, o artigo não trouxe assinatura, mas outros espaços do jornal, Oswald havia levantado polêmicas consonantes com as defendidas neste texto. Em sua argumentação, auto-proclamou o “[...] dever de assinalar quais as diretrizes da sua crítica e do seu comentário, especialmente no que respeita à educação nacional”.

Ao apresentar suas ideias como “crítica de opinião, crítica de boa fé – que não exclui absolutamente uma espinha dorsal, uma sistematização, um sentido. Digamos a

¹⁵⁸ R. “Comentários de um homem do povo”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 27/03/1931, 28/03/1931, *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 3.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ “Pedagogia”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 31/03/1931, *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 3.

palavra toda – crítica parcial”, expôs suas propostas em relação aos problemas da inadequação cultural dos “formadores e reformadores” brasileiros, que estariam ainda atrelados aos padrões do Império, “padrão do Sr. D. Pedro II, que Deus guarde”, levados por certas doses de “ecletismo cultural”, responsável por uma “vaga ilustração”. Nesse sentido, lançou a questão: “Mas educação aqui no Brasil p’ra que serve?”. Como resposta, afirmou:

Porque o que é incontestável é que o curso primário não desanalfabetiza, o secundário não humaniza – e o superior nem faz profissionais, nem faz sábios, nem faz pesquisadores. Que resta então desta educação? Nada. Porque nada, zero vezes zero, é a cultura de toda a gente. Que ignora por completo os problemas, ou os conhece tão mal como um repórter apressado. [...] A única função social efetiva da educação brasileira tem sido a criação de uma falsa elite, em que se misturam coisas asnáticas a respeito de assuntos concretos e brilhos de rubis, esmeraldas e ametistas – por vezes falsas.¹⁶¹

Curioso perceber que nessa passagem o povo é representado como completamente desprovido de cultura, capaz de ignorar “por completo os problemas” enfrentados em seu cotidiano. Corolário suficiente, mesmo percebido de forma sutil, para a afirmação da necessidade do impresso e da premente revolução social, não expressa nesses termos pelo artigo, mas coexistindo internamente no conjunto do jornal. Se esse “homem do povo”, agora generalizado às últimas instâncias como inculto, sofria indubitavelmente por carência de informações e, como explicitado em citação anterior, disporia de apenas alguns minutos para a leitura, uma revolução que não abrisse mão dos investimentos na educação como potencialmente (re)formadora desse novo homem-povo certamente colheria a *mais valia* deste empreendimento.

O artigo é finalizado com a seguinte passagem:

É contra isso que entra em luta “O Homem do Povo”. Por um programa claro de educação popular, que não seja a estúpida educação de classes, hoje dominante. Educação para todos. Igual para todos (e nem por outra coisa deve ser e pode ser a educação pelo Estado). Por uma educação

¹⁶¹ Idem.

sistematizada, estruturada, orgânica, que faça produtores e não eruditos massudos, engenheiros de giz e quadro negro, e médicos de formulários e bacharéis de comícios e legemania.¹⁶²

Ao mesmo tempo em que o impresso se colocava na luta por um programa de educação popular, prestava-se a ser a “opinião esclarecida” em relação à realidade brasileira (e internacional). Entretanto, sempre insistiu no fato de ser um meio de comunicação dirigido pelo “homem do povo”, ao mesmo tempo em que, como evidenciado nas últimas citações, esse mesmo povo foi representado como desprovido de cultura e/ou incapaz de se mover para uma ação transformadora.¹⁶³

Outro tema privilegiado pelo impresso foi o Exército.¹⁶⁴ Assinando com o pseudônimo de “Spartacus”, o autor teceu uma argumentação em que “povo” e “Exército” aparecem como uma entidade única que, movidos pelo mesmo destino desde a época da abolição da escravatura e do advento da República, compartilhariam dos mesmos anseios por mudanças. Segundo o autor:

A saudação do “O Homem do Povo” ao Exército tem a sua razão de ser, a sua lógica, a sua verdade. Não distinguimos o Exército do povo, pois é no povo, na massa anônima e sofredora dos que trabalham, e não nos interesses criadores que acidentalmente o conduzem, que o Exército tem as raízes profundas da sua força. Força que se traduz pela alta expressão moral de uma vontade esclarecida e de uma consciência lúcida: a vontade do povo, a consciência do povo. Trabalhadores e soldados não se diferenciam no processo social. Ambos caminham para o mesmo destino. Inútil, portanto, é separá-los.¹⁶⁵

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Segundo Oswald de Andrade Filho, “Oswald demonstrava uma vontade férrea de ser compreendido. Espremido por duas frentes, uma – a burguesia – condenava-o, espezinhava-o, outra – os dirigentes de esquerda – rejeitava-o. Sua fama – individualista, personalista, indisciplinado – impressionou mais que o seu desejo de servir. Essa entrega política na realidade representou uma alucinante aventura romântica, um sentimento de vingança, talvez contra a sociedade burguesa que o derrotara socialmente”. *Apud BOAVENTURA, Maria Eugenia. “O angu de Pagu”. O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade... p. 156-7.*

¹⁶⁴ Olavo Bilac defendeu, em campanha de 1915-16, o serviço militar obrigatório. A seu ver, “[...] o papel defensivo das Forças Armadas era menos importante que sua função de ensinar. Sua principal missão era a educação cívica dos cidadãos. Trazendo todas as classes para os quartéis”, argumentou Bilac, “o Exército atuaria como nivelador social, ensinando disciplina, patriotismo e ordem. O perigo de uma casta militar seria eliminado”, ele acreditava, “se o Exército fosse o povo e o povo fosse o Exército. Bilac apontava o serviço militar como ‘uma promessa de salvação’ para o Brasil”. MCCANN, Frank. “A ideologia do papel das Forças Armadas na sociedade”. *Soldados da pátria: história do Exército brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 219.

¹⁶⁵ Spartacus. “Palavras ao Exército”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz,

A representação positiva de “povo”, colocada em movimento, nesse momento, entra em contradição com aquela referida mais acima. Se no artigo “Pedagogia”, percebemos a falta de cultura “de toda a gente” e, em “O nosso programa”, a ausência da vontade-desejo ou manifestação ativa dessa “massa sofredora e anônima”, ali representada na figura do Jeca – talvez demonstrando a carência de orientação moral e ética –, nessa passagem esse quadro foi pintado com outras cores. “Povo”, aqui, significa “vontade esclarecida” e “consciência lúcida”, virtudes centrais e indispensáveis na produção da força organizacional militar. Por isso mesmo não faria sentido, nessa argumentação, separar os dois elementos. “Povo” e Exército estariam trilhando juntos, compartilhando anseios e desejos, vontades e esperanças. Enfim, a massa de soldados também seria “povo”. A equação feita parece indicar para a impossibilidade de ascensão social via Forças Armadas, uma vez que, mesmo na condição de soldado, ele ainda continuaria na condição de “massa explorada”. Ou que uma das razões (ou a razão principal) da existência do Exército fosse o de atuar como fator de mudança social. No editorial no sétimo número do impresso, intitulado “As angústias de Piratininga” e assinado por “o homem do povo”,¹⁶⁶ Oswald se referiu novamente ao Exército, ao fazer um ataque contra dois ex-integrantes da Coluna Prestes, tiveram papel central naquele movimento: o coronel João Alberto¹⁶⁷ e o general

27/03/1931, *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 3.

¹⁶⁶ Como foi frequente os editoriais trazerem a assinatura de Oswald de Andrade, podemos supor que esse também seja de sua autoria.

¹⁶⁷ João Alberto Lins de Barros nasceu no Recife, em 16 de junho de 1897, e morreu no Rio de Janeiro, em 26 de janeiro de 1955. Foi militar e político. Teve participação efetiva na Coluna Prestes, em 1924, onde chegou a assumir a chefia de um dos destacamentos do comando geral da tropa sulista, sob o comando geral de Luís Carlos Prestes. Em maio de 1930, rompeu com Prestes que lançara pouco antes seu manifesto, e, em seguida, criticou duramente a indecisão das lideranças aliancistas, que se negavam a deflagrar o movimento apesar da conjuntura propícia decorrente da crise econômica em curso. Entretanto, com o levante, iniciado pela Brigada Militar gaúcha em 3 de outubro de 1930, coube a João Alberto comandar o ataque aos dois batalhões de infantaria e ao esquadrão de cavalaria sediados no morro do Menino Deus e guardiães de um imenso paiol, a única grande reserva de munição existente no estado do Rio Grande do Sul. Foi interventor federal no governo de São Paulo de 26 de novembro de 1930 a 25 de julho de 1931. ALBERTO, João. “Verbete”. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro – DHBB*, disponível para consultas no site da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC: <http://migre.me/5H7S4> (consultado em setembro de 2010).

Miguel Costa.¹⁶⁸ Paralelamente, aproveitou para criticar Manifesto do Partido Democrático de São Paulo.¹⁶⁹ Esse seria

“precioso e ridículo, como literatura política, nula de visão social, fechado no mais estreito e pífilo provincianismo, vertendo apenas o pus que brota dos dois cancros de São Paulo – a Faculdade de Direito e o café – o manifesto do Partido Democrático fixa bem para os olhos ingênuos do eu acreditam nas meias-revoluções, de que tamanho é a guela ambiciosa e hipócrita dos exploradores que depois de ter erguido palácios e fazendas, a chicote e a tronco de escravos – pretendem continuar a sugar o suor dos que trabalham, a troco de representá-los na comédia dos cargos públicos”.

Ainda segundo Oswald,

[...] vencidos pelo fenômeno da agonia capitalista [Partido Democrático], a sua cegueira ideológica atribui intenções comunistas a sinceros consolidadores da Ordem Burguesa, como francamente são o Coronel João Alberto e o General Miguel Costa, com toda a razão mais de uma vez apontados ao ódio das massas exploradas pelo altifalante Luiz Carlos Prestes.¹⁷⁰

¹⁶⁸ Miguel Alberto Crispim Rodrigo da Costa nasceu em Buenos Aires, em 3 de dezembro de 1885, e morreu em 2 de setembro de 1959. Foi o comandante supremo da Coluna Miguel Costa-Prestes, entre os anos 1924 e 1927. Participou ativamente das reuniões preparatórias desse levante, realizadas em residências particulares, inclusive na sua, e em quartéis de Jundiaí, Itu e Quitaúna, no estado de São Paulo. Com a Revolução de 1930, Miguel Costa e outros líderes da Coluna perderam suas patentes e sua cidadania. Nesse ano, integrou-se ao Grupo de Comando da Revolução, formado por Pedro Aurélio de Góis Monteiro (comandante militar), Osvaldo e Luís Aranha, Virgílio de Melo Franco, dentre outros. Em 3 de novembro de 1930, depois de deflagrada a revolução no dia 3 de outubro do mesmo ano, Miguel Costa, cuja cidadania brasileira foi novamente reconhecida, foi nomeado comandante da Força Pública de São Paulo, passando a deter, junto com João Alberto, o controle das decisões relativas à ordem pública e à segurança no estado. Fundou, com João Alberto e o coronel João Mendonça Lima, no dia 13 de novembro, a Legião Revolucionária, voltada para garantir a realização das reformas reivindicadas pelos “tenentes”. Em 4 de março de 1931, a Legião lançou um manifesto, redigido por Plínio Salgado e assinado por Miguel Costa, Mendonça Lima e outros. O documento defendia a necessidade de um governo forte e centralizado, capaz de intervir nos múltiplos aspectos da vida econômica e social do país; denunciava o latifúndio privado, os trustes, os monopólios e a “absorção dos patrimônios nacionais pelos sindicatos estrangeiros”; criticava a importação de modelos políticos e ressaltava a necessidade de “respostas tipicamente brasileiras” para esses problemas. COSTA, Miguel. “Verbete”. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro – DHBB*, disponível para consultas no site da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC: <http://migre.me/5H7Sr> (consultado em setembro de 2010).

¹⁶⁹ Em 1930, Oswald teceu sérias críticas ao Partido Democrático. Em um texto, sem título no original, afirmou que a “inversão de valores, de ideias e de sentimentos é um dos jogos prediletos com que os camelôs do Partido Democrático se dispõem a embair a curiosidade pública sempre incautamente despertada pela mascatagem de reclame que preside aos seus ajuntamentos”. Já nesse momento, as representações e a fala autorizada a respeito da noção de povo já mediavam os debates: “eles [membros do Partido Democrático] exploram principalmente um monopólio de novo gênero, mas sem dúvida mais perigoso do que qualquer concessão de outra espécie: o monopólio do povo! Só eles representam a vontade popular, só eles são os amigos do povo e só eles detêm nas mãos enclavinadas a liberdade serena que sempre pairou sobre a vida construtiva e ordeira de São Paulo”. ANDRADE, Oswald de. *Estética e política...* p. 161. Segundo indicação da organizadora do livro, Maria Eugenia Boaventura, o texto estava inédito.

¹⁷⁰ ANDRADE, Oswald de. “As angústias de Piratininga”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 09/04/1931, *O Homem do Povo: março/abril 1931...* p. 1.

Em “Palavras ao Exército”, o centro do discurso parece estar localizado na “moral” da instituição, alcançada devido à participação dos “homens do povo”, razão da exaltação. Soldados e trabalhadores estariam caminhando “para o mesmo destino”. Entretanto, na passagem supracitada, a menção a João Alberto e Miguel Costa remete à trajetória de ambos, que tiveram atuações fundamentais na Coluna, mas não apoiaram a opção de Prestes pela esquerda e, a partir de 1934, pelo ingresso no Partido Comunista. Pelas palavras de Oswald, poderíamos supor que os ex-combatentes e líderes tenentistas romperam com o “processo social” que, na figura de Prestes, tomou rumos “revolucionários”. Ao cotejarmos os dois textos, é sugestivo que o Exército teria sido digno de “saudação” por ter em suas fileiras “homens do povo” e não pela exaltação das memórias dos feitos dos dois ex-combatentes.

Oswald criticou, na mesma ocasião, o Partido Democrático. Para ele, seus integrantes eram “consolidadores fascistas”, uma vez que

[...] sua boa vontade esbarra[va] na inconcertabilidade da máquina onde inutilmente quer[iam] andar. Que entreg[assem] essa lata velha, esse ford furado sem radiador nem gasolina, ao ganancioso grupo de fazendeiros e professores que ambiciona[vam] os últimos lucros do ferro miúdo [...]. Que o governo dos tenentes se demit[isse] e entreg[asse] ao Partido Democrático a máquina podre do Estado Burguês que esganou a economia paulista – para que perante as massas elucidadas, [fosse] essa a última experiência de desastre – é o que deseja[va] e ped[ia] o homem do povo.¹⁷¹

Para Edgar Carone,

[...] o Partido Democrático, afinal, aglutina todos esses movimentos anteriores, liderados por ala da dissidência oligárquica do Partido Republicano Paulista. Nascida em 1926, a nova agremiação vai ter ação mais complexa que as outras, porque ela surge num momento em que a sociedade se diversifica cada vez mais, a densidade econômica e social urbana exige novas soluções, e não é mais possível a aglutinação de grupos sociais antagônicos nos mesmos agrupamentos políticos”.¹⁷²

Nesse mesmo sentido, encontramos na análise de Sérgio Miceli a problemática dos

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² CARONE, Edgar. “Partidos nacionais: formação e limites”. *A República Velha I: instituições e classes sociais (1889-1930)*... p. 318.

engajamentos políticos dos intelectuais nas disputas de poder nas instituições oligárquicas, mediante as estratégias conscientes e inescapáveis que os intelectuais elaboravam para se inserir na classe dirigente. Segundo a análise de Miceli, o principal fator de bandeamento para as fileiras do Partido Democrático era a sua situação de exclusão em face da hegemonia dos quadros intelectuais pertencentes ao PRP, que representavam a conjunção dos elementos advindos das famílias e escolas reconhecidamente tradicionais no exercício da liderança política e cultural.¹⁷³

A passagem endossa a representação construída pelo artigo “As angústias de Piratininga”, na medida em que, ao fazer referência a um coronel e a um general, os distingue da categoria “soldado”, entendida como parte do povo. Nesse sentido, apenas nas patentes mais baixas estavam alocados os representantes do legítimo “homem do povo”.

As relações tensas entre o comunismo e movimento tenentista podem ser percebidas já em meados da década de 1920. No ano de 1927, “pretendendo uma ampliação de sua política de massas e de frente única”,¹⁷⁴ o PCB envia Astrojildo Pereira à Bolívia, para se encontrar com Prestes e os soldados da Coluna. Uma segunda tentativa, como já frisado nesse capítulo, se deu em 1929, com a tentativa de lançar Prestes candidato à Presidência.

Para Carone,

[...] distanciando-se cada vez mais dos comunistas, a maioria dos tenentes – com exceção de Prestes e pequeno grupo – ligam-se aos elementos da oposição oligárquica; Partido Democrático de São Paulo, Aliança Liberal. A cisão tenentista leva o líder da Coluna a lançar o manifesto de maio de

¹⁷³ Para Miceli, uma das causas da polêmica que envolveu Oswald com Mário de Andrade teria relação com a inserção de Mário nos quadros do PD, uma vez que o próprio Oswald teria representado uma espécie de “dândi” à frente do Partido Republicano Paulista. Segundo Miceli, “em relação a Oswald, que procurava se impor tanto por suas façanhas intelectuais como pela sua ‘superioridade’ social, Mário poderia levar a melhor na competição em torno da liderança do movimento modernista pelo empenho com que buscou diversificar os campos de aplicação de sua competência cultural polivalente”. MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil...* p. 25.

¹⁷⁴ CARONE, Edgard, “Comunismo e tenentismo”. *A República Velha I: instituições e classes sociais (1889-1930)*... p. 344.

1930 e fundar a *Liga de Ação Revolucionária*.¹⁷⁵

No manifesto escrito em abril e publicado pela primeira vez no fim de maio, como já frisamos, pelo *Diário Nacional*, vinculado ao PD, e pelo jornal de oposição *O Estado de S. Paulo*, Prestes escreveu que “uma simples troca de homens não resolveria os problemas do país”, e seria de pouca consequência para a grande massa de pessoas. O manifesto impelia a uma “revolução de soldados, trabalhadores” que redistribuiria a terra e se oporia ao imperialismo.

Para Prestes,

[...] a verdadeira luta pela independência nacional deve, portanto, realizar-se contra os grandes senhores da Inglaterra e contra o imperialismo e só poderá ser levada a efeito pela verdadeira insurreição nacional de todos os trabalhadores [...]. Para sustentar as reivindicações da revolução que propomos – única que julgamos útil aos interesses nacionais – o governo a surgir precisará ser realizado pelas verdadeiras massas trabalhadoras das cidades e dos sertões [...]. Só um governo de todos os trabalhadores, baseado nos conselhos de trabalhadores da cidade e do campo, soldados e marinheiros, poderá cumprir tal programa.¹⁷⁶

A imagem criada em torno de Prestes, “O Cavaleiro da Esperança”, desde o início da Coluna em 1924, a sua recusa em ser o candidato oficial do Partido Democrático, a não aceitação em apoio a Vargas, logo após a sua derrota nas eleições de 1930, as ideias contidas no Manifesto de Maio e a gradual aproximação de Prestes junto ao PCB nos dão elementos para compreendermos melhor a simpatia de Oswald pelo líder tenentista e até que ponto ele esteve em acordo ou desacordo com o ex-tenentista.

Para Welch,

A marcha, que terminou em 1927, afetou Prestes profundamente: “Conheci a miséria por onde passei”, disse ele mais tarde a dois jornalistas. “Vi homens passando fome, outros sem roupas e muitos sem nenhum remédio para suas doenças. Vi homens ajoelhados no chão esburacando o solo com facas de cozinha sem cabo. Pegavam nas lâminas das facas, ou seja, estavam mais atrasados do que os índios. Esse quadro terrível me convenceu de que não seria a simples substituição de

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ Ver nota 141.

Bernardes por outro que resolveria os nossos problemas”. Prestes fez essa declaração na década de 1980, quase três gerações depois de a coluna ter ido para a Bolívia. A passagem do tempo condensou os eventos em sua memória, como acontece invariavelmente. Claramente, a experiência da marcha imprimiu nele uma preocupação sincera pela pobreza e o desespero dos pobres rurais, e o motivou a fazer algo sobre a questão. A transformação de Prestes é a história de como o embrião do PCB iniciou sua campanha entre os trabalhadores rurais.¹⁷⁷

É interessante perceber que o artigo “As angústias de Piratininga” também provocou a reação dos estudantes de Direito da Faculdade do Largo São Francisco, configurando-se na primeira tentativa de empastelamento do impresso. Na versão *fac-similada* d’*O Homem do Povo*, conseguimos encontrar em artigos de jornais da época referências às polêmicas provocadas pelos ataques de Oswald de Andrade. O jornal *Folha da Noite*¹⁷⁸ publicou nota sobre o “justo revide dos estudantes de direito aos insultos de um antropófago”. Nesse sentido, comentou que

Oswald de Andrade, que classificou a Faculdade de Direito como sendo um ‘cancro’ que mina o nosso Estado, foi agredido e quase linchado em plena Praça da Sé [duas fotos dos soldados e dos estudantes, com as legendas]. Foi preciso que os soldados de prontidão na Central se movimentassem para impedir o linchamento [...].¹⁷⁹

Outros jornais, como *A Gazeta* e o *Diário de São Paulo*, publicaram matérias sobre o episódio. No mesmo sentido da *Folha da Noite*, fizeram referência ao ocorrido, procurando dar destaque para as figuras de Oswald e de sua esposa Pagu. O primeiro lançou comentário no mesmo dia de publicação do jornal *O Homem do Povo* (9 de abril) sendo que os dois outros, no dia 10 de abril. *A Folha da Noite*, no entanto, em matéria mais extensa do que nos outros, enfatizou a abertura de inquérito e proteção por parte da polícia

¹⁷⁷ WELCH, Clifford Andrew. “Os camponeses entram em cena: a iniciação da participação política do campesinato paulista”. MOTTA, Márcia, ZARTH, Paulo (orgs.). *Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960)*... p. 39-40.

¹⁷⁸ “Um justo revide dos estudantes de Direito aos insultos de um antropófago”. *Folha da Noite*, São Paulo, 9 de abril de 1931. “O empastelamento de ‘O HOMEM DO POVO’: noticiário dos jornais – abril de 1931”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, *O Homem do Povo: março/abril de 1931*... p. 13.

¹⁷⁹ Idem.

aos agredidos.

Na Central, atendeu à ocorrência o delegado de plantão, dr. Affonso Celso de Paula Lima, que fez conduzir para o seu gabinete os dois jornalistas perseguidos. Entretanto, os estudantes enchiam os corredores do edifício, tendo descido para apaziguar os ânimos exaltados dos rapazes, o general Miguel Costa, secretário da segurança pública. Aberto inquérito sobre o fato, o sr. Oswald de Andrade e d. Patrícia Rehder Galvão, declararam que a agressão fora motivada por artigos seus, insertos no ‘Homem do Povo’ [...].¹⁸⁰

Ao que parece, os estudantes só se dissiparam após promessas, por parte da polícia, de que seriam evitados novos aborrecimentos, pela dupla responsável pelo impresso.

No entanto, não foi possível encontrar nenhuma resposta dos estudantes nos jornais que noticiaram o ocorrido. Há a presença de algumas palavras de ordem, possivelmente ouvidas pelos jornalistas, em que os estudantes manifestaram seu descontentamento com o impresso que os ofendera (assim como à Faculdade de Direito) e em relação a seus idealizadores, Oswald e Pagu. No *Folha da Noite*, há uma passagem em que é mencionada a “retirada às pressas” do casal para a Central de Polícia, após o confronto com os estudantes. “Penetraram, correndo, embarafustando para a sala do delegado enquanto a guarda da Secretaria de Segurança Pública, não atinando para os gritos da multidão que avançava aos berros de: - Lyncha! Mata!, acorria de baioneta calada, guarnecendo a entrada do edifício”.¹⁸¹

Contudo, mesmo com as garantias concedidas aos estudantes de que não seriam mais incomodados pelos artigos do jornal, o oitavo número d'*O Homem do Povo* voltou a atacá-los.¹⁸² Oswald pediu, entretanto, por segurança, à Força Policial de São Paulo, que

¹⁸⁰ “Ofendidos pelas colunas do *O Homem do Povo* os estudantes de Direito agrediram o diretor do jornal”. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 10 de abril de 1931. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, *O homem do povo: março/abril de 1931...* p. 13.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Segundo Nanci de Freitas, “Flávio de Carvalho (1899-1973), artista plástico, teatrólogo e engenheiro, realizou sua famosa *Experiência nº 2*, em junho de 1931, em São Paulo, durante uma procissão de Corpus Christi. O experimento teria sido motivado pela revolta do artista diante das agressões sofridas por Oswald de Andrade e Pagu, nos episódios que levaram ao fechamento do jornal *O homem do povo*”. FREITAS, Nanci de. *Flávio de Carvalho e Oswald de Andrade: actantes provocadores e atos performáticos*. IV Reunião

fosse garantida a continuidade do empreendimento.

Segundo o jornal *A Gazeta*,

O sr. Oswald de Andrade, diretor do jornal “O homem do povo”, às 10 horas de hoje solicitou do dr. Benevolo Luz, delegado de serviço na Central, garantias contra moços estudantis que ameaçavam destruir a redação desse matutino. Vários soldados da Força Pública foram colocados à porta daquele jornal, impedindo, dessa forma, qualquer atentado.¹⁸³

O casal chegou a enfrentar os estudantes, o que causou um grande alvoroço. Pagu foi acusada de ter usado uma arma:

De súbito, e sem que ninguém esperasse, apareceu à porta do prédio a companheira de Oswald de Andrade, Patrícia Thiers Galvão, mais conhecida por “Pagu”. Vinha armada de revólver e com o qual fez dois disparos em direção dos estudantes. A indignação não conheceu limites e os militares, postados à porta, tiveram um grande trabalho para salvar Patrícia Thiers Galvão das mãos dos estudantes. Atrás dela, surgiu o sr. Oswald de Andrade, que entrou em desferir violentos pontapés contra os estudantes.¹⁸⁴

Como desfecho, e para evitar maiores distúrbios,

[...] o delegado geral da capital mandou prender o sr. Oswald de Andrade e d. Patrícia Galvão. Entre duas alas de soldados, caminharam para a Central, enquanto ao redor se ouviam gritos de indignação: Morra o patife! Mandem-no para Fernando de Noronha! Morra o comunismo! Oswald de Andrade e sua companheira iriam ser processados. Ela, por uso abusivo de arma, tentativa de homicídio e ferimentos leves. Ele, por insulto e provocação de distúrbios. Além disso, não mais circularia “O Homem do Povo”. A notícia foi recebida com verdadeiro prazer pelos estudantes que, em seguida, se retiraram.¹⁸⁵

O jornal foi fechado por ordem judicial. Ao que se sabe, nenhum outro número veio a público depois do ocorrido.

O oitavo número do jornal *O Homem do Povo* trouxe como matéria de destaque um artigo intitulado “Isto aqui é Coimbra?”, iniciado com a seguinte frase: “a grande

Científica de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. Rio de Janeiro, s.d., p. 1.

¹⁸³ “A polícia mandou garantir a redação do O Homem do Povo”. *A Gazeta*, São Paulo, 13 de abril de 1931. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, *O Homem do Povo: março/abril de 1931...* p. 14.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ Idem.

manifestação de pensamento que produziu até hoje a Faculdade de Direito foi o trote”.¹⁸⁶ Prossegue fazendo uma crítica ferrenha ao bacharelismo ainda presente na Faculdade, assim como ao pensamento herdeiro da tradição da Península Ibérica que, na visão de Oswald, fora responsável pela situação “vergonhosa” que se mantinha no pensamento dos estudantes.

Em outra passagem do artigo, essa questão foi enfatizada:

O vosso mal é um mal coimbrão, um mal português agravado pela nossa situação de colonial-mental. A nossa velha faculdade, é como a de Recife, apenas um pedaço de projeto escolar, que não foi avante no Primeiro Império e assim represou o pensamento brasileiro na bacharelise – lamentável herança intelectual das universidades religiosas e leguleas [sic] da Península Ibérica, particularmente Coimbra e Salamanca, os dois redutos do pensamento jesuítico e medieval¹⁸⁷.

Em passagem um pouco anterior a essa, Oswald fez um ataque sarcástico e ousado aos estudantes, desqualificando o seu comportamento perante a sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à representação de “povo”.

Eu não desejaria a vossa desgraça, como desejam os que vos encaminham para a carnificina que será fatal um dia, colocando-vos como inimigos do homem do povo batido, humilhado, explorado, no seu salário miserável, para vos dar os colarinhos engomados que vestis, as casas luxuosas em que vives, e os bengalórios catitas com que agredis os seus defensores”.¹⁸⁸

Contudo, Oswald também havia passado pela Faculdade de Direito.¹⁸⁹ No editorial do oitavo número – esse não assinado com pseudônimo, mas sim pelo próprio Oswald –, esse fato também serviu de mote para a argumentação contra os estudantes.

Meninos, eu vos conheço! Também passei pelas arcadas! E fui até numa enorme turma o primeiro orador do Centro Acadêmico Onze de Agosto! Ser-me-ia mais fácil prosseguir nessa brilhante ascensão e hoje em vez de

¹⁸⁶ ANDRADE, Oswald de. “Isto aqui é Coimbra?”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 13/04/1931, *O Homem do Povo: março/abril de 1931...* p. 1.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: sob as ordens da mamãe. Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

estar sendo agredido pelos vossos pelotões, talvez pudesse como o meu colega de ginásio Gabriel de Resende Filho, vos estar mentindo e blefando do alto de uma carunchosa cátedra de professor, e recolhendo o troco disso às vossas inocentes aclamações. Mentindo e blefando, porque eu vos estaria incutindo noções inteiramente falsas e vencidas num mundo renovado pelo mais poderoso sopro revolucionário do planeta. E eu não tenho nenhuma má vontade para com vocês.¹⁹⁰

Na argumentação, a retórica oswaldiana em torno da ideia da representação de “povo” não comportaria os estudantes de Direito. Pelo contrário, Oswald preocupou-se, em sua argumentação, em elegê-los como exatamente opostos, como tributários, cultivadores de um pensamento reacionário ao sustentarem ideias “falsas e vencidas”. Nesse sentido, percebe-se novamente o esforço na criação de um lugar privilegiado em que a figura de Oswald foi, por um *efeito teórico*, atrelada à ideia de “povo”.

Segundo o impresso:

Não me iludo. Sei que a cena de quinta-feira, como todas as que se seguirem, são episódios da luta de classes, agravada pelo momento de crise feroz em que o Brasil pela primeira vez se debate. Porque os estudantes agressores infelizmente representam os condes do dinheiro, os sacripantas da indústria e da finança, os exploradores de toda ordem, os padres de qualquer seita parasitária, os patrões, os usurários e os fazendeiros feudais. São os seus filhos. E assumem com a sua franca hostilidade para com o Homem do Povo, uma atitude que será esclarecida no futuro das trincheiras sociais.¹⁹¹

O tom agressivo e provocador é seguido de uma prescrição, uma recomendação, do próprio autor em relação à necessidade de ação por parte, também, do seu público, o “povo” – uma vez que Oswald já facilmente se coloca como tal.

Falo sério e penso em ti homem do povo! No dia que saíres dos teus tugúrios sujos, das tuas usinas encarvoadas, dos teus quartéis, com o peito ofegante de justiça, os músculos retesados de ódio santo, pois que é para vingar as massas exploradas, onde as pobres crianças não têm médico nem pão, e as mulheres são dobradas pelo peso da vida escrava – alegremente subiremos para conversar, aos ricos salões e às casas fúteis da pequena burguesia, de onde eles saíram agora para agredir em batalhão uma mulher e um homem do povo.¹⁹²

¹⁹⁰ ANDRADE, Oswald de. “Isto aqui é Coimbra?”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 13/04/1931, *O Homem do Povo: março/abril de 1931...* p. 1.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² Idem.

Esse trecho dá a medida da estratégia discursiva e performática colocada em movimento pelo impresso, ao enfatizar a constante reivindicação e afirmação do lugar de intelectual “autorizado” a falar sobre as necessidades do homem comum, explorado e carente por justiça social. Entretanto, após esse ataque, o jornal foi novamente atacado pelos estudantes de Direito, agora em maior número.

Segundo o jornal *Folha da Noite*,

[...] hoje, por volta de 11 horas, inúmeros estudantes da Faculdade de Direito resolveram empastelar o jornal “Homem do Povo”, pelos insultos reeditados no seu último número [...]. Já a polícia tinha providenciado o guarnecimento da entrada do prédio, para evitar sérios distúrbios. Em breve, formou-se uma verdadeira multidão.¹⁹³

Por fim, outra questão que mereceu nossa atenção no impresso diz respeito à representação da mulher. Em seção reservada a Pagu, intitulada *A mulher do povo*, fizeram-se presentes polêmicas e críticas, assim como acusações, sobre o universo feminino, tanto às suas práticas sociais quanto às necessidades de construção de uma renovada noção de moralidade em direção a uma sociedade idealizada. Ao ter como “horizonte de expectativa” as transformações sociais via revolução, Pagu foi taxativa em suas críticas a certa futilidade que conferia um lugar de passividade, consumo e aceitação da mulher brasileira na estrutura da sociedade.

Em artigo no primeiro número do impresso, intitulado “Maltus Além”, Pagu discutiu o lugar conferido às mulheres provenientes das elites ou da pequena burguesia – consideradas “feministas” – no que concerne ao direito de se pronunciarem sobre os problemas familiares dos operários e trabalhadores.

Excluídas da grande maioria de pequenas burguesas cuja instrução é feita nos livrinhos de beleza, nas palavras dos meninos de baratinha, nos gestos das artistas de cinema mais em voga ou no ambiente semi-familiar dos

¹⁹³ “Recrudescer o conflito entre os estudantes e o diretor do ‘O Homem do Povo’”. *Folha da Noite*, São Paulo, 13 de abril de 1931. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, *O Homem do Povo: março/abril de 1931...* p. 14.

cocktails modernos – temos a atrapalhar o movimento revolucionário do Brasil uma elitizinha de “João Pessoa” que sustentada pelo nome de vanguardistas e feministas berra a favor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito do voto para “mulheres cultas” achando que a orientação do velho Maltus resolve todos os problemas do mundo.¹⁹⁴

À sua acusação, Pagu somou a crítica ao posicionamento dessas mulheres no que se refere à negação do voto aos “incultos”:

Estas feministas de elite, que negam o voto aos operários e trabalhadores sem instrução porque não lhes sobra tempo do trabalho forçado a que se tem que entregar para a manutenção dos seus filhos, se esquece que a limitação de natalidade quase que já existe mesmo nas classes mais pobres e que os problemas todos da vida econômica e social ainda estão para ser resolvidos.¹⁹⁵

Aqui, a representação de “povo”, ao se utilizar de imagens dos filhos e da natalidade, traduziu-se no efeito de aproximação do discurso sobre o universo do trabalho ao familiar. Ao questionar o lugar por excelência conferido às mulheres, essa estratégia apresenta-se como um deslocamento no sentido da necessidade de ação por parte das mesmas espaço das disputas políticas, para além desse suposto lugar reservado.

Em artigo intitulado “Mulher Mulher”, utilizou-se da representação do “outro” em contraponto à imagem do que seria a mulher brasileira.

As nossas meninas cinematográficas não criam juízo e continuam como a maioria de nomes arrevesados, mal pronunciados, ternas, apaixonadas de americaninhas espigadas e cabeças sem sobancelhas e sem miolos. Meninas doentes, nervosas e impossíveis – católicas, ranzinzas e implicantes, zombando sinceramente de uma figura interessante que passa, incapazes de uma aventura que saia do domínio de um bigodinho ou de uma baratinha.¹⁹⁶

A referência ao cinema confere ao discurso uma dupla função de, por um lado, reforçar a ideia de que as práticas adotadas pelas “meninas” ricas e burguesas eram falsas, meros simulacros ou representações de uma cultura estrangeira – e por consequência absorvida sem críticas – e, por outro, enfatizar que o modelo norte-americano de

¹⁹⁴ PAGU. “Maltus Além” ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 27/03/1931, *O Homem do Povo: março/abril de 1931...* p. 2.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Idem.

comportamento feminino era nocivo para os padrões ou para a orientação da futura mulher do povo brasileiro. Nesse sentido,

[...] sempre obedientes ao cocktail obrigatório, ou ao chá insípido e à torradinha medida, descorada e imbecil, capaz de guiar um automóvel de luxo e manejar um golf em miniatura, mas incapaz de um esporte sadio, de um trabalho forte, manual ou de produzir uma geração inteligente e uma raça perfeita. Eternas indispostas, pensando, chorosas as gordurinhas nascentes – torturadas pela dor de cabeça cotidiana e por educação falsa. Mulher idiota! Você não percebe que essas americanas despeitadas pela masculinidade – estão francamente em decadência? Estamos na pré-época da mulher proletária e instruída, esplendida de formas. Mulher do trabalho, mas bem alimentada. Esportiva, sim, mas sem um regime cansativo e obrigatório. Mulher sadia, sem vislumbre de masculinidade.¹⁹⁷

A afirmação das vantagens que se teria com a negação dos valores e dos códigos de conduta de padrões norte-americanos apresentava, como contraposição, o deslocamento da imagem da mulher “despeitada pela masculinidade” para a possibilidade de uma mulher forte, “esportiva e sadia”, mas sem estar presa à lógica masculinizante. Entretanto, reivindicou a figura da mulher do povo, “mulher proletária e instruída, esplendida de formas”. Aqui, como em outras passagens, foi conferido à educação o lugar de destaque para formação desse “novo homem”, uma vez que, (d)enunciado pelo discurso, pretendeu-se tê-la como uma orientadora para a prática. Como no artigo anterior, o universo familiar – aqui ligado à produção da “raça perfeita” – foi pedra de toque na argumentação da autora.

Podemos perceber que esse é o tom que acompanha os demais artigos de Pagu, sendo possível observar algumas pequenas variações nas temáticas. Com efeito, o alvo sempre esteve situado nas práticas cotidianas das “católicas, ranzinzas e implicantes”.

Essa postura combativa pode ser percebida em um artigo do oitavo número, publicado logo em seguida à primeira tentativa de empastelamento do jornal. Intitulado “Normalinhas”, ao fazer referência às “garotas tradicionais que todo mundo gosta de ver

¹⁹⁷ Idem.

em São Paulo”, e em sentido confessional, Pagu declara que

Eu, que sempre tive a reprovação delas todas; eu, que mentia, com minhas atitudes, com as minhas palavras, e com a minha convicção; eu, que era uma revolucionária constante no meio delas, eu que as aborrecia e as abandonava voluntariamente enojada da sua hipocrisia, as via muitíssimas vezes protestar com violência contra uma verdade, as via também com o rosto enfiado na bolsa escolar e pernas reconhecíveis e trêmulas subirem a baratas impassíveis para uma garçoniére vulgar. Ignorantes da vida, amedrontadas com a opinião, azoando preconceitos e corvejando disparates, se recalcam as formadoras de homens numa senda inteiramente incompatível com os nossos dias. E vão estragar com os ensinamentos falsos e moralistas a nova geração que se prepara.¹⁹⁸

Ao lançar mão do recurso à ironia, comenta, ao final da primeira parte do artigo, que “com uma dúzia de palmadas elas se integrariam no verdadeiro caminho”. Logo em seguida, em tom desafiador e profético, fez uma ameaça: “acho bom vocês se modificarem por que no dia da reivindicação social que virá, vocês servirão de lenha para a fogueira transformadora”.

O recurso à temática da educação novamente aparece como fundamental para a instrução dessas garotas, sendo ela direcionada para o porvir.

Se vocês, em vez de livros deturpados que lêem, e dos beijos sifilíticos de meninotes desclassificados voltassem um pouco os olhos para a avalanche revolucionária que se forma em todo o mundo e estudassem, mas estudassem de fato, para compreender o que se passa no momento, poderiam, com uma convicção de verdadeiras proletárias, que não querem ser, passar uma rasteira nas velharias enferrujadas que resistem e ficar na frente de uma mentalidade atual como autênticas pioneiras do tempo novo. Vocês também não querem que nem os seus coleguinhas do Direito trocar bofetões comigo?¹⁹⁹

A representação da “mulher ideal” aparece somada ao esforço pessoal consciente, o que demandaria abrir mão de práticas entendidas como deturpadas – tanto no que diz respeito aos livros lidos quanto às práticas amorosas –, uma vez que a motivação maior teria que ser a transformação em “verdadeiras proletárias”. Seguindo o próprio argumento

¹⁹⁸ PAGU. “Normalinhas” ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 13/04/1931, *O Homem do Povo: março/abril de 1931...* p. 2.

¹⁹⁹ Idem.

A MULHER DO POVO

a baixa da alta

O 1.º time não tem mais. Os condes e os fazendeiros commendados de roleta quebraram o título. As festejadas e illustres mães de caridade desta vez despencaram das colleirinhas de velludo e brilhantes pra um mofo de riqueza suja, quotidiana.

Apparecem ainda no seu appparelhamento calthambeque de tafetá deslustrado querendo ainda tirar umas casquinhas. Um illustre linnicista de S. Paulo via só oito famílias no Brasil.

Pois estas oito famílias estão entregando os pontos. E as menins de Syon já são

giris clandestinas. Todo o mundo sabe que a reviravolta fataliza.

Respeitáveis e nobres senhores esmolam tostãozinhos fallidos no cubiculo de Usurarios e dos novos ricaços.

Estes querem agora tomar olgura das famílias desmornadas.

Agitem ñem as suas desmedidas lantejoulas compradas com o suor dos explorados!

Agitem bem suas escamas douradas e caças de moeda até chegar o dia da sara-banda.

a colaboração da chiquinha a tezoura popular

(Secção a cargo da conhecida directora da Academia de Corte "Chiquinha Dell'Oso" — Rua de Riachuelo n. 12).

A THEZOURA POPULAR!

Ao começar nestas chronicas a falar sobre a moda feminina de bem vestir, tenho a dizer que darei um orientamento na elegancia e simplicidade para crear um estylo que deve ser distincto e caracteristico da mulher brasileira.

Precisamos comprehender que não é bello para nós brasileiras sermos escravas de Paris, Londres, Milão, etc. Porque hoje nós somos filhas d'um grande paiz e devemos tambem ser creadoras da nossa moda.

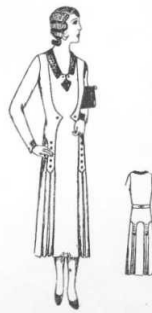
Sei perfeitamente que isto torna-se escabroso para a erealizar, dado o nosso enrabalhamento nos modelos de Paris, etc. que cada dia mais vai se affirmando no estylo da moda particularizada e fixando as suas modalidades em cada uma das phases da vida feminina e com normas especiaes para todas as horas do dia; mudar vestido a cada hora. Isto é uma monstruosidade economica!

Devemos pois abolir este exagero e persuadir-nos que devemos seguir o caminho opposito com um pouco de boa vontade e constancia, porque os affazeres da nossa vida quotidiana o requer e não permite a vadiagem de outros tempos! Hoje tomamos parte activa na sociologia. A crise impera!

Por isto, peço, amaveis leitoras, o auxilio da vossa boa vontade e acompanhar-me nesta cruzada para alcançarmos a independencia da moda feminina economica e brasileira!

Independencia ou morte! Vou dar começo lançando alguns modelos correspondentes a diferentes trajes para as occupaões da manhã.

A mulher brasileira que deseja economizar será cortado gratis o molde dos modelos que sabem nesta secção, mediante apresentaçao



Vestido de selles branco, para manhã. E' guarnecido com a mesma fazenda, em tom azul pereneche, na gola e nos punhos. Os bicos que vêm da blusa terminam na sala com um grupo de pregas duplas, pespontadas.

Dá uma nota pessoal esbelta. E' pratico, elegante no seu talho e dá vida e graça. Cregção: Chiquinha Dell'Oso

o momento



a mulher do povo em greve na Inglaterra

100 réis é o preço do café no Bar ECONOMICO PRAÇA DA SE', 9-F

Precisa-se de um

Linotypista

que saiba trabalhar em machina

typograph

Trafar à rua Augusto de Queiroz 28

CAFE' BOM GOSTO

INSUPERAVEL

Rua General Carneiro, 54

Tel. 2 — 1249

communismo e macrobiologia

Macróbio é um cavalheiro que fala de cima para baixo nas columnas do Diário Popular.

Como todos os macróbios de sciencia palavrosa, só elle conhece os assumptos de que trata.

Ha pouco tempo, referindo-se ao imposto unico, exgoulou esse assumpto num sacudir de orelhas, esbarrachando todos os seus adeptos de uma só patada.

O Sr. Octavio Alves Lima, irritou-se com o atrevimento e quiz pôr as coisas em pratos limpos.

Macróbio levantou a luva com a dianteira e prometeu esfrangalhar o «socialismo agrario» de Henry George com dois panos de trazeira.

Fez o mesmo que o velho Flamarion no «Deus na Natureza»: da primeira á ultima pagina, esse fabricante de literatura astronomica, prende o leitor á promessa de que lhe mostrará Deus, e quanto mais o leitor abre os olhos menos vê o mysterioso cavalheiro.

Sentindo-se ludibriado com esse livro de cavação, o leitor fica safado e tem vontade de pregar com essa borracheira na cara do passador do conto.

Macróbio tambem depois de nos paullificar com coisas que não veem ao caso, conta-nos um incidente idiota da vida de Henry George e outra besteira qualquer da vida de um sujeito que foi precursor daquelle 800 annos antes, e prova assim que é um bicho em questões economicas e que pode abusar á vontade da nossa paciencia.

Ha dias, Macróbio mettu-se a tratar de communismo. E como sempre, começou assim:

«Pouca gente sabe entre nós o que é communismo»...

E como só elle é que sabe tudo, foi affirmando que sobre o assumpto, somente escreveram individuos sem conhecimentos de sciencias juridicas, sociais e economicas, que fundam os seus conceitos em convicções erroneas. E acrescentou: «Todas as obras communistas, desde Carlos Marx até Lenine, têm um quê de obscuro, esquivo á logica, rebelde ao raciocinio». A impressão que deixam é de que seus autores, incapazes de um juizo critico profundo sobre o assumpto de que fizeram doutrina estavam dominados por erroneas convicções, como acontece a certos individuos de intelligencia viva mas de raciocinio curto, que estudam fragmentariamente as sciencias sociais.

«Senhores de meia verdade, julgam sempre haver alcançado a verdade absoluta». A verdade inteira só a conhece Macróbio, porque a colhe nas revistas, fresquinha, facil, a tesourada, e com gomma arabica e geito justapõe-a nas suas chronicas.

O que não é das revistas é do dictionario encyclopedico. Lá está tudo.

Com uma citação elle põe o communismo em cacos:

P. J. Proudhon fóra, pois, perfeitamente justo, quando chaniou ao communismo «la misère de la religion», diz o impagavel Matusalem.

Proudhon chamou ao Communimo «Philosophia da Miséria que Marx contestou com a «Miseria dt Philosophia».

«Religião da Miséria» — deve ser invenção ou cochilo de Macróbio.

Para Macróbio, o communismo não se impõe como doutrina, pois os próprios

adeptos lhe desconhecem, ou, pelo menos, não pregam a sua «systematizaçao theorica», pregam-no como um «regimen politico de justiça social». E togo a seguir:

«Por isso tem essa theoria social feito carra nos povos coloniaes»

O homem deve ter uma manada de burros na cabeça ou está doído.

Porque — ou é ou não é — e elle diz: que é que não é...

Sem respirar elle afirma tudo isto: O Communismo é a religião da Miséria.

«O assumpto de que (os communistas Marx e Lenine) fizeram doutrina»;

«As religiões sempre foram uma especie de doutrina politica»;

«O Communismo não se impõe como doutrina»;

«O communismo não tem systematizaçao theorica»;

«O communismo é theoria social».

Esse bacharelissimo sabio carregado de pandectas, direito canonico e ordenaçoes do reino, faz uma tal trapalhada de contradicções, que a gente fica na impossibilidade de saber se elle diz que é ou não é doutrina e theoria.

Pois bem, Sr. Macróbio, eu vou explicar-lhe em poucas palavras o que é communismo, que você não entende porque você, como o Sr. Plinio Salgado e outros dictionarios da sua especie, teem passado a vida a estudar jogos de palavras, flores de rhetorica sobre todos os assumptos, mas de facto não conhecem bem assumpto algum.

Você poderá, no entanto, encontrar muitos operarios em São Paulo, que pobres de palavras, mas ricos de ideias, lhe

explicarão isso tudo, despretenciosamente, sem prejuizo, das suas occupaões, porque o que, para você é muito difficil, para elles é canja.

Ahi vai o ovo de Colombo.

O Que é Communismo?

E' uma forma essencial do socialismo — E' a sociedade organizada de modo que evite tanto quanto possivel os antagonismos entre os seus membros, objectivando o bem estar da comunidade.

As formigas, as abelhas e outros bichos maiores já descobriram isso muito antes de Colombo vir ao Mundo; mas os homens são os bichos mais bestas da criação. Tão bestas e enfatuados que pretendem ser os reis de toda a bicharada e feitos á imagem e semelhança do criador, não inteiramente fóra da logica, porque este Macróbio tem passado a vida em brincadeiras de mau gosto.

Fez o homem e a mulher com os orgãos differenciados que o homem tem para a mulher e a mulher tem para o homem.

Perverso, criou o diabo serpente para os tentar, fez germinar e maturar a maçã, fez-lhes crescer agna na bocca — e ainda para ser mais claro disse: «crescei e multiplica-vos».

As pobres criaturas, não tinham nada que fazer e comeram a maçã.

Que mal havia nisso?

Nasceram uns filhos e tambem algumas filhas e assim os bichos, homens se foram multiplicando de accordo com ordens superiores mas em desacordo com o moral da igreja, que prohibe o casamento de irmão com irmã.

continúa

heilo negro

de Pagu, pode-se afirmar que essa “mulher autêntica pioneira do tempo novo” estaria sendo reivindicada pela própria autora do texto. Ao fim e ao cabo, ela é que estava, para todos os efeitos, alocada no embate político, seja à frente de um impresso de caráter político, seja nos confrontos diretos com personagens que se opunham às suas ideias.

Infelizmente, não nos foi possível descobrir quem foram os leitores d’*O Homem do Povo*. Campos sugere, mas sem maior detalhamento, que:

Paradoxalmente, o povo não leu *O Homem do Povo*. Leram-no alguns intelectuais, os estudantes de Direito... e a polícia, que acabaria proibindo a sua circulação após a ocorrência, nos dias 9 e 13 de abril, de graves incidentes com os estudantes, que tentaram por duas vezes empastelar o jornal por causa de dois editoriais considerados ofensivos à Faculdade do Largo de São Francisco.²⁰⁰

Assim, ao utilizarmos a noção de representação, foi nossa intenção analisar como a categoria “povo” foi elaborada pelos autores, principalmente por Oswald de Andrade, nas polêmicas por eles alimentadas. Com efeito, talvez nos ajude a entender as relações complexas entre o personagem e as representações criadas por ele, ou melhor, entre suas práticas e representações.

²⁰⁰ CAMPOS, Augusto de. “Notícia impopular do *O Homem do Povo*”. ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, *O Homem do Povo: março/abril de 1931...* p. 10.

Capítulo 3

“Engolir, com manteiga e sangue, a velha sociedade”

3.1. Ser de esquerda, ser comunista...

Após a experiência frustrada de criação e manutenção do jornal *O Homem do Povo*, Oswald deu início à escrita de uma série de textos em que se prestou a reavaliar os ganhos e avanços da Semana de Arte Moderna, discutir quais seriam os papéis do intelectual na arena pública, assim como redefinir quais seriam os lugares que ocuparia como intelectual, agora, assumido como comunista.

Nossa intenção é, a partir de uma série de textos ora compilados em volumes de suas *Obras completas*, ora dispersos em periódicos ou revistas brasileiras, cotejar os posicionamentos de Oswald condizentes ou não com os princípios de uma cultura política comunista.

Uma ressalva, entretanto, se faz necessária. A quantidade de fontes para a pesquisa dessa época se mostrou escassa, se comparado à produção oswaldiana para a década subsequente, isto é, a década de 40. Na intenção de superarmos algumas lacunas, nos apoiaremos, sempre que necessário, em alguns dados de suas memórias, assim como em sua produção literária, a fim de tentarmos nos aproximar e captar elementos que possam nos dar pistas de seus posicionamentos como intelectual engajado.

A questão central desse capítulo é entender o que foi ser comunista para Oswald de Andrade, quais polêmicas alimentou, em quais redes de sociabilidade se inseriu, enfim, quais os sentidos possíveis que o teriam orientado como intelectual e quais as

representações políticas construídas.

Para compreendermos os compromissos políticos de Oswald de Andrade, e concomitantemente a sua escrita política engajada, faz-se necessário entendermos as motivações que o fizeram aderir ao comunismo,²⁰¹ quais as possíveis implicações dessa escolha em seu comportamento, as críticas feitas ao legado modernista e os seus desdobramentos em sua produção intelectual.

O uso do conceito de cultura política, por nos possibilitar trabalhar na longa duração histórica, nos permite cotejar e analisar a trajetória de Oswald na medida em que nos auxilia a entender as escolhas que foram feitas, em função das visões de mundo que traduzem.

A década de 1930 foi marcada por tensões mundiais cruciais nos âmbitos da política e da ideologia que, de diversas formas, provocaram mudanças no mundo inteiro como, por exemplo, a consolidação de Stalin no poder, a ameaça mundial do fascismo, a Guerra Civil Espanhola, os avanços de Hitler e o início da Segunda Guerra Mundial. Período assinalado por lutas ideológicas: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo e crise do liberalismo.

Se, como assinalamos nos capítulos anteriores, a política já se encontrava na produção intelectual de Oswald, esse foi o período em que suas posições foram marcadas por uma maior radicalização se comparado ao experimentado na década de 1920. Nossa hipótese é que, a partir da Crise de 1929, Oswald teria imprimido à sua trajetória como intelectual uma outra significação. Ao ressignificar os principais pontos que nortearam tanto as suas escolhas estéticas modernistas, como as suas crenças políticas, conferiu uma

²⁰¹ Em entrevista, datada de 1954, quando perguntado sobre como foi que aderiu ao comunismo, Oswald respondeu, em tom de troça, que teria sido por “[...] culpa de Patrícia Galvão. Ela fizera uma viagem a Buenos Aires, onde realizou um recital de poesia. Voltou com panfletos, livros e uma grande novidade: ‘– Oswald, tem o comunismo... Conheci o camarada chamado Prestes. Ele é comunista e nós também vamos ficar. Você fica? – Fico’”. Segundo Marcos Rey, “Oswald foi perseguido treze vezes, e treze vezes escapou das grades”. ANDRADE, Oswald de. “Sob as ordens da mamãe”. *Os dentes do dragão...* p. 375.

nova configuração às suas formas de percepção do mundo social.

Para Adriane Vidal Costa,

[...] os acontecimentos desses anos marcaram a intelectualidade latino-americana. Foi um período no qual a produção artística, em grande medida, vinculou-se consciente e ativamente às lutas políticas e ideológicas do seu tempo. Os intelectuais se dividiram: optaram pelo apoio às ideologias nacionalistas de inspiração fascista e nazista, ou, por outro lado, foram defensores do stalinismo e da URSS. No entanto, havia também aqueles que acreditavam na autonomia da arte, os partidários da “arte pela arte”, sem preocupações explícitas de ordem política ou social. Como resposta a essa fermentação ideológica, a poesia de cunho social inundou a América Latina pelos fins da década de 1930: a obra de César Vallejo, Pablo Neruda, Nicolás Guillén, Raul González Tuñón e tantos outros. Situação que os levou a uma revisão profunda de seus valores estéticos e à ênfase no papel do escritor e na importância de uma literatura comprometida com o social e o político.²⁰²

Se Oswald já se mostrara sensível para às questões de cunho social e político, desde o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924), onde se pode perceber os primeiros indícios de um programa para se pensar o Brasil independente e descolonizado, para além da criação estética, acreditamos que foi a partir da nova configuração do cenário mundial, apresentada no início dos anos 30, que se encontram as motivações que nos permitem caracterizá-lo como um intelectual engajado.

Para Antonio Candido:

Nele [Modernismo], e sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-1940), fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. A sua expansão coincidiu com a radicalização posterior à crise de 1929, que marcou em todo o mundo civilizado uma fase nova de inquietação social e ideológica. Em consequência, manifestou-se uma “ida ao povo” [...] por toda parte e também aqui, onde foi o coroamento natural da pesquisa localista, da redefinição cultural desencadeada em 1922.²⁰³

A interpretação de Candido é elogiosa e representa uma perspectiva de valorização da “autenticidade” da arte e do pensamento brasileiros, sob o signo do Modernismo, ao

²⁰² COSTA, Adriane Vidal. “Pablo Neruda: um poeta engajado”. *História e Perspectivas*. Uberlândia (35): 133-174, jul./dez., 2006, p. 136.

²⁰³ CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. *Literatura e sociedade...* p. 132.

considerará-los pontos importantes para o entendimento do cenário político e cultural do Brasil nos anos 30. Ainda para o autor, “[...] a alegria turbulenta e iconoclástica dos modernistas preparou, no Brasil, os caminhos para a arte interessada e a investigação histórico-sociológica do decênio de 1930”.²⁰⁴

Em grande medida, essa é uma leitura que foi canonizada nos estudos literários, uma vez que estabeleceu um corte abrupto entre as conquistas estéticas do Modernismo, nos anos 20, considerada como a sua “fase heróica”, e a sua subsequente apropriação para o campo da política, referenciada como a “fase ideológica”. Um dos efeitos lógicos desse corte, diga-se de passagem, é conferir à escrita literária de alguns autores comprometidos com a política o qualificativo de “literatura menor” ou de pouco valor estético, uma vez que estaria em conexão com princípios ideológicos. Como ressaltamos no capítulo 1, uma divisão que já havia sido anunciada por Oswald, principalmente a partir do texto “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”.

Eduardo de Assis Duarte afirmou, em “*O rei da vela: a Antropofagia encontra o Marxismo*”, que os escritos de Oswald de Andrade

[...] vindos a público entre 1930 e 1945, por evidenciarem as marcas da guinada à esquerda, foram sendo empurrados para uma espécie de vala comum dos textos rotulados como ‘menores’ (ou formalmente conservadores) em função de estarem a serviço de um determinado projeto político, como se os escritos dos anos de 1920 também não possuíssem sua faceta política.²⁰⁵

Com essa virada ideológica, Oswald conferiu, a partir de sua tomada de posição como um intelectual engajado, na década de 30, uma nova reconfiguração em suas relações tanto com o seu passado modernista, quanto em seus posicionamentos como escritor.

Para Maria Eugenia Boaventura, “a nova situação sócio-econômica de Oswald,

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ DUARTE, Eduardo de Assis. “*O rei da vela: a Antropofagia encontra o Marxismo*”. *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005, p. 36.

empresário falido, facilitou a adesão ao Partido Comunista”.²⁰⁶ Para ela, o encontro do escritor com Luís Carlos Prestes, enquanto esse esteve exilado no Uruguai, “mudou o rumo dos projetos pessoais do cidadão Oswald”.²⁰⁷ O escritor chegou a afirmar que “em 30, numa estreita solidariedade com meu estado de arruinado, tornei-me marxista militante e passei a conhecer cortiços, vielas, prisões, lençóis rasgados e fome física”.²⁰⁸

Segundo Boaventura, Oswald teria escrito uma carta a Prestes, ainda no ano de 1930, em que o teria chamado “afetuosamente de general”. Para ela,

[...] o modernista criticava a caminhada dos tenentes pelo país – “uma vergonha ideológica” – quando o sentido revolucionário escapava a seus líderes [...] Antes de entrar para o PC, convidou o cavaleiro da esperança para a abandonar o comunismo – “a última encarnação do pé-de-meia”, “o outro lado do cristianismo burguês”. [...] Propôs em troca “uma ideologia climatérica – a nossa ideologia”: “A Antropofagia como única solução americana dos nossos problemas vivo”, “a livre doutrina da aventura pessoal”. Nessa nova fase da política brasileira, atribuía a Prestes um papel decisivo no processo de democratização.²⁰⁹

Maria Augusta Fonseca também se refere ao episódio.

Em 1931 Oswald e Pagu vão a Montevideu. Lá encontram Luís Carlos Prestes, que, no exílio, já adotara o marxismo em substituição aos vagos propósitos do tenentismo. Oswald de Andrade cerca-se de entusiasmo ao conhecê-lo, um homem culto com quem afirma ter conversado durante três noites nos cafés da capital uruguaia. Confessa então ter acabado com a fase do Modernismo para começar uma outra. Na volta, o casal filia-se ao Partido Comunista Brasileiro.²¹⁰

Oswald referiu-se a Prestes em outros momentos. Ao comentar sobre o término de sua fase modernista, afirmou “[...] encerrei com prazer o período do Modernismo. Pois aquele homem [Luís Carlos Prestes] me apontava um caminho de tarefas mais úteis e mais

²⁰⁶ BOAVENTURA, Maria Eugenia. “A militância intelectual”. *O salão e a selva – uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 177.

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ ANDRADE, Oswald de. *Apud* BOAVENTURA, Maria Eugenia. “A militância intelectual”. *O salão e a selva – uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 177.

²⁰⁹ BOAVENTURA, Maria Eugenia. “A militância intelectual”. *O salão e a selva – uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 178.

²¹⁰ FONSECA, Maria Augusta. “Com Pagu nesta selva selvagem”. *Oswald de Andrade: biografia...* p. 197.

claras”.²¹¹

No segundo número do jornal *O Homem do Povo*, foi publicado um texto intitulado “O general capitão Távora queria conspirar mais!”, datado de 28/03/1931. Apesar de não trazer a assinatura de Oswald, percebemos que ele traz a marca do elogio à figura de Prestes e a tentativa de degradação da figura do Capitão Távora. Em tom de burla, o autor afirmou que Távora queria conspirar mais, “[...] contanto que pagássemos um arame surdo à Inglaterra e aos Estados Unidos e deixássemos aos ricos a fortuna social!”. Segundo o texto, “Luís Carlos Prestes chama-o de safadíssimo; o homem do povo pensa que pode ser burrice”.

A empolgação de Oswald pela figura de Prestes é bem marcante no começo da década de 1930. Boaventura comentou que “[...] o contato com Prestes também influiu repentina e radicalmente na direção do projeto literário de Oswald. Com o mesmo ânimo e paixão com que fizera o Modernismo, entregou-se à política”.²¹² Apesar do exagero do comentário, ou seja, que só a partir desse encontro que Oswald teria se interessado pela política, ele nos é útil para pensarmos na importância de Prestes para o escritor. No jornal, encontramos outra passagem:

O último manifesto de Luís Carlos Prestes é de deixar muita gente estarecida. Não pelo encitamento contínuo que faz o grande chefe da revolução social. Isso já é canja! Mas algumas revelações que traz. Por exemplo, fica-se agora sabendo que o Capitão Távora enquanto assumia o posto de super-generalíssimo do norte, de acordo com Dr. Getúlio Vargas, entrava em francas combinações contra ele, admitindo a hipótese de uma revolução em que se colocaria ao lado de Luís Carlos Prestes, contanto que este abandonasse as reivindicações populares. Luís Carlos Prestes acaba de desmascarar o super-generalíssimo que continuará, no entanto, nos postos de confiança que lhe deu o governo atual.²¹³

²¹¹ ANDRADE, Oswald de. *Apud* BOAVENTURA, Maria Eugenia. “A militância intelectual”. *O salão e a selva – uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 177.

²¹² BOAVENTURA, Maria Eugenia. “A militância intelectual”. *O salão e a selva – uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 177.

²¹³ “O general capitão Távora queria conspirar mais!”. *O Homem do Povo*, 28/03/31, p. 6. Em 1945, Oswald escreveu um poema em homenagem a Luís Carlos Prestes, intitulado “Canto do pracinha só”, a pedido do Partido Comunista Brasileiro. Nele, encontrou-se passagens como “Soldado/ Resoluto e pequenino/ Do

Em 1933, Oswald lançou sua obra de maior repercussão no ambiente literário brasileiro: *Serafim Ponte Grande*. Romance de difícil qualificação dentro do universo de criação modernista, contribuiu enormemente para alimentar o lugar reivindicado por Oswald como um intelectual engajado e pouco afeito a regras pré-definidas. Se, para Candido, o escritor se apresenta como “um problema literário”,²¹⁴ diferente não é a dificuldade de entendê-lo como um intelectual engajado. Não obstante, acreditamos que é a partir de um repertório comum de ação, entendido dentro de uma noção ampla e compartilhada a cultura política comunista, que poderemos iluminar algumas respostas possíveis.

Marc Lasar afirmou, contudo, em “Forte e frágil, imutável e mutável... a cultura política comunista”, ser “[...] mais conveniente aplicar a noção de cultura política a um partido, do que utilizá-la em relação a uma sociedade inteira”.²¹⁵ Para o nosso trabalho, entretanto, a indicação é relevante no que toca exatamente à “formação de comportamentos”, uma vez que nos interessamos pela trajetória intelectual de Oswald.

Para Ângela de Castro Gomes, uma das razões, embora não a única, para a importância da rediscussão do conceito pela historiografia seria

[...] justamente o fato de o conceito de cultura política permitir explicações/interpretações sobre o comportamento político de atores individuais e coletivos, privilegiando suas percepções, suas lógicas cognitivas, suas vivências, suas sensibilidades. Ou seja, realizando o exercício historiográfico que implica se deslocar no tempo e espaço, compreendendo as orientações dos atores, segundo seus próprios códigos

Brasil [...] Luta pracinha, luta/ Contra toda a tirania/ Ataca o ódio, a inveja/ Dilacera a vilania”. Entretanto, em 1954, em uma entrevista concedida à *Tribuna da Imprensa*, Oswald afirmou ser esse o seu pior poema. ANDRADE, Oswald de. “Canto do pracinha só!”. *O santeiro do mangue e outros poemas*. São Paulo: Globo, 1991, p. 101 e 103. Quatro anos antes, em um poema intitulado “Oração do mangue”, com o subtítulo “Anda depressa Timoschenko!”, Oswald tinha escrito um poema extenso em homenagem à resistência da Rússia aos ataques do Exército Alemão, a “Batalha de Stalingrado”: “Nas estepes geladas de Stalingrado/ Na defesa do Kremlin/ Em defesa da liberdade/ Da pátria de todos os trabalhadores do mundo”. No final, fez uma referência ao comunista brasileiro da seguinte forma: “Vem/ Estamos prestes a lutar/ Prestes”. *Ibidem*, p. 43 e 44.

²¹⁴ CANDIDO, Antonio. “Estouro e libertação”. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 41.

²¹⁵ LASAR, Marc. “Forte et fragile, immuable et changeante... la culture politique communiste”. BERSTEIN, Serge (org.). *Les cultures politiques en France...* p. 2.

culturais.²¹⁶

Obviamente, não se tratou de utilizar o conceito para entender um intelectual, mas operacionalizá-lo a partir da constatação da “[...] quantidade impressionante de problemas e de objeções conceituais e metodológicas” que “a noção de cultura política levanta”.²¹⁷

Em prefácio à obra supracitada, Oswald não queria ser apenas o “candidato do povo” à Academia Brasileira de Letras ou o “intelectual homem do povo”, disposto a dizer a verdade ou elucidar a “massa explorada”. O escritor, então, se julgava “[...] possuído de uma única vontade. Ser pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária”. Nesse sentido, afirmou ter se incumbido de uma “[...] tarefa heróica para quem já foi Irmão do Santíssimo, dançou quadrilha em Minas e se fantasiou de turco a bordo”. Para ele, “[...] voltar para trás é que é impossível. O meu relógio anda sempre para frente. A História também”.²¹⁸

Gérard Vincent afirmou, em “Ser comunista? Uma maneira de ser”, que a “adesão ao Partido (com maiúscula, visto que, aos olhos do neófito, é o único partido que conta) é incompreensível sem referência à herança judaico-cristã”. Para ele, “[...] a passagem da escatologia à teleologia se explica pela nostalgia monista: reduzir a diversidade fenomênica a um princípio unitário de explicação”.²¹⁹ Em seu texto, trouxe vários exemplos de posicionamentos similares ao de Oswald, pelo menos expresso em torno da ideia de ser “uma tarefa heróica” colocada a si mesmo.

O comunista indochinês Nguyen Tat Thanh adota o pseudônimo de Ho Chi Minh (“aquele que esclarece”), exorta seus camaradas a “abandonar o velho homem”, prega a ascese e diz que sua admiração por Lenin não procede

²¹⁶ GOMES, Ângela de Castro. “História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões”. SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria de Fátima S. (orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 30.

²¹⁷ LASAR, Marc. “Forte et fragile, immuable et changeante... la culture politique communiste”. BERSTEIN, Serge (org.). *Les cultures politiques en France...* p. 1.

²¹⁸ ANDRADE, Oswald de. “Prefácio”. *Serafim Ponte Grande...* p. 133.

²¹⁹ VINCENT, Gérard. “Ser comunista? Uma maneira de ser”. *História da vida privada*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, vol. 5, p. 427.

“apenas de seu gênio, mas também de seu desprezo pelo luxo, de seu amor pelo trabalho, da pureza de sua vida privada”.²²⁰

Em *Um homem sem profissão: sob as ordens da mãe*, livro de memórias escrito por Oswald na década de 1950, percebemos um depoimento que reforça a presença de uma matriz religiosa, “judaíco-cristã” nas palavras de Vincent, que teria marcado as formas de pensar e agir do escritor, mesmo depois de sua opção pelo comunismo.

Oswald afirmou que passou por uma:

Crise de catolicismo mais do que de religião, pois tendo a Igreja a pior ideia, nunca deixei de manter em mim um profundo sentimento religioso, de que nunca tentei me libertar. A isso chamo eu hoje de sentimento órfico. Penso que é a dimensão do homem. Que dele ninguém foge e que não se conhece tribo indígena ou povo civilizado que não pague este tributo ao mundo subterrâneo em que o homem mergulha. A religião existe como sentimento inato que através do tempo e do local toma essa ou aquela orientação, este ou aquele compromisso ideológico e confessional, podendo também não assumir nenhum e transferir-se numa operação freudiana.²²¹

Nessas memórias, Oswald se propôs, como mencionado anteriormente nesse texto, a reconstruir sua infância, adolescência e os primeiros anos de sua trajetória como escritor e intelectual, período que abarca desde o seu nascimento até o ano de 1919. Entretanto, o relato é marcado por vários pontos de vista e discussões que remetem mais à vida do escritor no momento da escrita do que ao período sobre o qual se propusera a recuperar.

Para ele, “[...] esse instinto, que é impossível deslocar do homem, chamo, como já disse, de sentimento órfico. Hoje a política, a cena, o esporte, também criam divinizações e mitos. Vide Lênin, Mussolini, Hitler, Stalin, os futebolistas, as estrelas. Apenas, os homens querem ver de perto seus deuses”.²²²

Podemos perceber em Oswald a crença inabalável no sucesso da “Revolução Proletária”, que se manifestou no grau de voluntarismo e no abandono de comportamentos,

²²⁰ Ibidem, p. 428.

²²¹ ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: sob as ordens da mãe...* p. 44.

²²² Idem.

a seu ver, incompatíveis com a nova tarefa revolucionária. O corte abrupto com o passado aproxima o futuro do presente, ao condicionar o espaço da experiência às promessas de futuro. Para Oswald, “[...] o caminho a seguir é duro, os compromissos opostos são enormes, as taras e as hesitações maiores ainda”.²²³

Para os fins desse trabalho, tivemos acesso à 2ª edição do romance. Entretanto, sabemos que em 1926 Oswald escreveu um prefácio que tinha como fim fazer parte da primeira publicação do livro. Intitulado “Objeto e fim da presente obra”, publicado na *Revista do Brasil* no mesmo ano, o texto foi renegado pelo escritor quando da publicação do livro, em 1933.²²⁴

Para não perdermos a referência ao texto de 1926, vale ressaltar que a preocupação maior de Oswald naquele momento recaiu sobre a necessidade de reafirmar algumas máximas que já estavam contidas no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* como, por exemplo, “que o material da literatura é a língua [...] a gente escreve o que ouve – nunca o que houve”.²²⁵

Para Oswald, a literatura ainda seguia os protocolos estabelecidos e fixados a partir da Semana de 1922, calcados, em grande medida, na necessidade de uma constante “descoberta do Brasil”.²²⁶ Se essa esteve centrada, como destacamos no primeiro capítulo, na perspectiva essencialista de uma identidade brasileira, em que seria necessário aos

²²³ ANDRADE, Oswald de. “Prefácio”. *Serafim Ponte Grande...* p. 133.

²²⁴ Na segunda edição que consultamos, constatamos a seguinte indicação: “Na página de ante-rosto deste livro, em sua primeira edição, Oswald de Andrade relacionou suas obras sob a rubrica de OBRAS CONDENADAS: *Os condenados*, *A estrela do absinto*, *A escada* (inédito), *Pau-Brasil*, *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* e *Serafim Ponte Grande*”. Ainda, “a edição original desta obra de Oswald de Andrade continha a seguinte nota, no verso da página de rosto: Direito a ser traduzido, reproduzido e deformado em todas as línguas - S. Paulo - 1933”. *Ibidem*, p. 97.

²²⁵ ANDRADE, Oswald de. “Objeto e fim da presente obra”. *Estética e política...* p. 45. No *Manifesto da poesia Pau-Brasil*, Oswald afirmou a necessidade da valorização da “[...] língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”. ANDRADE, Oswald de. “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. *A utopia antropofágica...* p. 42.

²²⁶ Aqui estamos pensando nos temas ou títulos que tiveram lugar nas nomeações de algumas partes do *Poesia Pau-Brasil*, de 1925, como, por exemplo, “Por ocasião da Descoberta do Brasil”, “História do Brasil”, “Poemas da Colonização” e “Roteiro de Minas”.

intelectuais daquele momento debruçarem-se sobre o passado comum, na tentativa de trazê-lo para a superfície, as preocupações políticas de Oswald, a partir do início dos anos 30, conferiu às suas formas de pensar características cosmopolitas, que até então demonstraram-se ainda germinais no *Manifesto Antropófago*.

Ao demarcar as suas formas de pensar a literatura, Oswald afirmou que “[...] aliás, a minha finalidade é a crítica. A obra de ficção em minha vida corresponde a horas livres, em que estabelecido o caos criador minhas teorias se exercitam com pleno controle”. Digase de passagem, afirmação que é importante como ponto de partida para discutirmos os caminhos tomados por Oswald, depois de sua opção pela militância comunista.

Ao pensar quem seriam os representantes do “passado”, entre os escritores e leitores, Oswald, em tom de provocação, incluiu também esses como responsáveis pela situação em que se encontrava o nosso pensamento e a nossa arte.

Para o escritor:

Os retardatários – você com certeza, leitor – pensam que têm gosto porque aprenderam umas coisinhas. São os mantenedores do gosto. O que sai das coisinhas é de mau gosto. Mas nós endossamos o mau gosto e recuperamos para a época o que os retardatários não tinham compreendido. Transponho a vida. Não copio igualzinho. Nisso residui o mestre equívoco naturalista. A verdade de uma casa transposta na tela é outra que a verdade na natureza. Pode ser até oposta. Tudo em arte é descoberta e transposição.²²⁷

O discurso de Oswald, na passagem selecionada, ainda é o da “descoberta”, com pinceladas de valorização de uma espécie de cultura popular brasileira, traduzida pelo “mau gosto”.²²⁸

Em 1933, entretanto, seu discurso foi o de ruptura. As ideias políticas que o orientavam, anteriormente, assim como as formas de se conceber o fazer literário, foram

²²⁷ ANDRADE, Oswald de. “Objeto e fim da presente obra”. *Estética e política...* p. 45.

²²⁸ Oswald explorou uma série de elementos da fala popular do brasileiro em sua poesia, romances e peças de teatro. Entre eles, destacam-se a fala oral/coloquial de situações cotidianas e os erros de escrita do português, que foram utilizados também ao se pensar as possíveis formas ou efeitos de expressão poética.

colocadas em xeque em função da sua escolha por uma literatura engajada, que surgiu ao mesmo tempo que sua postura como intelectual engajado. A publicação de *Serafim Ponte Grande*, por si só, já nos traz um elemento provocativo. Seu prefácio operou pela negação da própria obra, junto às outras obras anteriores publicadas nos anos 20, ou seja, ele desautorizou o romance que deveria formar um conjunto. Enfim, uma nova questão se coloca: como entender essa aposta política de Oswald?²²⁹

Sabemos que o romance em questão foi escrito todo ele durante os anos 20. Fruto do contato que estabeleceu com vários artistas e intelectuais das vanguardas europeias, sua forma de concepção carregou diversas características das manifestações culturais e políticas vanguardistas, principalmente na França. Um desses intelectuais, que se tornaria amigo pessoal de Oswald, foi Blaise Cendrars, que esteve em visita ao Brasil, sendo recepcionado pelo escritor e sua então esposa Tarsila do Amaral. Essa amizade e influência pode ser medida, por exemplo, na dedicação do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* ao poeta francês, na participação de Cendrars na caravana, em 1924, que levou os modernistas a conhecer algumas cidades mineiras e na apresentação do carnaval do Rio de Janeiro a ele.²³⁰

Como ressaltamos nos dois capítulos anteriores, as relações de sociabilidade de Oswald também são ricas chaves para entender as suas tomadas de posição política. Se, nos anos idos da década de 10, percebemos Oswald próximo de uma “boêmia literária”, passando na década subsequente a frequentar vários espaços da consagração modernista de São Paulo – assim como ter amizades e convívio com importantes intelectuais brasileiros e

²²⁹ Na edição original do livro *Serafim Ponte Grande*, o escritor não renegou seus manifestos (*Pau-Brasil* e o *Antropófago*) e nem a *Revista de Antropofagia*. Ver nota 24.

²³⁰ A visita de Cendrars foi de suma importância para Oswald, assim como para Tarsila. No *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, há a seguinte passagem: “Uma sugestão de Blaise Cendrars: – Tendês as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino”. Já na edição original do livro *Poesia Pau-Brasil*, de 1925, logo em sua abertura, consta a dedicatória “A Blaise Cendrars por ocasião da descoberta do Brasil!”. ANDRADE, Oswald de. “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. *A utopia antropofágica...* p. 42.

estrangeiros –, os anos 30 seriam o período de rompimento com esses círculos de amizades.

Como podemos perceber no prefácio de 1933, Oswald apresentou sua obra *Serafim Ponte Grande* como “o necrológio da burguesia. Epitáfio do que fui”. Ao buscar as origens de sua formação, agora pautada pela crítica comunista, relembrou de sua primeira experiência a bordo de um navio, em direção à Europa.

Oswald não mediu palavras para atacar alguns dos intelectuais que, em outros momentos e em outros textos, ele havia elogiado, seja por seu valor como escritor modernista – como Graça Aranha, importante figura para a realização da Semana de Arte Moderna, Emílio de Menezes, já citado no primeiro capítulo –, ou por serem importantes, até então, para a formação de Oswald como um “sátiro”, o que manifestou-se em suas formas de escrita e atitudes. Se a crítica acima afirma-se contra esse tipo de literatura, Oswald não deixou de considerar sua importância pelo viés da política.

Para o escritor:

A situação “revolucionária” desta bosta mental sul-americana, apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletariado – era o boêmio! As massas ignoradas no território e como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda. De vez em quando davam tiros entre rimas [...]. Com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário do mundo, ignorando o Manifesto Comunista e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio. Tinha feito uma viagem. Conhecer a Europa “pacífica” de 1912. Uma sincera amizade pela ralé notivaga da *butte* Montmartre, me confirmava na tendência carraspanal com que aqui, nos bars, a minha atrapalhada situação econômica protestava conta a sociedade feudal que pressentia. Enfim, eu tinha passado por Londres, de barba, sem perceber Karl Marx.²³¹

Esse discurso lembra algumas passagens do *Manifesto a Antropófago*, no que ele parece carregar de “deglutição crítica” do lugar ocupado, até então, por Oswald no seio da intelectualidade modernista brasileira. Se pensarmos que o sentido do seu argumento vai

²³¹ ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande...* p. 132.

em consonância com a sua opção pela militância comunista, a boemia surge como a antítese, sendo a síntese a tomada de consciência do escritor como elemento revolucionário.

Outro elemento importante é a utilização dos qualificativos “proletariado” e “burguesia”, evidenciando a interpretação a partir do conceito de classe social. O intelectual aparece sem rumo, dando voltas sobre si mesmo. Figura amorfa, é representado infantilizado – “brincando de roda” –, que sugere, principalmente a partir desse momento, que o único modelo de intelectual consequente seria aquele engajado na militância comunista, que comungasse com os preceitos da revolução proletária.

Em seus ataques aos caudatários da burguesia, reafirmou as suas contendas com intelectuais que, atolados nas “alas molhadas das letras”, teriam contribuído para a sua decepcionante aventura boêmio-burguesa.

Dois palhaços da burguesia, um paranaense, outro internacional “*le pirate du lac Lemman*” me fizeram perder tempo: Emílio de Menezes e Blaise Cendrars. Fui com eles um palhaço de classe. Acoroçado por expectativas, aplausos e quimeras capitalistas, o meu ser literário atolou diversas vezes na trincheira social reacionária. Logicamente tinha que ficar católico. A graça ilumina sempre os espólios fartos [...]. Continuei na burguesia, de que mais aliado, fui índice cretino, sentimental e poético. Ditei a moda Vieira para o Brasil Colonial no esperma aventureiro de um triestino, proletário de rei, alfaiate de Dom João 6º. Do meu fundamental anarquismo jorrava sempre uma fonte sadia, o sarcasmo. Servi à burguesia sem nela crer. Como o cortesão explorado cortava as roupas ridículas do Regente.²³²

A passagem nos sugere a junção de um discurso iconoclasta, de negação – bem ao gosto “antropófago” –, e de interpretação marxista, sobre a ideia da superação. Nele, podemos perceber a crítica, recheada de sarcasmo e agressividade à burguesia, ao catolicismo, aos poetas brasileiro e francês – antigos amigos –, ao “ser literário” do escritor, ao Padre Vieira,²³³ e, de uma forma abrangente, ao “caráter reacionário” de sua

²³² Idem (itálico e aspas no original).

²³³ No *Manifesto Antropófago*, Oswald já havia se referido negativamente a Padre Vieira da seguinte forma: “Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto

experiência como escritor modernista.²³⁴

Em 1935, em um artigo escrito e publicado em *A Platéia*, revista mantida pelo PCB, Oswald respondeu a uma crítica feita por Paulo Emílio Salles Gomes, também em um artigo para a mesma revista, à peça *O homem e o cavalo*, publicada no ano anterior. A peça tinha sido incluída na série de programas para o Teatro Experiência, de Flávio de Carvalho, e havia sido lida pelo escritor, no espaço onde funcionava o Clube dos Artistas Modernos (CAM). A leitura da mesma chegou a provocar a interdição do teatro pela polícia.²³⁵

Segundo Boaventura,

A peça, em nove quadros, foi lida pelo autor, depois de uma breve exposição sobre a obra e o escritor feita por Jaime Adour da Câmara. Os jornais deram boa cobertura ao evento, tendo o *Diário da noite* entrevistado Oswald de Andrade em 21 de novembro de 1933. O sucesso e os aplausos entre os artistas e intelectuais foram unânimes, incentivando a programar-se sua representação para o mesmo teatro.²³⁶

Entretanto, Paulo Emílio criticou a peça ao afirmar que a linguagem da mesma era licenciosa e seria imprópria para o “operário ler em casa”. Para ele, “os palavrões prejudicavam a grande novidade da obra: a profecia da ascensão do proletariado”.²³⁷

dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia”. ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. *A utopia antropofágica...* p. 48.

²³⁴ Concordamos com a interpretação de Haroldo de Campos, sobre a radicalidade presente na literatura de Oswald. Contudo, como o “Prefácio” de 1933 é um texto militante, com claras intenções de polemizar sobre a própria imagem, o escritor se representou como “reacionário” para demarcar, ao que parece, uma posição “revolucionária” como intelectual engajado. Se cotejado ao “Objeto e fim da presente obra”, analisado anteriormente, as preocupações de Oswald centravam-se na questão de se criar uma literatura nacional. Sobre a discussão do ensaio de Campos, ver nota 74.

²³⁵ BOAVENTURA, Maria Eugenia. “A produção literária”. *O salão e a selva – uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 172. Nicolau Sevcenko afirmou, ao comparar as posturas de Cândido Portinari com a de Flávio de Carvalho, ser “[...] significativo que [...] o maior pintor paulista desse período, Cândido Portinari, te[ve] a sua carreira voltada para atividades ligadas ao governo federal, ao passo que, Flávio de Carvalho, por exemplo, que permaneceu em São Paulo, criou o Teatro da Experiência (1933), que foi fechado pela polícia, e abre sua primeira exposição de pinturas (1934), que é invadida por tropas da polícia, te[ve] várias de suas telas apreendidas e a exposição de seus trabalhos proibida”. SEVCENKO, Nicolau. “São Paulo, laboratório cultural interdito”. *Pindorama revisitada – cultura e sociedade em tempos de virada*. Rio de Janeiro: Fundação Petrópolis, 2000, p. 100.

²³⁶ Idem.

²³⁷ Paulo Emílio Salles Gomes *apud* BOAVENTURA, Maria Eugenia. “A produção literária”. *O salão e a selva – uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade...* p. 172.

A resposta de Oswald nos é bastante sugestiva. Para o escritor, Paulo Emílio estava

[...] simplesmente fazendo o jogo de certo tipo de desagregador que eu chamo de piolho da Revolução. Refiro-me a uma seita de fracassados, subintelectuais ou subartistas, cujo triste e néscio papel consiste em procurar afastar da massa os verdadeiros escritores que a querem servir. Para isso utilizam a intriga e sobretudo a intriga imbecil.²³⁸

Em 1935, Paulo Emílio era um jovem de 18 anos e integrante da Juventude Socialista paulistana. Segundo João Carlos Soares Zuin:

O jovem estudante preso na onda de repressão ao movimento comunista [Intentona, de dezembro de 1935] era conhecido pela polícia por suas participações políticas nos comícios da Aliança Nacional Libertadora e pelos artigos publicados nos periódicos de esquerda como *Vanguarda estudantil*, *A platéia* e no jornal *Correio paulistano*.²³⁹

Em um artigo escrito na década de 1980, intitulado “Um discípulo de Oswald de Andrade em 1935”, Paulo Emílio se referiu a esse ano como marcado por seu forte desejo de ser moderno.

[...] em 1935, pois aderira a tudo que me parecia moderno: o comunismo, o aprismo, Flávio de Carvalho, Mário de Andrade, Lasar Segall, Gilberto Freyre, Anita Malfati, André Dreyfus, Lenine, Stálin e Trotski, Meyerhold e Renato Viana. A confusão era maior ainda. Quando fui ao Rio recolher artigos para a revista que estava fundando com Décio de Almeida Prado, *Movimento*, visitei Lúcia Miguel Pereira, Gilberto Amado, Pontes de Miranda e Maurício de Medeiros...²⁴⁰

Ainda sobre o ano de 1935 e a militância como intelectual engajado, afirmou que tinha

[...] a impressão de que meus 18 anos duraram anos. Tudo aconteceu em alguns poucos meses de 1935. No fim desse ano os comunistas ensaiaram um golpe militar. Oswald se escondeu. Eu fui preso, provavelmente de acordo com meus secretos desejos, mas sem imaginar que a prisão pudesse durar tanto tempo. Quando um ano e meio mais tarde consegui fugir do Presídio do Paraíso, mal revi Oswald e viajei. E quando voltei havia acabado a idade de ouro.²⁴¹

²³⁸ ANDRADE, Oswald de. “Bilhetinho a Paulo Emílio”. *Estética e política...* p. 50.

²³⁹ ZUIN, João Carlos Soares. “Empenho Político e Cultural em Paulo Emílio Salles Gomes: 1935-1945”. *Revista de Sociologia e Política*, nº 17: 107-125, nov. 2001, p. 108 (Disponível no site da Scielo: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n17/a08n17.pdf>).

²⁴⁰ GOMES, Paulo Emílio Salles. “Um discípulo de Oswald em 1935”. *Crítica de cinema no Suplemento Literário*. V. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Embrafilme, 1982, p. 440.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 446.

A resposta de Oswald nos sugere uma interpretação para além da polêmica propriamente dita. Possivelmente, o escritor não considerava Paulo Emílio como um crítico autorizado de sua obra e trajetória. Como afirmado nas passagens, a sua juventude de Paulo Emílio foi marcada por um certo “impressionismo” a respeito do “moderno”. Contudo, os argumentos de Oswald são úteis como um discurso sobre o que foi, em sua concepção, ser um intelectual. Ser “artista” ou “intelectual” era estar a serviço da revolução. Aqueles que não tivessem essa disposição ou não se entregaram a essa tarefa eram “subintelectuais” ou “subartistas”. A sugestão de Oswald é que não haveria a possibilidade de se localizar no meio do caminho: ou se estava a favor das massas ou contra elas. O “piolho” como metáfora do parasitismo exercido por certos intelectuais é indicativo de um compromisso desonesto e insincero com o projeto revolucionário, colocado em marcha por aqueles que, como Oswald, dedicavam a sua escrita e seu voluntarismo político em benefício de mudanças sociais.

Ainda para Oswald:

Não há no Brasil escritor ou artista sério, cito alguns nomes – Santa Rosa, Portinari, Aníbal Machado, Jorge Amado –, que não tenha recebido a palmadinha sardônica desses cartões de barricada, que querem “dirigir” a produção cultural revolucionária. São os que melhor aproveitaram da luta contra o intelectual em que aqui o obreirismo de reflexo tão longamente patinou. Felizmente a luta contra o intelectual honesto já foi liquidada e o Congresso dos Escritores, reunido em Moscou, declarou bem alto que não se pergunta nunca a um companheiro donde vem mas para onde vai.²⁴²

Voluntarismo, engajamento, seriedade, honestidade, lealdade... configuram os principais termos movimentados por Oswald para qualificar e demarcar o “tipo ideal” de ser do intelectual revolucionário. Em seu argumento, esses elementos se apresentam como pontos importantes a partir dos quais o escritor construiu sua retórica em defesa do engajamento político. Não obstante, serviram também para endossar mais uma vez seu

²⁴² ANDRADE, Oswald de. “Bilhetinho a Paulo Emílio”. *Estética e política...* p. 50.

“compromisso com as massas”, por mais que não houvesse um esforço explícito para defini-las.

Em termos ideológicos, esses intelectuais aversos aos valores exaltados por Oswald se prestavam a “falsificar as coisas”, uma vez que

[...] incrustados até no corpo vivo da propaganda, esses malandros que criam o parasitismo vermelho utilizam-se das suas atividades para de um lado admoestar os que honestamente servem às aspirações da nova sociedade e de outro lançar no público proletário a desconfiança sobre a lealdade e a utilidade dos que eles impotentemente invejam.²⁴³

Mas se o conflito se deu também no campo das representações simbólicas, Oswald não se furtou de lançar mão de elementos desqualificadores como, por exemplo, a imagem de intelectuais “malandros”, “parasitas” e “invejosos”, que estariam a serviço da desagregação do proletariado e da criação de sentimentos de desconfiança para com os “intelectuais honestos”. Disposto a estar sempre em vigília no seu posto de intelectual engajado, Oswald passou a concluir os seus textos desse momento com a grafia “sempre disposto”, numa demonstração de constante embate com as forças contrárias ao projeto revolucionário.

Fonseca nos informa, em seu texto biográfico sobre o escritor, que, nos anos 1930, o

Oswald dos grandes alfaiates europeus agora veste roupas simples, conforme a exigência do trabalho partidário naquele momento. Ele próprio continua passando por dificuldades financeiras. Vive em constantes fugas, nas casas dos camaradas. O filho Rudá, pequeno ainda, é guardado certa vez por simpatizantes do Partido, na casa do motorista Demais, em Santo Amaro, com a polícia no encalço de Oswald. Acostumado a ouvir e tratar a todos por camarada, quase põe tudo a perder: procurando uma amiguinha, chama-a em voz alta de camarada Lola.²⁴⁴

Em 1937, por ocasião do lançamento do livro de Plínio Salgado, intitulado

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ FONSECA, Maria Augusta. “Com Pagu nesta selva selvagem”. *Oswald de Andrade: biografia...* p. 204.

Geografia sentimental, Oswald aproveitou o evento para novamente atacar o líder da Ação Integralista Brasileira. Ao intitular seu texto como “País de sobremesa”, o escritor retomou um tema já explorado em 1931, em “Ordem e Progresso”.²⁴⁵

Segundo Oswald,

Um pequeno teste de argúcia faria dizer que somos um país que só tem superestrutura. Não achamos ainda a estrutura nacional. E não encontraremos na rota das Índias, por acaso, como Pedr' Álvares Cabral encontrou o Brasil. Talvez seja essa a chave do nosso dicionário de revoluções. [...] Exportamos bananas, castanhas-do-pará, cacau, café, coco e fumo. País laranja! Temos Coelho Neto, Martins Fontes, Guilherme de Almeida. O sr. Mário de Andrade escreveu um livro que se chama *Dar, Verbo Intransitivo*.²⁴⁶ Tudo resultado da gula. Os olhos da nossa gente melam. Os espíritos também. O açúcar substitui o pão das populações. E os doces de ovos vêm na métrica do sr. Júlio Dantas para produzir o talharim com calda do sr. Menotti del Picchia.²⁴⁷

Publicado no primeiro número da revista *Problemas*, impresso editado pelo PCB, o texto trouxe a marca da irreverência e da sátira de Oswald ao tratar, de um lado, de questões de cunho econômico, e, de outro, de figuras da intelectualidade brasileira. Ao explorar a imagem de um “país de sobremesa”, o escritor afirmou que “para tapear, quando aparece um salvador nacional disposto, chama-se Salgado”.²⁴⁸

Em que pese, na passagem citada, a presença de intelectuais que fizeram parte dos círculos de sociabilidade de Oswald em tempos idos e eram agora seus desafetos, a questão se colocou em torno da leitura “sentimentalizada”, “doce” do Brasil, feita por Plínio Salgado.

Geografia sentimental teria excluído de suas páginas o conflito, ao optar em reafirmar que as chaves para a solução dos problemas nacionais não surgiriam das tentativas de superação do modelo agro-exportador brasileiro ou do enfrentamento dos

²⁴⁵ Esse artigo foi analisado anteriormente, no capítulo 2, e está alocado no primeiro número do jornal *O Homem do Povo*. Ver nota 124.

²⁴⁶ Oswald faz um trocadilho com o nome do livro, publicado por Mário de Andrade, em 1927, *Amar, verbo intransitivo*.

²⁴⁷ ANDRADE, Oswald de. “País de sobremesa”. *Estética e política...* p. 164.

²⁴⁸ Idem.

problemas sociais, mas sim da valorização das características naturais e culturais brasileiras.

Para Oswald, entretanto,

[...] pão mesmo não temos. Nem saúde. Mas temos a hora do Ângelus! Temos poentes! Senão vejam: “A minha terra é linda!” Acaso, à hora do Ângelus, quando as igrejinhas humildes batem, sonoras e comovidas, as “ave-marias”, algum país do mundo terá estes poentes? (*Geografia sentimental*, p. 29).²⁴⁹

Plínio Salgado já havia sido alvo dos ataques de Oswald, por, segundo o comunista, conferir à luta de classes um caráter alegórico, ao esvaziá-la do conflito entre interesses antagônicos, seu principal motor. A essa espécie de “ufanismo”, Oswald respondeu com argumentos de cunho econômico, mas conferindo ao discurso um tom de blague.

Os poentes estão hipotecados aos estrangeiros. Os sabiás, as borboletas e os sinos, também. Mas o “chefe” de um “revolução antiimperialista” não sabe. E implica com as revoluções sérias da nossa história. Tiradentes e a Inconfidência foram uma pura manobra de Moscou e, como tal, molestam a sua cristalina consciência. Falando de Ouro Preto, diz ele: “Lá está o monumento de Tiradentes, no lugar onde sua cabeça foi exposta. Não quero saber nada disso. Quero saber de Dona Dorotéia Joaquina de Seixas e do sr. Ouvidor Apaixonado... (*Geografia sentimental*, p. 157)”.²⁵⁰

Se no *Manifesto Antropófago* podemos perceber, como parte constituinte do imaginário utópico de Oswald, a exaltação da “idade de ouro anunciada pela América”, numa busca de revalorização de todos os elementos que nos caracterizavam como um “Brasil que já tinha descoberto a felicidade” antes da chegada dos portugueses, agora essa ideia retornou ao pensamento do escritor sob o signo da luta contra o imperialismo e os intelectuais de direita, como Plínio Salgado:

Se soubéssemos aproveitar tecnicamente os nosso Eldorados que não são lendas. E lutar não com a banana que apodrece nos cais do mundo. Fazer a indústria pesada. Realizar a indústria de máquinas. Lastrear com o nosso ouro o nosso papel! Ideias subversivas. Poderíamos fazer estourar Londres ou Nova York. Por falar nisso, onde está a nacionalização dos nossos recursos, dos nossos serviços públicos, das minas, das quedas d'água? Não

²⁴⁹ Ibidem, p. 165.

²⁵⁰ Ibidem, p. 166.

há lugar para essas cogitações numa geografia sentimental.²⁵¹

3. 2. O intelectual engajado e as críticas ao Modernismo

Uma das formas encontradas por Oswald para demarcar a sua mudança de posição política foi formular uma autocrítica ao seu passado “burguês”. Empenhado em se apresentar e militar como comunista, o escritor procedeu a uma crítica virulenta aos pressupostos modernistas, assim como aos princípios básicos que configuraram a ideia de antropofagia.

Ao finalizar o “Prefácio” de *Serafim Ponte Grande*, mencionado anteriormente, Oswald afirmou que

[...] o movimento modernista, culminado no sarampão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado. São Paulo possuía um poderoso parque industrial. Quem sabe se a alta do café não ia colocar a literatura nova-rica da semicolônia ao lado dos custosos surrealismos imperialistas? Eis porém, que o parque industrial de São Paulo era um parque de transformação. Com matéria-prima importada. Às vezes originária do próprio solo nosso. Macunaíma.²⁵²

Se no *Manifesto Antropófago* constatamos que, segundo o escritor, “só a antropofagia nos un[iria]. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”, ela se manifestou, nesse momento, aos olhos de Oswald, como uma doença, um “sarampão”, que teria contribuído negativamente para a percepção da realidade social, econômica, filosófica e, por que não, política da nação. Se, ainda ao lembrarmos do manifesto, o escritor afirmou que “a nossa independência ainda não [havia sido] proclamada”, a questão não se colocaria agora contra a “importação de ideias enlatadas”, mas sim da negação da exploração de nossas riquezas, em favor do capitalismo imperialista.²⁵³

²⁵¹ Ibidem, p. 167.

²⁵² ANDRADE, Oswald de. “Prefácio”. *Serafim Ponte Grande...* p. 132-3.

²⁵³ Como analisamos no capítulo 2, Oswald já se posicionava, em “Ordem e Progresso”, contra esse tipo de relação desfavorável ao Brasil, ao evidenciar o quanto o nosso solo era espoliado pela lógica capitalista de produção.

A referência ao livro de Mário de Andrade, *Macunaíma*, exaltado por Oswald em várias outras ocasiões como o principal livro modernista e antropofágico, aparece como sugestão, em síntese, dessa operação que exaltava o movimento modernista como “fenômeno avançado”, em direção ao “progresso” nacional.

Para Oswald, Mário formaria coro entre os “palhaços da burguesia”, assim como ele mesmo tinha sido.

A valorização do café foi uma operação imperialista. A poesia Pau-Brasil também. Isso tinha que ruir com as cornetas da crise. Como ruiu quase toda a literatura brasileira “de vanguarda”, provinciana e suspeita, quando não extremamente esgotada e reacionária. [...] Enquanto os padres, de parceria sacrílega, em São Paulo com o professor Mário de Andrade e no Rio com o robusto Schimidt [sic], cantam e entoam, nas últimas novenas repletas do Brasil: No céu, no céu/ Com “sua” mãe estarei! Eu prefiro simplesmente me declarar enjoado de tudo.²⁵⁴

O “Prefácio” analisado nos sugere, novamente, a forma de um manifesto. Nele, estão presentes estruturas discursivas já percebidas, por exemplo, no *Manifesto Antropófago* e no texto de abertura do primeiro número do jornal *O Homem do Povo*, intitulado “Ordem e Progresso”.

Ao operar por meio de diagnósticos e prognósticos, o texto sugere algo como uma carta de princípios, uma apresentação pública, misto de enunciado e denúncia. Se para Jacques Rancière toda escrita é política, exatamente por operar uma “partilha do sensível”,²⁵⁵ como lugar de constantes disputas entre vários segmentos sociais, Oswald nos sugere um outro gesto, uma auto-encenação, que nos parece ser uma das marcas que acompanha os intelectuais modernos, representado primeiramente pelo autor do manifesto inaugural *J'accuse*, o escritor francês Émile Zola.²⁵⁶

Em texto publicado no único número da revista *Ritmo*, em São Paulo em 1935, sem

²⁵⁴ ANDRADE, Oswald de. “Prefácio”. *Serafim Ponte Grande...* p. 133.

²⁵⁵ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita...*

²⁵⁶ OLINTO, Heidrun Krieger. “Gestos intelectuais no sistema literário”. *Semear*. Instituto Camões Portugal/PUC-Rio, nº 10, s.d., s.p., <http://www.letas.puc-rio.br/catedra/index.html>.

título, Oswald de Andrade insurgiu-se contra a escolha do nome da mesma, ao estranhar a “falta de imaginação” que cercava os moços que se propunham a manter uma revista de cultura. Para o escritor, “numa era sincopada e arrítmica, como a nossa, esse nome só podia brotar em gente que atola no creme de ilusões de antigos compassos. Ou no calor idealista de uma torcida que já quer ver cadência onde só há elementos de sobressalto e luta”.²⁵⁷

Esse texto é indicativo das várias searas em que Oswald de Andrade se inseriu, sempre que havia a possibilidade de opinar ou se posicionar a favor de novas posturas de intelectuais que, até aquele momento, ainda não se posicionavam politicamente em relação ao seu papel na sociedade.

A crítica do escritor situou-se em considerar os responsáveis pela revista, “a novíssima geração”, também como “originários de uma pequena burguesia colonial e pacata” que, diferentemente dos intelectuais engajados, ainda não sentiam o “[...] abalo diário da terra telegráfica e a mobilização das catástrofes que [iriam] engolir, com manteiga de sangue, a velha sociedade”.²⁵⁸

Ainda para o escritor,

[...] nenhum homem de hoje está folgado de prisões, olhos vasados, naufrágios com *crowls* heróicos e guinchos terríveis e surdos porque *Os Lusíadas* nos dentes impedem de berrar por socorro. Isto de escritor com vestuário completo, pena de pato e ordenado, surpreendendo no galinheiro das locubrações a palavra “Ritmo” para capear uma revista, vai longe da nossa vida cavada e rebelde.²⁵⁹

Oswald novamente se posicionou em relação à Semana de Arte Moderna, ao encontrar nela as origens a partir das quais os integrantes da “novíssima geração” de escritores e intelectuais deveriam se apoiar. Seu discurso, nesse momento, também operou, em grande medida, como um corte, novamente uma ruptura, com o legado de 1922, mesmo

²⁵⁷ ANDRADE, Oswald de. “Hora H”. *Estética e política...* p. 46 (título atribuído por Maria Eugenia Boaventura, a organizadora do volume)

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ Idem (itálicos e aspas no original).

que mantendo alguns elementos de continuidade.

Nós, da Semana de 22, não produzimos grande safra. Temos diversas vergonhas no brasão, como essas honradas famílias da pequena burguesia que apanhando um vento de prosperidade vão se tornando moralistas, quando veem de repente as filhas irem parar na casa de Dadá. [...] mas apesar dessas irremediáveis substituições, o patrimônio material existe. Nós fizemos, paralelamente às gerações mais avançadas da Europa, todas as tarefas intelectuais que nos competiam. [...] A nova geração tem que pesquisar tudo isso, tem que conhecer a sucessão libertadora da Semana de 22, que eu orientei para o movimento “Pau-Brasil”, culminando com alguns dos melhores talentos literários do movimento – Bopp, Pagu, Geraldo Ferraz, Osvaldo da Costa, nesse admirável sarampão de revolta que se chamou “Antropofagia” e que havia mais tarde de desembocar no marxismo.²⁶⁰

Nesse momento de sua vida intelectual, Oswald considerava que, junto com vários outros elementos, ele havia abandonado as “proezas espíritas da sensibilidade ultraburguesa pela literatura político-socializante”. O escritor saúda vários intelectuais, através dos quais “a gente tem protestado”, como John dos Passos, Aldous Huxley, Ilia Ehrenburg, e os nacionais, em primeiro plano, Jorge Amado e Aníbal Machado. Esses, segundo Oswald, seriam os responsáveis pelo “romance social moderno, pois passaram e sentiram todas as experiências intelectuais da sua época e trazem no sangue de sua escrita o resultado das mais vastas e corajosas aventuras”.²⁶¹

Curiosamente, entre os vários escritores reverenciados como os principais representantes da literatura política, José Lins do Rego foi quem sofreu as críticas mais duras por parte de Oswald. Mesmo considerando Murilo Mendes e Jorge de Lima como “dois atuais desencaminhados” e Plínio Salgado, como autor de “tentativas estilísticas paranóicas”, a crítica a José Lins recaiu, em grande medida, sobre a sua forma de escrita, via “narrativa direta”. Ao escritor, Oswald

[...] não lhe neg[ou] um sólido fôlego de contador, admir[ou] a honestidade de sua documentação e saud[ou] a direção ideológica que enfim, no último

²⁶⁰ Ibidem, p. 48 (aspas no original).

²⁶¹ Idem.

livro, lhe d[eu] um particular destaque. Mas [se] recus[ou] a ver nele mais que um cicerone que a massa retardada entend[ia].²⁶²

Para Oswald,

[...] tudo isso é preciso, é necessário à formação de vocês que não podem ficar chupando o dedão gostoso de José Lins do Rego, porque é fácil de entender, porque satisfaz as curiosidades mais vivas da adolescência e desafoga seus correspondentes recalques e também porque não obriga ninguém a ter cultura especial nenhuma.²⁶³

Essa indicação é importante para percebermos a pouca simpatia de Oswald por uma literatura pedagogizante, condizente com o Realismo Socialista, até então propagado como modelo ideal de esclarecimento das “massas”.

A massa, meu caro, há de chegar ao biscoito fino que eu fabrico. [...] Descrer da capacidade de compreensão da massa é descrer do próprio progresso revolucionário. É pactuar com a atitude de complô da indústria capitalista, denunciada pela tecnocracia, a qual guarda nas gavetas das burras as invenções mais preciosas e necessárias ao desenvolvimento da humanidade, porque convém aos interesses de grupo que a massa patine nos processos atrasados de produção. Para frente é que se deve andar.²⁶⁴

Ao analisar o Modernismo de 22, Oswald estabeleceu, em texto publicado originalmente no “Suplemento em Rotogravura” do *Estado de S. Paulo*, de 1937, intitulado “O divisor de águas modernistas”, vinte e oito anos antes do texto de Candido,²⁶⁵ uma análise a partir da qual podemos perceber os motivos pelos quais Oswald teria optado pela militância comunista e, concomitantemente, pela criação de uma literatura engajada.

Para o autor, “[...] qualquer apreciação das letras brasileiras deve[ria] ser precedida do exame da revolta manifesta de 1922. Essa famosa Semana foi uma parada de conjunto, feita para protestar contra a decadência da literatura e da arte no Brasil em fevereiro

²⁶² Idem.

²⁶³ Ibidem, p. 49.

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária...*

daquele ano [...]”.²⁶⁶

Nesse momento, o discurso de Oswald, ao retornar ao “legado” da Semana de 1922, é elogioso. O sentido é de monumentalização das propostas e do alcance da iniciativa modernista, de valorização da radicalização daquele evento. Para ele, “[...] a noite heróica da Semana constituiu na apresentação da literatura nova [...] a vitória do movimento nas suas mais incríveis diversidades desenhou-se logo [...]. Estava vencida uma etapa da literatura nacional”.²⁶⁷

Cotejado com a conferência de 1923, “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”, analisada anteriormente no capítulo 1, o texto pode ser entendido, novamente, como uma construção geneológica, ao enfatizar e estabelecer a Semana de Arte Moderna como epicentro a partir do qual teria sido gestado e desenvolvido o “autêntico” pensamento social brasileiro. Para tanto, não deixou, como no texto de 1923, de criar um panteão com “nomes ilustres” que, de uma forma ou de outra, passaram a constituir a memória do modernismo brasileiro.²⁶⁸ Se 1922 foi o momento inicial da consagração do movimento modernista, 1930 seria o de divisão e radicalização. Nas palavras de Oswald, “[...] se 1922 anunciava uma sintaxe para a liberdade criadora de nossa gente, pode-se dizer que só 1930 e a revolução outubrista decidiram do aproveitamento e destino do modernismo”.²⁶⁹

²⁶⁶ ANDRADE, Oswald de. “O divisor das águas modernistas”. *Estética e política...* p. 53.

²⁶⁷ Idem.

²⁶⁸ A lista de “intelectuais brasileiros” é exaustiva, mas achamos relevante citá-los. São eles: Graça Aranha e Paulo Prado (“os velhos letrados”), René Thiollier (“o moço”), Guiomar Novais, Villa-Lobos (o “maestro”), Ronald de Carvalho (o “poeta”), Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Agenor Barbosa, Anita Malfatti, Zina Aita, Victor Brecheret, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Filipe D’Oliveira, Augusto Frederico Schmidt, Cassiano Ricardo, Flávio de Carvalho, Couto de Barros, Osvaldo da Costa, Lasar Segall, Tarsila do Amaral, Tristão de Athayde, Raul Bopp, Aníbal Machado, José Américo de Almeida, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, João Ribeiro. Idem.

²⁶⁹ ANDRADE, Oswald de. “O divisor das águas modernistas”. *Estética e política...* p. 54. Para Oswald, a virada significativa nas concepções e formas de se pensar uma “arte nacional”, a partir do advento da Semana de Arte Moderna, “dentro das linhas avançadas”, teria sido orquestrada, principalmente, pelos escritores Raul Bopp, em *Cobra Norato*, Mário de Andrade, em *Macunaíma* e Aníbal Machado, com *João Ternura*. Ainda para o autor, “espíritos severos como José Américo de Almeida, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda apoiaram a avançada. E a crítica de João Ribeiro consagrou os valores novos”.

Entretanto, Oswald já havia anunciado o fim de sua fase modernista, em 1931. Principalmente a partir do prefácio escrito em 1933, para *Serafim Ponte Grande*, o discurso do escritor é de ruptura. Ao negar quase a totalidade de suas obras publicadas antes de sua filiação ao Partido Comunista, ele assumiu o compromisso de colocar a sua criação literária a serviço da revolução brasileira.

Como entender essas posições aparentemente díspares? O que teria informado essas duas tomadas de posição de Oswald, entre os anos iniciais da década de 1930 e esse texto de 1937, “O divisor das águas modernistas”?

3. 3. Intelectual antifascista, a militância comunista e as relações com o PCB

Sabemos que Oswald se filiou ao PCB em um momento de forte radicalização anti-intelectual. Essa fase, conhecida como “obreirista”, nos dá várias pistas para um melhor entendimento desses dois momentos vividos pelo escritor.

Seu passado ligado aos modernistas de São Paulo contribuiu negativamente para a sua aprovação inicial nos quadros do partido. Sua obra era reconhecida como uma literatura marcada por valores burgueses, pela imoralidade e desaconselhável para a “classe operária”. Oswald era visto com desconfiança pela orientação geral do PCB. Marcado por expulsões, retratamentos ou condenações ao ostracismo de elementos importantes dos quadros políticos do partido, será esse o momento de interesse de Oswald em se filiar ao PCB. Como em outros momentos, essa atitude reforçou, no escritor, o gosto pelas decisões e tentativas de operar cortes radicais em seu comportamento e formas de conceber o mundo à sua volta.²⁷⁰

²⁷⁰ Essa postura nos lembra a máxima expressa no *Manifesto Antropófago*, a partir do drama shakespeariano, “tupi or not tupi, that is the question”. Nele encontramos, em dois momentos distintos, a pergunta “Que temos nós com isso?”, que apareceu depois de vários diagnósticos propostos por Oswald. Nesse momento, não houve resposta para ela. Entretanto, a mesma pergunta ressurgiu no jornal *O Homem do Povo* e passou a

Em “O divisor das águas modernistas”, Oswald demarcou sinteticamente quais teriam sido os motivos pelos quais teria havido uma divisão no seio do modernismo, após a “revolução outubrista”, em 1930.

Dois nomes expressaram exatamente a radicalização política “à direita”, para ele, promovida no seio da intelectualidade brasileira: Tristão de Athayde e Plínio Salgado. Ambos saídos de dentro do movimento modernista, eles teriam destoado dos propósitos de “aproveitamento e destino do modernismo”.

Para Oswald,

[...] o divisor de águas de 30 jogou para a reação, isto é, para a “direita”, alguns dos nomes conhecidos da nova literatura, particularmente os srs. Tristão de Athayde e Plínio Salgado. Ambos porém deixavam logo a sua forma inicial. Poderão comparar-se as crônicas funerárias do atual sr. Tristão de Athayde com os seus “estudos” da época modernista? Quem colocará o afrontoso xarope provinciano que é o último livro do sr. Plínio Salgado, *Geografia Sentimental*,²⁷¹ ao lado da pesquisa brilhante do *Estrangeiro*?²⁷²

O trecho é revelador para pensarmos as relações entre a política e a escrita, no pensamento de Oswald. Plínio Salgado e Tristão de Athayde já haviam sido alvos de vários ataques, por parte do escritor. Expressos em termos de seus posicionamentos políticos – o primeiro, por sua filiação ao integralismo; o segundo, por seu pensamento católico –, Oswald chamará a atenção para o fato da “reação à direita” expressar, em suas escolhas políticas, ligações diretas com o abandono das diretrizes e prescrições elaboradas pelo modernismo. Aqui, a mudança da forma, com o abandono dos pressupostos da criação modernistas que expressava a “liberdade criadora de nossa gente”, trouxe a aproximação ou a radicalização desses intelectuais para a “reação”.

Para Oswald,

ter uma resposta possível. A questão não foi mais colocada entre o “ser ou não ser tupi”, mas entre ser ou não ser povo brasileiro e, no limite, revolucionário.

²⁷¹ Poemas em prosa, publicado em 1937.

²⁷² ANDRADE, Oswald de. “O divisor das águas modernistas”. *Estética e política...* p. 54. O livro de Plínio Salgado foi publicado no ano de 1926.

[...] enquanto isso, a “esquerda” era poderosamente reforçada pelos romancistas do Brasil novo que são Jorge Amado, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e José Lins do Rego, pelos sociólogos Caio Prado Júnior e Djacir Menezes, pelo cronista Rubem Braga, pelos pintores Portinari, Quirino da Silva, Carlos Prado e Santa Rosa. Colocavam-se nessa mesma direção os modernistas católicos Murilo Mendes, José Américo de Almeida e Jorge de Lima e os ponderados valores que são Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Otávio Tarquínio de Sousa e Jaime de Barros. Para a “direita” encaminhavam os nervosos – Otávio de Faria, Lúcio Cardoso e Augusto Frederico Schmidt.²⁷³

O discurso de Oswald operou, como indicado pelo título, um corte cirúrgico no seio do legado modernista. O seu interesse foi, no final das contas, demarcar quem teria escolhido ir para a direita ou para esquerda.

Sem fazer uma referência explícita ao comunismo ou ao integralismo, entendidos como duas forças antagônicas e referenciais no início dos anos 30, sua constatação é de que as forças colocadas em movimento pelo modernismo de 1922 teriam se desdobrado com mais vigor e potencialidade no pensamento da esquerda brasileira. Para ele, “[...] o fato de se verem na ‘esquerda’ tantos homens sensatos, estudiosos e cultos indica que muita gente direita pode não estar na ‘direita’”.²⁷⁴

“Homens de esquerda” seriam, então, “cultos”, “estudiosos”, “sensatos” e “direitos”. Como escritores-intelectuais, estariam a favor de um “novo Brasil”, expressariam uma linguagem da “liberdade de nossa gente”, seriam anunciadores de um “destino” que congregaria novos valores.

Ainda para Oswald, “[...] infelizmente no Brasil não se consegue estudar alguém sem o colocar num trono ou num patíbulo. O menos que pode acontecer hoje a um liberal brasileiro é ser acusado de ter no bolso ouro de Moscou”.²⁷⁵

Em que pese ser essa a única referência à pátria de Lenin, Oswald operou com um

²⁷³ Ibidem, p. 55.

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Idem.

conceito amplo de “esquerda”. Para ele, “[...] a ‘esquerda’ pode[ria] ser perfeitamente legal e ‘bem’ [...] os dois candidatos legítimos à presidência da República²⁷⁶ são de ‘esquerda’, pois ambos se batem contra a ameaça das ditaduras, por esse valor primário do homem que é a liberdade”.²⁷⁷

[...] à esquerda se tem incorporado nobres forças da sensatez e da cultura alarmadas com a fome de territórios alheios pela qual a “direita” manifesta, através de tanto sangue e tanta ruína, o seu amor a Deus e à Família! O extraordinário romancista Aldous Huxley na Inglaterra e o fabuloso Picasso na Espanha solidarizam-se com a “esquerda”, ante o delírio de calamidades desencadeado pela “direita”, nestes últimos anos. Delírio que recrudescerá cada vez que os chefes fascistas fazem sonoras declarações a favor da paz e da ordem.²⁷⁸

Se pensarmos em termos de contrapontos estabelecidos pelo discurso de Oswald, a “direita” pode ser tomada como signo da insensatez e da barbárie. As referências ao “sangue” e às “ruínas” conectam-se ao “delírio das calamidades”, em uma forte imagem de irracionalidade representada pelo fascismo. Apesar de não fazer nenhuma referência direta ao quadro “Guernica”, de Pablo Picasso, também de 1937, imagem representativa do bombardeio da cidade espanhola por aviões alemães, a menção ao pintor espanhol, que também se filiara ao Partido Comunista Francês, em meados da década de 30, nos faz lembrar a forte imagem de calamidade, sangue e ruína que o quadro representa.

Em “A sátira na literatura brasileira”, publicada pela primeira vez em 1937 e republicada em 1945, Oswald fez referência a importância do tema do fascismo em seu pensamento, naquele momento. Segundo o autor, tratava-se de “[...] uma sátira contra o fascismo, que julgo ser mais que oportuna, pois hoje o fascismo não anda às claras como em 37, quando a publiquei, mas aparece oculto e camuflado nas roupagens mais

²⁷⁶ Segundo nota de Boaventura, Oswald estaria fazendo referência aos candidatos José Américo de Almeida (1887-1980), candidato da situação, com o apoio dos governadores do Norte e Nordeste, e Armando Salles de Oliveira (1887-1945), candidato de São Paulo, pelo Partido Constitucionalista. ANDRADE, Oswald de. “O divisor das águas modernistas”. *Estética e política...* p. 55.

²⁷⁷ Idem.

²⁷⁸ Ibidem, p. 56.

inesperadas”.²⁷⁹

Selecionamos algumas partes que exemplificam a forma como o tema foi de suma importância para Oswald.

(Ante uma multidão encapelada e comprimida numa praça, o Chefe surge num estrado alto e embandeirado. Cercam-no o Burro, o Pirilampo, a Força, o Urubu, setenta capangas, uma banda de música, cinco microfones, trinta e dois refletores duplos e centúrias de fotógrafos e operadores de cinema).

A MULTIDÃO (*despertada*)

Viva! Vivoooooooooooo! Óoooooooooooo!

O CHEFE

1931...

A MULTIDÃO

Bravo! Muito bem! Bravíssimooooooooooooo!

O CHEFE

Enganei-me... Em 1913!

A MULTIDÃO

Bravíssimo! Muito bem!

O CHEFE

O céu azul...

A MULTIDÃO (*desvairada*)

Muito bem! Muito bem! Tem toda a razão! Tem sempre razão!

Ooooooooooooo!

O CHEFE

Azul cor de laranja!

O BURRO

Hi! On! Hi! On!

O CHEFE

Obrigado!

Estruturado à forma de um diálogo teatral, o escritor lançou mão, para demarcar as relações entre uma multidão anônima, “encapelada e comprimida numa praça”, e um chefe político, de elementos que podemos encontrar nos movimentos da vanguarda artística européia, principalmente no Dadaísmo. A incorporação do personagem “o Burro” cria um universo de irracionalidade e animalização dos elementos da multidão, uma vez que ele também é parte da plateia que assiste ao discurso.

A MULTIDÃO (*despertada*)

UMA VOZ

Até a natureza se manifesta!

A MULTIDÃO

Bravíssimo! Muito bem! Ooooooooooooo! Aaaaaaaaaa!

²⁷⁹ ANDRADE, Oswald de. “A sátira na literatura brasileira”. *Estética e política...* p. 82.

O CHEFE
Abóbora com farofa!
A MULTIDÃO
Brrrrrrravo! Brrrrrravíssimo! Muito bem! [...]
O CHEFE
Vamos matar todos os desafetos!
(A Força sorri)

Se apenas na passagem anterior é possível percebermos uma manifestação direta do “Chefe”, em que aparece a marca da violência, ao contrário é a “multidão”, que se empolga com o discurso do político. Ele, até então, tinha sido caracterizado pela ausência de sentido claro, de natureza ideológica ou propositiva, configurando-se apenas a partir de frases vazias de sentido. Entretanto, quando estimulada pelo caráter agressivo, a personagem “Força” sorri. Outro elemento curioso no discurso do “Chefe” pode ser percebido no uso das reticências, que sugere a cautela e indecisão do político sobre o que seria dito à multidão. Mas os ânimos vão se acirrando a partir da alimentação entre as falas do “Chefe” e a reação da “multidão” e vice-versa.

A MULTIDÃO (*Urrando*)
Vamos! Vaaaaaaamos! Abaixo os desafetos!
Abaixooooooooooooooooooooo!
O CHEFE
Os indiferentes também!
A MULTIDÃO
Vamooooooooooooooooos! Abaixo os indiferentes! Mataremos todos!
O CHEFE
Vamooooooooooooooooos!
O BURRO
Eu sou fascista! Da primeira hora!
A MULTIDÃO
Sabemos! Vivooooooooooooo!
O BURRO
Fascista histórico! Hi! On!
O CHEFE (*num acesso de oratória*)
Pinhão! Sacudidela! Tornozelo! Barraca! Prato fundo! Almofada!
Marmelada! Oceano Atlântico!

Se para Oswald “descrer da capacidade de compreensão da massa” seria “descrer do próprio progresso revolucionário”, como mencionamos acima, essa mesma massa-multidão aparece nessas passagens como manipulada e manipuladora. A violência

crescente na relação é mais presente nas manifestações da “multidão” e menos nas reações do “Chefe”.

Na passagem acima também é emblemático que seja o “Burro” e não o “Chefe” que se autointitule como fascista. O “Chefe”, num momento clímax de sua “exaltação”, novamente profere palavras desconexas e sem nenhum valor ideológico.

A MULTIDÃO (*fora de si*)
Brrrrravíssimo! Voooooooooooo! Ooooooooooooo! Aaaaaaaaaaaaaa!
A BANDA DE MÚSICA
Fron-fron-frin! Tá-rá-rá! Tchin! Tchin! Tchin! Tá-rá-rá! Bum!
O CHEFE (*terminando a frase*)
Cadeira de balanço de bigode!
A MULTIDÃO (*boquiaberta*)
Aaaaaaaaaa! Ooooooooooooo! Que imagem! Brrrrravíssimooooooooooooo!
A FORÇA
Estou com fome!
O URUBU
Eu também!
O CHEFE
É preciso dar de comer aos que tem fome! Abaixo aos judeus!
A MULTIDÃO ENFURECIDA
Abaixooooooooooooooooooooo!
O CHEFE
Os judeus pobres!
A MULTIDÃO
Vaaaaaaaaaaamos! Vamooooooooooooos! Oooooooooooooooooooooo!
O CHEFE
Vamos tirar tudo dos judeus pobres!
A MULTIDÃO
Vaaaaaaaaaaamos! Vamooooooooooooos! Oooooooooooooooooooooo!
O CHEFE
Quando eles não tiverem mais nada, tiraremos a vida!
A MULTIDÃO (*sanguinária*)
Sim! A vida! Vaaaaaaaaaaamos! Oooooooooooooo!
O CHEFE
Não há nenhum perigo! Deus está conosco! A polícia também! Papai-grande garante!

(O ruído da guerra estronda de repente. Choros convulsos de mulheres, de homens e de crianças. Manchas de sangue espalham-se nas casas desarmadas, nas prisões e nas ruas. Países desprevenidos tornam-se escravos. Cidades livres são algemadas. O luto toma conta da terra, entre soluços de mães, de noivas, de irmãs e de filhos, apavorados).²⁸⁰

²⁸⁰ ANDRADE, Oswald de. Conferência proferida na Biblioteca Municipal de São Paulo, a convite de seu diretor, Sérgio Milliet, em 21 de abril de 1945. Publicada em seu *Boletim Bibliográfico*, nº 78, 1945. *Ibidem*, p. 82-5.

Para Eric Hobsbawm, “[...] o antifascismo certamente não foi, antes de mais nada, um caminho para a teoria acadêmica. Foi, em primeiro lugar, uma questão política, de ação, de escolha, de estratégia”.²⁸¹ A análise do historiador inglês prestou-se a localizar a importância da “causa antifascista” nas décadas de 1930 e 1940, no contexto da tomada de posição dos intelectuais ante o avanço da Segunda Guerra Mundial, a participação de vários deles na Guerra Civil Espanhola e as aproximações de muitos ao stalinismo.

Afirmou o autor:

A novidade deste período – provavelmente reconhecido pelo movimento comunista antes que qualquer outro – foi o alcance das contribuições especificamente intelectuais ao movimento antifascista: não somente, quando se tratava de personagens prestigiosos, como símbolos de propaganda, mas também pelo trabalho nos meios de comunicação [...], como homens de ciência ou em outras atividades que exigiam pessoas dotadas com seus requisitos.²⁸²

As indicações de Hobsbawm são úteis para compreendermos que, para Oswald, essa maneira de ser intelectual também comportava questões relativas às formas de expressão. No caso dele, como indicado acima, ela se deu através da sátira que, para o escritor, foi “[...] sempre a defesa individual ou social contra a opressão, o enfatuamento e as usurpações de qualquer espécie”.²⁸³

Para Oswald,

[...] se 1922 anunciava uma sintaxe para a liberdade criadora de nossa gente, pode-se dizer que só 1930 e a revolução outubrista decidiram do aproveitamento e destino do modernismo. Aí a questão de forma e de técnica literária foi de repente superada. E o modernismo que era uma vanguarda expressional tomou posição na vanguarda política e social do Brasil.²⁸⁴

Em conclusão ao texto de 1937, Oswald afirmou que:

²⁸¹ HOBBSAWM, Eric. “A função civil do compromisso antifascista”. *História do marxismo...* p. 300.

²⁸² *Ibidem*, p. 300-1.

²⁸³ ANDRADE, Oswald de. “A sátira na literatura brasileira”. *Estética e política...* p. 82. Em entrevista de 1945, Oswald afirmou que devia toda a sua carreira de escritor e intelectual a Eça de Queirós, principalmente no tocante ao lirismo e a sátira expressas em suas obras. ANDRADE, Oswald de. “Devo minha carreira ao Eça”. *Os dentes do dragão...* p. 403.

²⁸⁴ ANDRADE, Oswald de. “O divisor das águas modernistas”. *Estética e política...* p. 54.

Ante o divisor das águas contemporâneas, a “esquerda” representa a defesa da independência do nacional. Para a literatura e a arte no Brasil, ela se confunde pois com o próprio sentimento de pátria. Além do que, é o chamado da liberdade e o caminho da democracia. Por isso nela se encontram os grandes representantes do novo pensamento brasileiro.²⁸⁵

Para Candido, contudo, as relações entre a arte – especificamente a literatura –, e a política manifestaram-se, no Brasil, ancoradas em

[...] uma cultura dos conteúdos, inteiramente voltada para a mensagem explícita das obras, sem preocupação específica pelo caráter avançado ou não da forma, que poderia inclusive ser a mais acadêmica. É o problema da mistura de intenção política avançada e gosto atrasado, frequente no universo cultural das esquerdas.²⁸⁶

O cotejamento dos dois textos do escritor é indicativo das posições de entusiasmo de Oswald com o desenvolvimento das relações entre a esquerda e os intelectuais, que estariam atendendo, cada vez mais, ao “chamado da liberdade”. Ao contrário da análise de Candido, os escritores da “esquerda” não seriam, para Oswald, representantes do “gosto atrasado”, mas sim os realizadores do “novo pensamento brasileiro”.

Outra sugestão de Hobsbawm nos auxilia nessa questão. Para ele, “o antifascismo não somente apresentava aos intelectuais novas tarefas e possibilidades como também novos problemas em sua ação política e pública, problemas que foram particularmente graves para os comunistas e seus simpatizantes”.²⁸⁷ Se o historiador identifica, ao que parece, níveis diferenciados de atuação de intelectuais antifascistas e comunistas, em Oswald elas se confundiam, criavam diálogos constantes, se intercambiavam. Ele se mostrou, em vários momentos, pouco afeito às ortodoxias estipuladas pelo PCB, tanto em sua militância quanto em sua escrita. Nesse tocante, dividiu opiniões.

Tito Batini o “considerava anarquista e palhacesca a influência do escritor”.

²⁸⁵ Ibidem, p. 56.

²⁸⁶ CANDIDO, Antonio. *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 149.

²⁸⁷ HOBBSAWM, Eric. “A função civil do compromisso antifascista”. *História do marxismo...* p. 302.

Segundo ele:

Por mais desfrutável que fosse a maneira de ser comunista de Oswald, e realmente o era, ela feria os princípios de sacrifício e autodisciplina, necessários para o desempenho das tarefas revolucionárias, e apontava o caráter autoritário e primitivo da prática militante. Sua proletarização baseava-se no escândalo e na provocação, abalava a moral de sacrifício e máxima austeridade da disciplina comunista, que adiava para o futuro toda a prática socialista, mostrando que podia existir prazer na clandestinidade, e correr perigo possuía um ingrediente de transgressão que calava fundo na vida acomodada.²⁸⁸

Leôncio Basbaum, por sua vez, afirmou que:

Um desses elementos, podemos dizer perniciosos, era uma moça (poetisa) chamada Pagu, que vivia, às vezes, com Oswald de Andrade. Ambos haviam ingressado no Partido, mas para eles, principalmente para Oswald, tudo aquilo lhes parecia muito divertido. Ser membro do PC, militar ao lado de operários autênticos, [...], tramar a derrubada da burguesia e a instauração de uma ditadura do proletariado era sumamente divertido e emocionante.²⁸⁹

Pagu referiu-se, em suas memórias, a Oswald, do início da década de 30, como um simpatizante distanciado das tarefas organizativas, de quem, aliás, foi forçada a se afastar por causa das desconfianças que ele despertava nos quadros partidários.

Eu não era ainda membro do Partido Comunista. O preço disso era o meu sacrifício de mãe. Ainda havia condições mais acentuadas. Oswald era considerado elemento suspeito por suas ligações com certos burgueses, e eu teria de prescindir de toda e qualquer comunicação com ele e, portanto, resignar-me à falta de notícias de meu filho. Não discuti as exigências. Apenas transmiti tudo a Oswald quando chegou, bem como a minha resolução de partir. A atitude de Oswald foi simpática. Não opôs o menor obstáculo. Disse-me apenas que esperaria a minha volta, que eu teria sempre um lugar junto dele. Que voltasse quando quisesse.²⁹⁰

Se os anos iniciais da década de 1930 foram marcados pela radicalização e partidarização da vida nacional sem precedentes, como podemos confirmar a partir dos

²⁸⁸ BATINI, Tito. *Memórias de um socialista congênito*. Campinas: Unicamp, 1991, p. 199.

²⁸⁹ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memória...* p. 199.

²⁹⁰ GALVÃO, Patrícia. *Pagu Paixão: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 95. Pagu foi presa, em 1931, pela polícia política de Getúlio Vargas, por participar de uma greve de estivadores, em Santos. Solta em 1933, fez algumas viagens para, entre outros destinos, a URSS e a França. Em 1935, depois de ter sido presa em Paris com identidade falsa, foi repatriada. Nesse mesmo ano, separou-se definitivamente de Oswald.

pontos de vista do próprio escritor, essas características também podem ser percebidas no Partido Comunista Brasileiro. Esse período foi marcado pela intensificação do contato dos comunistas com a massa trabalhadora, para “conscientizá-la” e conquistá-la para a luta. Para esse fim, “acoreu ao partido grande parte de intelectuais e escritores, possibilitando então uma aliança nova e nada fácil com operários e lideranças populares”.²⁹¹

Para John W. F. Dulles, o Partido havia perdido muito de sua força nos anos iniciais da década de 30, “[...] devido, em grande parte, ao resultado da situação criada dentro do país e do próprio Partido pelos acontecimentos de 1930”. Um dos principais pontos seria o desaparecimento dos quadros dirigentes de intelectuais importantes, que atuaram ativamente na construção do mesmo durante os anos 20. Astrogildo Pereira, secretário geral do Partido desde 1922 até 1930, foi expulso da organização em 1932; Octávio Brandão foi condenado ao ostracismo, mesmo depois de sua tentativa de retratação junto ao Partido, com suas “cinquenta autocríticas”.²⁹²

Contudo, foi nesse período que Oswald se aproximou do Partido, em uma atmosfera em que “[...] os novos líderes do PCB, orgulhosos de seu comportamento obreiro, culpavam os intelectuais, em particular Astrogildo Pereira e Octávio Brandão, pelas medidas que acarretaram, na década de 20, a fraqueza do Partido”.²⁹³

Vinicius Dantas classifica Oswald como “simpatizante”, uma vez, segundo ele, “[...] no começo da década de 30, não existia, por parte dos dirigentes, controle sobre as atividades externas (e culturais) desses intelectuais, artistas e pequeno-burgueses que se identificavam com o Partido”.²⁹⁴

²⁹¹ DANTAS, Vinicius. “Um parêntese biográfico: as relações de Oswald de Andrade com o Partido Comunista”. *Margem Esquerda: ensaios marxistas...* p. 150.

²⁹² DULLES, John W. F. “Introdução”. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973, p. 11.

²⁹³ Idem. Sobre o tom ressentido com que Oswald avaliou os seus 15 anos de militância no Partido, após sua saída em 1945, ver nota 137.

²⁹⁴ DANTAS, Vinicius. “Um parêntese biográfico: as relações de Oswald de Andrade com o partido comunista”... p. 150.

Um depoimento de Raquel de Queiroz, em suas memórias, também é sugestivo sobre as relações dos simpatizantes com o Partido.

Quando nele entrei [em 1931], o partido mal completara dez anos de vida no Brasil. E já havia uma rede de comunistas pelo país inteiro: onde a gente chegava, encontrava amigos. Os mais ruidosos eram os simpatizantes, os que não tinham compromisso ideológico firmado. Aliás, nessa época, entrar para o partido não era fácil. Os simpatizantes ficavam durante anos, principalmente no que se referia à submissão ideológica ao stalinismo.²⁹⁵

Se, como é sugerido, a Oswald sempre foi negada a entrada “de fato” no Partido, não deixa de ser curiosa a constatação, em um texto presente hoje na página oficial do PCB na internet, da reivindicação da figura do escritor como um dos principais intelectuais integrante do mesmo.

No texto “A produção político-cultural do PCB dos anos 30 aos 60”, Ricardo Costa afirmou que:

Os modernistas Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu) entraram para o partido, e publicações editadas entre 1931 e 1934, tais como a revista mensal *Boletim de Ariel* (destinada à divulgação e discussão de livros, na qual se travaram debates sobre o socialismo soviético e a literatura proletária) e a revista de literatura, arte, economia e ciência *Espírito Novo* contavam com a colaboração de nomes vinculados ou próximos ao partido, como Jorge Amado, Alberto Passos Guimarães, Aderbal Jurema, Cândido Portinari, Aníbal Machado, Raquel de Queiroz, Caio Prado Júnior, Carlos Lacerda, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e o já citado Oswald de Andrade, dentre outros.²⁹⁶

Infelizmente, não conseguimos ter acesso a outros textos de Oswald da década de 1930. O grande volume de artigos, ensaios, entrevistas recortes de jornal, alocados dentro

²⁹⁵ Idem.

²⁹⁶ COSTA, Ricardo. “A produção político-cultural do PCB dos anos 30 aos 60”, s/d. Acessado em fevereiro de 2011, no site oficial do partido: www.pcb.org.br. No acesso que tivemos aos poucos números do *Boletim de Ariel* que conseguimos encontrar, foi possível constatar a presença de um texto de Oswald, intitulado “Duas criações da cidade americana”, em forma de apontamentos para “Becco do Escarro”, que foi pensado como primeiro volume do romance cíclico sobre São Paulo, que o escritor não chegou a escrever. Publicado em 1935, o texto não fez nenhuma menção direta ao comunismo ou ao Partido. Nele, o escritor se refere a uma cidade ocupada “de um milhão de escravos”, que fazem aparições “diárias na cidade trágica e fria de negócios, sendo incômoda e espetacular como o surrealismo”. O ambiente é o das transações comerciais, na “cidade confusa do lucro”. ANDRADE, Oswald de. “Duas criações da cidade americana”. *Boletim de Ariel: mensário crítico-bibliográfico: letras, artes, ciências*. Rio de Janeiro, março de 1935, ano 4, nº 6, p. 164.

das *Obras completas* do escritor, abarcam, principalmente, as décadas de 1940 e 1950. Se considerarmos que um dos principais livros, com textos de cunho político de Oswald, *A utopia antropofágica*, organizado em 1990, sequer se preocupou em compilar um único texto da década de 1930, o esforço para recuperarmos a trajetória intelectual engajado de Oswald pode estar apenas começando.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo abordar a trajetória intelectual e política de Oswald de Andrade, nas décadas de 1920 e 1930, particularmente seu engajamento como militante comunista nos anos 30. O trabalho privilegiou a análise de elementos do discurso, posições políticas, atitudes e comportamento do escritor, que nos dessem condições para entender, dentre outras questões, as relações entre o político e a sua produção e ação como intelectual. Se, como foi explicitado pela pesquisa e é conhecido, Oswald não chegou a ocupar nenhum cargo político ou em alguma instituição, a utilização de textos de natureza variada nos auxiliou a compor um quadro mais abrangente e heterogêneo, que foi de suma importância para relativizarmos e matizarmos o que significou, para Oswald, ser um intelectual.

Durante a pesquisa, pudemos perceber que Oswald reclamou para si a imagem de uma figura pública polêmica e combatente. Essas características nos chamaram a atenção para a necessidade de não cairmos na tentação de homogeneizar e teleologizar o itinerário do escritor, o que Pierre Bourdieu chamou de “ilusão biográfica”.²⁹⁷

Se, como afirmou Oswald sobre si mesmo, ele era “um homem sem profissão”, sua atuação sugeriu a imagem de um intelectual que poderia ser considerado “multidisciplinar” ou “multicultural”.²⁹⁸ Ao nos ocuparmos com a produção e com o engajamento, ambos de cunho político, de Oswald, não foi nosso objetivo analisar as relações entre o estético e o político em sua obra. Essa foi a razão pela qual evitamos o uso dessas classificações no trabalho. Cabe ressaltar que, durante o percurso da pesquisa, e de acordo com as várias

²⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. FERREIRA, Marieta de Moraes. & AMADO, Janaína P. (orgs). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

²⁹⁸ BARBOSA, Ana Mae. “Além do visual-verbal. Oswald: um olhar multidisciplinar”. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/ arte, 1998, p. 147-150.

fontes levantadas, conseguimos perceber algumas possibilidades de estudo sobre Oswald que, pelo curto prazo do curso de mestrado, não pudemos contemplar. Uma delas seria analisar os poemas do livro *Pau-Brasil*, de 1924, no que eles sugerem sobre as formas de representação do Brasil “descoberto” pelos portugueses. Neles, vários temas são apresentados como, por exemplo, a cordialidade, a alteridade, em suma, questões que voltariam a ser trabalhadas por Oswald em sua literatura, na militância comunista, em suas teses das décadas de 1940 e 50. Pelo caráter fragmentário e caleidoscópico de sua obra, vislumbramos a possibilidade futura de explorar as reflexões sobre o conceito de “rizoma”, desenvolvido por Gilles Deleuze e Felix Gattari.²⁹⁹ Outra possibilidade seria o uso dos conceitos de “história a contra-pelo” e de “história aberta”, propostos por Walter Benjamin, e presentes nas “teses sobre a história”.³⁰⁰

Outra questão seria analisar o lugar conferido ao campo, às áreas rurais, nas obras de Oswald, principalmente no que se refere às discussões colocadas em pauta pelo PCB – e, principalmente, pela Internacional Comunista –, a partir do final da década de 1930. Esse tema já havia aparecido no jornal *O Homem do Povo*, de 1931, e foi central nas obras *Marco zero: a revolução melancólica* (1943) e *Marco zero: chão* (1945). Ao contrário das polêmicas que envolveram o lançamento de *Serafim Ponte Grande*, em 1933, no seio da intelectualidade brasileira, essas duas obras foram bem recebidas (e elogiadas) por membros do PCB.³⁰¹ O escritor Jorge Amado e o historiador Nelson Werneck Sodré

²⁹⁹ O conceito de rizoma, termo emprestado da Biologia, compreende a formação de um sistema pautado pelos princípios de “conexão”, “heterogeneidade” e “multiplicidade”, como proposição para análises que rompam com as unidades lineares das manifestações culturais. Por Oswald ter sido um intelectual que transitou e atuou em várias áreas do conhecimento, a utilização do conceito favoreceria a análise dessa simultaneidade de sua produção. Trazido para o campo pesquisa da história política, o conceito de rizoma seria útil para a interpretação dos múltiplos diálogos entre o político e o estético. DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

³⁰⁰ Ao se recusar a conceber uma história teleológica, Benjamin a definiu como “aberta”, uma vez que ela seria uma práxis humana, voltada para as preocupações das trocas de experiência dos seres no tempo. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

³⁰¹ Kenneth Jackson afirmou que “Manuel Bandeira, numa resenha de 1933, acent[uou] as deformações individualistas no romance [*Serafim Ponte Grande*], caracterizando-o como ‘diletante e feroz’. Question[ou]

chegaram a publicar algumas críticas positivas sobre o “amadurecimento” do “modernista comunista”.

Ao longo da pesquisa, tivemos acesso a uma série de dissertações e teses que tiveram como tema Oswald de Andrade. Constatamos que, em sua grande maioria, não analisaram os textos de cunho político do escritor. Há um lugar “reservado” aos livros *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, principalmente no que diz respeito aos seus aspectos formais e estilísticos. Nas análises que se detiveram sobre as obras, não encontramos, até o momento, nenhuma que fizesse uso do conceito de “cultura política”, mesmo que, por vezes, trabalhem com noções como: redes de sociabilidade, itinerário, intelectualidade etc. Em nosso trabalho, o conceito foi adotado por ter permitido analisar até que ponto Oswald se esforçou para agir conforme as diretrizes do Partido e, por outro lado, para percebermos os deslocamentos ou desvios cometidos por ele. Por ser um conceito amplo e polivalente, foi possível analisar a produção e a conduta de Oswald, em momentos distintos, frisando sempre permanências e rupturas.

Em relação às fontes, nos beneficiamos de textos de Oswald já publicados. Entretanto, há ainda pouco material reunido (ou mesmo conhecido) de Oswald referente aos anos 30.³⁰² Um bom exemplo disso pode ser percebido na obra organizada por Benedito Nunes, *A utopia antropofágica*. A obra contém textos dos anos 20 e a partir da década de 40. Uma justificativa seria, talvez, pelo fato de, supostamente, o “Oswald

o ato de publicar uma obra renegada, concluindo que ‘o gesto do autor, publicando-a, faz compreender a cautela do partido comunista que não o quis aceitar até hoje. De fato, não se imagina[va] ninguém mais longe da mentalidade marxista’”. Ainda para Jackson, “em 1935, *Serafim* [foi] resenhado por Aderbal Jurema, a partir do ponto de vista ideológico de um revolucionário do proletariado. O espírito cômico, individual e a espontaneidade são vistos como defeitos; o seu autor [foi] considerado um ‘escritor anti-burguês’ que ‘não conseguiu ser um perfeito intelectual revolucionário, atulhado de defeitos do Modernismo klaxon, Antropofagismo & Cia; sua estrutura, a de ‘um dos homens mais inteligentes do Brasil’, dando ‘a impressão de que escrev[ia] por esportismo e não por necessidade de lutar contra o capitalismo absorvente’”. JACKSON, Kenneth David. “50 anos de Serafim: a recepção crítica do romance”. BOAVENTURA, Maria Eugenia (org.). *Remate de Males...* p. 30 e 28.

³⁰² Foi constatada também a existência de poucas referências sobre os anos de 1930 no Fundo Oswald de Andrade, do Arquivo do CEDAE/Unicamp.

comunista” não ser mais “antropofágico” ou por ele ter renegado praticamente toda a sua obra anterior ao seu engajamento político, conforme o “Prefácio” de *Serafim Ponte Grande*. Mas, se pensarmos nesse prefácio como parte de uma estratégia para conquistar a confiança do PCB ou para se apresentar como um intelectual engajado, a indicação não é suficiente para defendermos que Oswald deixou de acreditar na antropofagia. Ao contrário, consideramos que ele nunca deixou de “ser antropófago”.³⁰³ Nossa preocupação foi, desde o início, tentar captar as “formas de ser” de Oswald, desde meados dos anos 20 até o final da década de 1930, mas sem enquadrá-lo em alguma definição rígida de intelectual. As contradições, as dúvidas, os desacertos também fizeram parte da configuração do indivíduo Oswald, assim como de seus projetos políticos e suas vontades de mudança ou permanência.

Por fim, acreditamos que há ainda vários temas e possibilidades para trabalhos futuros sobre Oswald. Mesmo esquecido (ou renegado) em certos momentos, assim como exaltado em outros, seu legado ainda divide opiniões e provoca paixões e dúvidas. Esperamos ter dado alguma contribuição para esse quadro.

³⁰³ Em 1944, no texto intitulado “Meu testamento”, em uma entrevista Edgard Cavalheiro, Oswald reafirmou suas convicções no que diz respeito a revolução social e a importância do primitivismo e da “devoração” antropofágica. ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica...* p. 53-9.

Fontes e Bibliografia

I - Obras de Oswald de Andrade

ANDRADE, Oswald de. “Duas criações da cidade americana”. *Boletim de Ariel*: mensário crítico-bibliográfico: letras, artes, ciências. Rio de Janeiro, março de 1935, ano 4, nº 6.

_____. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Círculo do Livro, [1924] 1985.

_____. *Serafim Ponte Grande*. 3. ed. São Paulo: Círculo do Livro, [1933] 1988.

_____. *Os condenados*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1941] 1970.

_____. *Marco zero: revolução melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1943] 1978.

_____. *Marco zero: chão*. Rio de Janeiro: MEC/Civilização Brasileira, [1945] 1974.

_____. *Poesias reunidas de O. de Andrade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1945] 1972a.

_____. *Ponta de lança*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1945] 1972b.

_____. *Um homem sem profissão: sob as ordens da mamãe*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1954] 1974.

_____. *Teatro: A morta, O rei da vela, O homem e o cavalo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.

_____. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1991.

_____. *Os dentes do dragão*. São Paulo: Globo, 2009.

_____. *Telefonema*. São Paulo: Globo, 1996.

_____. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990.

II – Publicações

ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo: março/abril 1931*. Edição Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 1984.

Revista de Antropofagia (Edição fac-similar). São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

III – Obras a respeito de Oswald de Andrade

- ALMEIDA, Marcos Holanda. *A poética da visualidade em Memórias Sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade*, PUC/SP, 2008 (Dissertação de mestrado em Literatura e Crítica Literária).
- BARBOSA, Ana Mae. “Além do visual-verbal. Oswald: um olhar multidisciplinar”. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/ arte, 1998.
- BERTELLI, Giordano Barbin. *República Pau-Brasil: política e literatura no modernismo de Oswald de Andrade*, UFSC/SP, 2009 (Dissertação de mestrado em Sociologia).
- BOAVENTURA, Maria Eugênia. *A vanguarda antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. São Paulo: Ex Libris, 1995.
- _____. *Remate de Males*. Revista do Departamento de Teoria Literária. São Paulo: Unicamp, n. 6, 1986.
- BOPP, Raul. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- BRITO, Mário da Silva. *Ângulo e horizonte: de Oswald de Andrade à ficção científica*. São Paulo: Martins, 1969.
- _____. *Diário intemporal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *As metamorfoses de Oswald de Andrade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1972.
- _____. “O aluno de romance Oswald de Andrade”. ANDRADE, Oswald de. *Os condenados*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CAMPOS, Haroldo de. “Perfil de Oswald de Andrade” e “Serafim: um grande não livro”. ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. 2ª. ed. São Paulo: Global, 1985.
- _____. “Uma poética da radicalidade”. ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. 3.ed. Rio de Janeiro: MEC, Civilização Brasileira, 1972.
- CANDIDO, Antonio. “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”. ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. 2.ed. São Paulo: Global, 1985.
- _____. “Prefácio inútil”. ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: sob as ordens da mamãe*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARDOSO, Sebastião Marques. *De personagens e anti-heróis: um estudo sobre a trilogia de Oswald de Andrade*, Unicamp/São Paulo, 2007 (Dissertação de mestrado em Teoria e História Literária).
- CHALMERS, Vera M. *3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- COELHO, Marcelo. “Oswald de Andrade foi devorado num culto canibal”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 dez. 1990, p. E-12.

- DANTAS, Vinícius. “Um parêntese biográfico: as relações de Oswald de Andrade com o Partido Comunista”. *Margem esquerda: ensaios marxistas n.º 6*. São Paulo: Boi tempo, 2005.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “O rei da vela: a Antropofagia encontra o Marxismo”. *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald: itinerário de um homem sem profissão*. Campinas: Unicamp, 1989.
- _____. “Posse ou propriedade: eis a questão”. ANDRADE, Oswald. *Marco zero: a revolução melancólica*. São Paulo: Globo, 1992.
- FERREIRA, Antonio Celso. *Um eldorado errante: São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade*. São Paulo: UNESP, 1996.
- FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: biografia*. São Paulo: Art Editora, Secretaria do Estado da Cultura, 1990.
- FREITAS, Nanci de. “Flávio de Carvalho e Oswald de Andrade: actantes provocadores e atos performáticos”. Rio de Janeiro, s.d., IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Arte Cênica.
- INOJOSA, Joaquim. *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1975.
- HELENA, Lúcia. *Totens e tabus da modernidade brasileira: simbologia e alegoria em Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- JACKSON, Kenneth D. *A prosa vanguardista na literatura brasileira: Oswald de Andrade*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. “50 anos de *Serafim*: a recepção crítica do romance”. BOAVENTURA, Maria Eugenia (org.). *Remate de Males*. Campinas: Unicamp, n. 6, 1986.
- LIMA, Luiz Costa. “Oswald, poeta”. *Pensando nos trópicos (dispersa demanda II)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- MAGALDI, Sábato. *O teatro de Oswald de Andrade*. Tese de doutoramento, USP, 1972.
- MAIO, Sandro Roberto. *Melancolia do Progresso: o elo alegórico sobre a modernidade em Os condenados de Oswald de Andrade*. São Paulo: PUC, 2008 (Dissertação de mestrado em Teoria da Literatura).
- _____. “Teatro: Marco Zero” e “O país desmascarado”. ANDRADE, Oswald de. *O rei da vela*. São Paulo: DIFEL, 1967, 1ª edição; São Paulo: Globo, 1990, 8ª edição.
- MARTINS, Heitor. *Oswald de Andrade e outros*. São Paulo: Conselho Nacional de Cultura, 1973.
- MARTINS, Rubens de Oliveira. *Um ciclone na paulicéia: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo*. Dissertação de mestrado em Sociologia. São Paulo: USP, 1997.
- NUNES, Benedito. *Antropofagia ao alcance de todos*. ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.

- _____. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- OLIVEIRA, Mara Jaqueline de. *Entre bondes e carroças: tradição, modernidade e utopia em Oswald de Andrade*. Dissertação de mestrado em Sociologia. Unicamp: São Paulo, 1999.
- GIMENES, Renato Aloizo de Oliveira. “Oswald de Andrade: literatura como política”, RAGO, Margareth; GIMENES, Renato (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. “Um discípulo de Oswald em 1935”. *Crítica de cinema no Suplemento Literário*. V. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Embrafilme, 1982.
- SANTIAGO, Silviano. “Oswald de Andrade: elogio da tolerância racial”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, nº 35, julho de 1992.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20 (Olivério Girondo e Oswald de Andrade)*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- SCHWARZ, Roberto. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. *Que Horas São?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ZUIN, João Carlos Soares. “Empenho Político e Cultural em Paulo Emílio Salles Gomes: 1935-1945”. *Revista de Sociologia e Política*, nº 17: 107-125, nov. 2001, p. 108 (Disponível no site da Scielo: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n17/a08n17.pdf>)

IV – Obras gerais

- ALVES FILHO, Ivan. *Giocondo Dias: uma vida na clandestinidade*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986, p. 248.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo: Alfa-omega, 1976.
- BATISTA, Marta Rosseti. *Brasil: 1º tempo modernista - 1917/29*. São Paulo: IEB, 1972.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOMENY, Helena. “Infidelidades eletivas: intelectuais e o poder”. BOMENY, Helena. *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- BOSI, Alfredo. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. “A ilusão biográfica”. FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína P. (orgs). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CAMPOS, Augusto de. *Pagu: Patrícia Galvão: vida-obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (orgs). *A imprensa confiscada pelo DEOPS 1924-1964*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- CARONE, Edgar. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- _____. *O PCB (1922-1943)*. São Paulo: DIFEL, 1982.
- _____. *A República Velha: I instituições e classes sociais (1889-1930)*. São Paulo: Difel, s.d.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COELHO, Marco Antônio Tavares. *Herança de um sonho: as memórias de um comunista*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CORRÊA, Hércules. *Memórias de um stalinista*. Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1994.
- COSTA, Adriane Vidal. “Pablo Neruda: um poeta engajado”. *História e Perspectivas*. Uberlândia (35): 133-174, Jul./Dez., 2006.
- _____. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- COSTA, Ricardo. “A produção político-cultural do PCB dos anos 30 aos 60”, s/d, (consultado em fevereiro de 2011, no site oficial do partido: www.pcb.org.br).

- CUNHAL, Álvaro. “As seis características fundamentais de um Partido Comunista” (consultado no mês de janeiro de 2011: <http://migre.me/5H6mO>).
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DIAS, Giocondo. *Os objetivos dos comunistas*. São Paulo: Novos Rumos, 1983.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas; CAPELATO, Maria Helena Rolim. “Representação política: de um conceito na historiografia brasileira”. CARDOSO, Ciro F.; MALERBA, J. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. “História e culturas políticas: definições, usos, genealogias”. *Varia Historia*. Belo Horizonte, UFMG, n. 28, 2001.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- FOUCAULT, Michel. “Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze”. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GALVÃO, Patrícia [LOBO, Mara]. *Parque industrial*. São Paulo: EDUFSCar, 1994.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOMES, Angela de Castro (coord.); FLAKSMAN, Dora Rocha; STOTZ, Eduardo. *Velhos militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
-
- _____. “História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões”. SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria de Fátima S. (orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982.

- HEGEDŪS, András. “A questão agrária”. HOBBSAWM, Eric (org). *História do marxismo IV: O marxismo na época da Segunda Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JULLIARD, Jacques. “A política”. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *Fazer a história: novos problemas*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1977.
- KONDER, Leandro. *O marxismo na batalha das ideias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição para a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.
- LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2004.
- LASAR, Marc. “Forte et fragile, immuable et changeante... la culture politique communiste”. BERSTEIN, Serge (org.). *Les cultures politiques en France*. Editions du Seuil, 1999.
- LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1999.
- MALARD, Letícia. *Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- MARÇAL BRANDÃO, Gildo. *Esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista (1920-1964)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MATOS, Olgária Chain Féres. “Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional”. *Tempo Social*. São Paulo, USP, p. 83-90, 1995.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista 1848*. Porto Alegre: L&M, 2001.
- MCCANN, Frank. “A ideologia do papel das Forças Armadas na sociedade”. *Soldados da pátria: história do Exército brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- MAZZEO, Antônio Carlos; LAGOA, Maria Izabel. *Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- MORAES, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.
- MORAES, João Quartim de; DEL ROIO, Marcos. *História do marxismo no Brasil*. São Paulo: Unicamp, 1995.
- MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: IEB, 2001.

- MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo. *Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960)*. Volume 2. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009.
- _____. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- _____. “O PCB e a moral comunista”. *Locus - Revista de História*. Volume 3, número 1, 1997.
- _____. “A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas”. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs). Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2005.
- _____. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. “Batalhas em torno do mito: Luiz Carlos Prestes”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, jul.-dez. 2004.
- _____. “O conceito de cultura política”. *Anais do X Encontro Regional da ANPUH/MG*, Mariana, 1996.
- NETO, Antônio Luiz Machado. “‘Coterias’ e Igrejinhas”. *Estrutura social da República das letras*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1973.
- OLINTO, Heidrun Krieger . “Gestos intelectuais no sistema literário”. *Semear*. Instituto Camões de Portugal/PUC-Rio, nº 10, s/d, s/p (consultado no site <http://migre.me/7PCbT>)
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os novos Bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)*. Tese de doutorado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2003.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEREIRA, Astrojildo; ZAIDAN, Michel. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1980.
- PEREIRA, Astrojildo. “Lutas operárias que antecederam a fundação do Partido Comunista do Brasil”. *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*, nº 39 – março-abril de 1952 (consultado em janeiro de 2011: <http://migre.me/5H6nm>).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

2000.

_____. “História e literatura: uma velha-nova história”. *Nuevo Mundo, Mundo Nuevos*, Debates, 2006 (consultado no site <http://migre.me/7PCqF>)

_____. “Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX)”. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995.

PRADO JÚNIOR, Caio. *O mundo do socialismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. *A revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

_____. *Clássicos sobre a revolução brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

QUEIROZ, Helaine Nolasco. *Verdeamarelo/Anta e Antropofagia: narrativas da identidade nacional brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2010 (Dissertação de Mestrado em História).

RAGO, Margareth. “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”. *Tempo Social*. São Paulo, 7 (1-2), outubro de 1995.

RANCIÈRE, Jacques. “Prefácio”. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

_____. *Historia do marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

ROIO, Marcos Del. *A classe operária burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1990.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Editora da UFBA, 1995.

_____. *Partido Comunista, cultura e política cultural*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 1987.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Raimundo (org). *Questão agrária e política: autores pecebistas*. Rio de Janeiro: EDUR, 1996.

- _____. *Agraristas políticos brasileiros*. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.
- SEGATTO, Jose Antonio. *Breve historia do PCB*. São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. “São Paulo, laboratório cultural interdito”. *Pindorama revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada*. Rio de Janeiro: Fundação Petrópolis, 2000.
- SODRÉ, Néelson Werneck. *Formação histórica do Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. *Introdução à revolução brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.
- _____. *As classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957.
- VASCONCELOS, Dora Vianna. *O homem pobre do campo no pensamento brasileiro e no imaginário social*. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. UFRRJ: Rio de Janeiro, 2009.
- VIANA, Francisco; MORAES, Dênis de. *Prestes: lutas e autocríticas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990.
- VINCENT, Gérard. “Ser comunista? Uma maneira de ser”. *História da vida privada*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, vol. 5.
- VINHAS, Moisés. *Problemas agrário-camponeses do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira, 1972.
- VINHAS, Moisés, *O Partidão: a luta por um partido de massas, 1922/1974*, São Paulo: Hucitec, 1982.
- WAACK, William. “Café Paraventi”. *Camaradas - nos arquivos de Moscou: a história secreta da Revolução Brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- WELCH, Clifford A.; MALAGODI, Edgard. CAVALCANTI, Josefa S. B; WANDERLEY, Maria Nazareth B. (orgs). *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas*. Volume 1. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- ZAIDAN FILHO, Michel. *Comunistas em céu aberto (1922-1930)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.